

ROSANE DE ANDRADE BERLINCK

A ORDEM V SN NO PORTUGUÊS DO BRASIL:
Sincronia e Diacronia

Universidade Estadual de Campinas

Campinas

1988

B455o

10065/BC

ROSANE DE ANDRADE BERLINCK

A ORDEM V SN NO PORTUGUÊS DO BRASIL:

Sincronia e Diacronia

Dissertação apresentada à Coordenação da Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador:
Prof. Dr. Fernando L. Tarallo

Campinas

1988

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Rosane de Andrade Berlinck e aprovada pela Comissão julgadora em 07.10.88

Fernando Tarallo

Prof. DR. FERNANDO LUIZ TARALLO

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

*Ao Estado,
por tudo.*

Meus agradecimentos

Ao Prof. Dr. Fernando L. Tarallo, pela orientação segura, pelo incentivo constante e pelo respeito com que acolheu minhas idéias e me ajudou a desenvolvê-las;

Aos Profs. Drs. Mary A. Kato e Ataliba T. Castilho, membros das minhas bancas de qualificação e defesa, pela orientação, pelo interesse e pelo incentivo que sempre recebi durante toda a nossa convivência dentro do Programa de Pós-Graduação;

À Prof^a Dr^a Maria Luiza Braga, amiga e incentivadora, com quem tive o prazer e o privilégio de discutir minhas dúvidas;

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, que das mais diversas maneiras contribuíram para o meu "amadurecimento" linguístico;

Ao Prof. Dr. José Luiz da Veiga Mercer, por ter guiado meus primeiros passos dentro da Linguística;

Aos funcionários do Instituto de Estudos da Linguagem, com cuja atenção e ajuda sempre pude contar;

Aos meus informantes, que paciente e desinteressadamente me ofereceram seu tempo e a matéria-prima desse trabalho;

Ao CNPq, UNICAMP e CAPES, pelo indispensável apoio financeiro;

Aos meus colegas e amigos, pela convivência, pelas trocas, pelo estímulo e pelo apoio;

À minha família, por acreditar em mim.

ÍNDICE GERAL

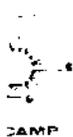
página

índice de Tabelas e Figuras.....	i
Resumo.....	ix
Abstract.....	x

Introdução.....	1
i. Causas, explicações, condicionamentos- uma revisão bibliográfica.....	2
i.1. A natureza do verbo.....	2
i.2. A natureza do SN.....	9
i.3. Para além do verbo e do SN.....	14
i.4. Uma primeira generalização.....	19
ii. O Objetivo dessa pesquisa.....	20
Notas da Introdução.....	25

Capítulo I. O Estudo da Ordem V SN numa perspectiva sociolinguística - procedimentos metodológicos.....	28
i.1. O modelo laboviano.....	28
i.2. Proposta de trabalho.....	30
i.2.1. Objeto e abordagem.....	30
i.2.2. Hipóteses de trabalho.....	32
i.2.3. A coleta de dados.....	33
i.2.4. O envelope da variação.....	35

1.2.5.A definição dos fatores_____	36
1.2.5.1. Realização do SN_____	37
1.2.5.1.1.pronomes demonstrativos e	
indefinidos_____	37
1.2.5.1.2.(determinante) + nome próprio_____	38
1.2.5.1.3.(determinante) + N_____	38
1.2.5.1.4.(determinante) + N +	
adjetivo + (SP)_____	38
1.2.5.1.5. (determinante) + N + SF_____	39
1.2.5.1.6.(determinante) + possessivo + N_____	39
1.2.5.1.7.quantificador + (determinante) +	
(possessivo) + N + (SF)_____	39
1.2.5.1.8.SN + SN_____	39
1.2.5.1.9.N + relativa_____	40
1.2.5.1.10.sujeito constituído de	
oração finita_____	40
1.2.5.1.11.sujeito constituído de	
oração infinitiva_____	40
1.2.5.2. Referência do SN_____	41
1.2.5.2.1.genérico_____	41
1.2.5.2.2.genérico com especificidade	
dada sintática ou contextualmente_____	42
1.2.5.2.3.específico com genericidade	
dada sintática ou contextualmente_____	42
1.2.5.2.4.específico_____	42
1.2.5.2.5.não-se-aplica_____	42



1.2.5.3. Animacidade do SN.....	43
1.2.5.3.1. animado.....	43
1.2.5.3.2. não-animado.....	43
1.2.5.4. Status informacional do SN.....	44
1.2.5.4.1. dado em sentença imediatamente anterior.....	44
1.2.5.4.2. dado em sentença não- imediatamente anterior.....	45
1.2.5.4.3. inferível.....	45
1.2.5.4.4. novo.....	46
1.2.5.5. Forma verbal.....	46
1.2.5.5.1. potencialmente ambígua.....	47
1.2.5.5.2. potencialmente não-ambígua.....	47
1.2.5.6. Transitividade do verbo.....	47
1.2.5.6.1. intransitivo existencial.....	48
1.2.5.6.2. intransitivo não-existencial.....	48
1.2.5.6.3. verbo de ligação.....	49
1.2.5.6.4. expressão fixa.....	49
1.2.5.6.5. transitivo indireto.....	50
1.2.5.6.6. transitivo direto.....	50
1.2.5.6.7. bi-transitivo.....	51
1.2.5.7. Concordância verbal.....	54
1.2.5.7.1. presença de concordância.....	54
1.2.5.7.2. ausência de concordância.....	54
1.2.5.7.3. não-se-aplica.....	54

1.2.5.8. Tipo de predicador_____	55
1.2.5.8.1. estado_____	55
1.2.5.8.2. processo_____	56
1.2.5.8.3. mudança pontual_____	56
1.2.5.8.4. ação_____	57
1.2.5.8.5. ação-processo_____	57
1.2.5.9. Valor aspectual do enunciado:	
modo da ação_____	58
1.2.5.9.1. operação_____	58
1.2.5.9.2. resultado_____	59
1.2.5.9.3. ausência de noção aspectual_____	59
1.2.5.10. Valor aspectual do enunciado:	
face quantitativa_____	59
1.2.5.10.1. ação singular_____	60
1.2.5.10.2. ação repetida_____	60
1.2.5.10.3. ausência de noção aspectual_____	60
1.2.5.11. Valor aspectual do enunciado:	
face qualitativa_____	60
1.2.5.11.1. ação pontual_____	60
1.2.5.11.2. ação durativa_____	61
1.2.5.11.3. ausência de noção aspectual_____	61
1.2.5.12. Estatuto da oração_____	61
1.2.5.12.1. oração independente_____	62
1.2.5.12.2. oração subordinada_____	62

1.2.5.13. Data do <i>corpus</i>	63
1.2.5.13.1. século XVIII (1751 e 1768).....	63
1.2.5.13.2. século XIX (1848 -1851).....	63
1.2.5.13.3. momento atual (1987).....	63
1.2.6. A Quantificação dos dados.....	64
Notas do capítulo I.....	66
Capítulo II. Descrição dos resultados sincrônicos.....	70
2.1. A Realização do SN.....	71
2.2. A Referência do SN.....	78
2.3. A Animacidade do SN.....	83
2.4. O Status informacional do SN.....	84
2.5. A Transitividade do verbo.....	87
2.6. O Tipo de predicador.....	93
2.7. A Concordância verbal.....	97
2.8. O Estatuto da oração.....	98
2.9. O Valor aspectual do enunciado: operação/ resultado.....	101
2.10. O Valor aspectual do enunciado: singular/ repetido.....	103
2.11. O Valor aspectual do enunciado: pontual/ durativo.....	105
Conclusão.....	107
Notas do capítulo II.....	109
Capítulo III. O V de V SN.....	111
Notas do capítulo III.....	130

Capítulo IV. O SN de V SN	133
4.1. Como é - a caracterização	133
4.1.1. O SN oracional	134
4.1.2. O SN não-animado	138
4.2. Como está - o estatuto sintático	145
4.2.1. Sujeito ou objeto? - PerImutter e Pontes	145
4.2.2. Nem sujeito, nem objeto - os dados	148
4.2.2.1. O SN dos existenciais	149
4.2.2.2. O SN de outros intransitivos	154
4.2.2.3. A Escala de sujeitividade	156
4.2.3. Sujeito e objeto - a título de conclusão	159
Notas do capítulo IV	161

Capítulo V. Descrição dos resultados dos séculos XVIII e XIX	166
5.1. Resultados gerais	167
5.2. A Realização do SN	167
5.3. A Referência do SN	179
5.4. A Animacidade do SN	183
5.5. O Status informacional do SN	187
5.6. A Transitividade do verbo	191
5.7. O Tipo de predicador	195
5.8. O Estatuto da oração	200

5.9. O Valor aspectual do enunciado:	
operação/resultado.....	204
5.10. O Valor aspectual do enunciado:	
singular/repetido.....	209
5.11. O Valor aspectual do enunciado:	
pontual/durativo.....	212
5.12. Conclusão.....	216
Notas do capítulo V.....	217
Capítulo VI. Diacronia: o caminho da mudança.....	218
6.1. Os resultados gerais - a mudança.....	219
6.2. Como está se dando a mudança -	
a transição.....	221
6.3. Por que está se dando a mudança -	
o encaixamento.....	236
6.4. O fenômeno e a teoria da variação e	
mudança.....	249
Notas do capítulo VI.....	251
Conclusão.....	253
Notas da Conclusão.....	259
Referências bibliográficas.....	260

ÍNDICE DE TABELAS E FIGURAS

Tabelas	página
2.1. Frequência e probabilidade de V SN segundo a Realização do SN, no <i>corpus</i> sincrônico.....	72
2.2. Frequência de V SN a partir do cruzamento de <u>oração finita</u> e <u>oração infinitiva</u> com Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> sincrônico.....	74
2.3. Frequência de V SN a partir do cruzamento de <u>oração finita</u> e <u>oração infinitiva</u> com Status informacional do SN, no <i>corpus</i> sincrônico.....	74
2.4. Frequência de V SN a partir do cruzamento de <u>(det) + nome próprio</u> e <u>(det) + poss. + N + (SE)</u> com Animacidade do SN, no <i>corpus</i> sincrônico.....	77
2.5. Frequência de V SN a partir do cruzamento de <u>(det) + nome próprio</u> e <u>(det) + poss. + N + (SE)</u> com Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> sincrônico.....	77
2.6. Frequência e probabilidade de V SN segundo a Referência do SN, no <i>corpus</i> sincrônico.....	79
2.7. Frequência de V SN e SN V segundo a Referência do SN, com base em uma distribuição interna das ocorrências.....	80
2.8. Frequência e probabilidade de V SN segundo a Animacidade do SN, no <i>corpus</i> sincrônico.....	83
2.9. Frequência e probabilidade de V SN segundo o Status informacional do SN, no <i>corpus</i> sincrônico.....	85
2.10. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Status informacional do SN e Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> sincrônico.....	86
2.11. Frequência e probabilidade de V SN segundo a Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> sincrônico.....	88

2.12. Frequência de V SN a partir do cruzamento de <u>transitivo direto</u> e <u>transitivo indireto</u> com Animacidade do SN, no <i>corpus</i> sincrônico.....	92
2.13. Frequência e probabilidade de V SN segundo o Tipo de predicador, no <i>corpus</i> sincrônico.....	93
2.14. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Tipo de predicador e Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> sincrônico.....	94
2.15. Frequência e probabilidade de V SN segundo a Concordância verbal, no <i>corpus</i> sincrônico.....	97
2.16. Frequência e probabilidade de V SN segundo o Estatuto da oração, no <i>corpus</i> sincrônico.....	99
2.17. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Estatuto da oração e Transitividade do verbo.....	100
2.18. Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual <u>operação</u> /resultado, no <i>corpus</i> sincrônico.....	101
2.19. Frequência de V SN a partir do cruzamento das noções aspectuais <u>operação</u> e <u>ausência de noção aspectual</u> com Realização do SN, no <i>corpus</i> sincrônico.....	102
2.20. Frequência de V SN a partir do cruzamento da noção aspectual <u>operação</u> com Transitividade, no <i>corpus</i> sincrônico.....	103
2.21. Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual singular/repetido, no <i>corpus</i> sincrônico.....	104
2.22. Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual pontual/durativo, no <i>corpus</i> sincrônico.....	105
3.1. Frequência e probabilidade de V SN segundo a Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> sincrônico.....	113
3.2. Frequência de V SN para verbos intransitivos segundo a distinção <u>inacusativo</u> /inergativo.....	117
3.3. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Transitividade com Animacidade do SN, no <i>corpus</i> sincrônico.....	118

3.4.	Frequência de V SN a partir do cruzamento de Transitividade do verbo e Realização do SN, no <i>corpus</i> sincrônico.	119
3.5.	Frequência de V SN a partir do cruzamento de Tipo de predicador e Transitividade	121
3.6.	Frequência de V SN a partir do cruzamento da distinção aspectual operação/resultado com os verbos intransitivos redimensionados pela relação com Tipo de predicador, como apresentado na figura 3.3.	127
4.1.	Frequência de V SN e SN V segundo a Animacidade do SN	139
4.2.	Frequência de V SN a partir do cruzamento de Animacidade do SN e Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> sincrônico	141
4.3.	Resultados do cruzamento dos fatores Animacidade do SN e Tipo de predicador	141
4.4.	Frequência de V SN a partir do cruzamento de intransitivos não-existenciais, redimensionados segundo a proposta da figura 3.3, e a Animacidade do SN	143
5.1.	Frequência e probabilidade de V SN segundo a Realização do SN, no <i>corpus</i> do século XVIII	168
5.2.	Frequência e probabilidade de V SN segundo a Realização do SN, no <i>corpus</i> do século XIX	169
5.3.	Frequência de V SN a partir do cruzamento de <u>oração finita</u> e <u>oração infinitiva</u> com Tipo de predicador, nos dois <i>corpora</i> diacrônicos	170
5.4.	Frequência de V SN a partir do cruzamento de <u>(det) + N + SP</u> e <u>N + relativa</u> com Estatuto da oração, no <i>corpus</i> do século XVIII	171
5.5.	Frequência de V SN a partir do cruzamento de <u>(det) + N</u> com Status informacional do SN, nos dois <i>corpora</i> diacrônicos	172
5.6.	Frequência de V SN a partir do cruzamento de <u>SN + SN</u> com <u>predicadores de estado</u> , nos dois <i>corpora</i> diacrônicos	174

- 5.7. Frequência de V SN a partir do cruzamento de (det) + possessivo + N com Status informacional do SN, nos dois *corpora* diacrônicos_____175
- 5.8. Frequência de V SN a partir do cruzamento de (det) + nome próprio com Status informacional do SN, nos dois *corpora* diacrônicos_____176
- 5.9. Frequência de V SN a partir do cruzamento de pronomes demonstrativo ou indefinido com Estatuto da oração, nos dois *corpora* diacrônicos_____177
- 5.10. Frequência e probabilidade de V SN segundo a Referência do SN, no *corpus* do século XVIII__180
- 5.11. Frequência e probabilidade de V SN segundo a Referência do SN, no *corpus* do século XIX_____180
- 5.12. Frequência de SN V e de V SN segundo a Referência do SN, no *corpus* do século XVIII_____182
- 5.13. Frequência de SN V e de V SN segundo a Referência do SN, no *corpus* do século XIX_____182
- 5.14. Frequência e probabilidade de V SN segundo a Animacidade do SN, no *corpus* do século XVIII_____183
- 5.15. Frequência e probabilidade de V SN segundo a Animacidade do SN, no *corpus* do século XIX_____184
- 5.16. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Animacidade do SN com Status informacional do SN, no *corpus* do século XVIII_____185
- 5.17. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Animacidade do SN com Status informacional do SN, no *corpus* do século XIX_____186
- 5.18. Frequência e probabilidade de V SN segundo o Status informacional do SN, no *corpus* do século XVIII_____187
- 5.19. Frequência e probabilidade de V SN segundo o Status informacional do SN, no *corpus* do século XIX_____188
- 5.20. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Status informacional do SN com Estatuto da oração, no *corpus* do século XVIII_____189

5.21. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Status informacional do SN com Estatuto da oração, no <i>corpus</i> do século XIX.....	190
5.22. Frequência e probabilidade de V SN segundo a Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> do século XVIII.....	192
5.23. Frequência e probabilidade de V SN segundo a Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> do século XIX.....	193
5.24. Frequência e probabilidade de V SN segundo o Tipo de predicador, no <i>corpus</i> do século XVIII.....	196
5.25. Frequência e probabilidade de V SN segundo o Tipo de predicador, no <i>corpus</i> do século XIX.....	196
5.26. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Tipo de predicador com Status informacional do SN, no <i>corpus</i> do século XVIII.....	198
5.27. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Tipo de predicador com Status informacional do SN, no <i>corpus</i> do século XIX.....	199
5.28. Frequência e probabilidade de V SN segundo o Estatuto da oração, no <i>corpus</i> do século XVIII.....	200
5.29. Frequência e probabilidade de V SN segundo o Estatuto da oração, no <i>corpus</i> do século XIX.....	201
5.30. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Estatuto da oração com Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> do século XVIII.....	202
5.31. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Estatuto da oração com Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> do século XIX.....	203
5.32. Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual operação/resultado, no <i>corpus</i> do século XVIII.....	205
5.33. Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual operação/resultado, no <i>corpus</i> do século XIX.....	205

5.34. Frequência de V SN a partir do cruzamento da distinção operação/resultado com Tipo de predicador, no <i>corpus</i> do século XVIII_____	207
5.35. Frequência de V SN a partir do cruzamento da distinção operação/resultado com Tipo de predicador, no <i>corpus</i> do século XIX_____	207
5.36. Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual singular/repetido, no <i>corpus</i> do século XVIII_____	210
5.37. Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual singular/repetido, no <i>corpus</i> do século XIX_____	210
5.38. Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual pontual/durativo, no <i>corpus</i> do século XVIII_____	212
5.39. Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual pontual/durativo, no <i>corpus</i> do século XIX_____	212
5.40. Frequência de V SN a partir do cruzamento da distinção aspectual pontual/durativo com Tipo de predicador, no <i>corpus</i> do século XVIII_____	214
5.41. Frequência de V SN a partir do cruzamento da distinção aspectual pontual/durativo com Tipo de predicador, no <i>corpus</i> do século XIX_____	214
6.1. Frequência de V SN segundo o <i>corpus</i> analisado_____	220
6.2. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Status informacional do SN e Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> do século XVIII_____	224
6.3. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Status informacional do SN e Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> do século XIX_____	225
6.4. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Status informacional do SN e Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> sincrônico_____	226
6.5. Frequência de V SN segundo a Transitividade do verbo, nos três <i>corpora</i> analisados_____	229
6.6. Frequência e probabilidade de V SN segundo o Estatuto da oração, nos três <i>corpora</i> analisados_____	232

6.7. Resultados de frequência de V SN a partir cruzamento de Concordância verbal e Transi- tividade do verbo, no <i>corpus</i> sincrônico.....	234
6.8. Frequência da retenção pronominal de objeto direto anafórico em cinco momentos históricos.....	238
6.9. Resultados de frequência de V SN segundo a Transitividade do verbo, nos três <i>corpora</i> analisados.....	240
6.10. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Transitividade do verbo e Tipo de pre- dicador, no <i>corpus</i> do século XVIII.....	244
6.11. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Transitividade do verbo e Tipo de pre- dicador, no <i>corpus</i> do século XIX.....	245
6.12. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Transitividade do verbo e Tipo de pre- dicador, no <i>corpus</i> sincrônico.....	246

Figuras

2.1. Frequência de V SN e de SN V segundo a Referência do SN, com base em uma distribuição interna de ocorrências.....	81
2.2. Frequência de V SN e de SN V segundo a oposição genérico/específico.....	82
2.3. Frequência de V SN segundo a Transiti- vidade do verbo, no <i>corpus</i> sincrônico.....	89
3.1. Frequência e probabilidade de V SN segundo a Transitividade do verbo, no <i>corpus</i> sincrônico.....	114
3.2. Frequência de V SN segundo a Realização do SN comparada à frequência dessa orde- nação obtida pelo cruzamento de Realiza- ção do SN e Transitividade do verbo.....	120
3.3. Frequência de V SN com verbos intransitivos não-existenciais, segundo as distinções ob- servadas no cruzamento com Tipo de predica- dor.....	122
4.1. Frequência de V SN e SN V, segundo a Animacidade do SN.....	138

4.2.	Frequência de V SN e SN V segundo a Animacidade do SN.....	140
5.1	Frequência de V SN segundo a Realização do SN, nos dois corpora diacrônicos.....	179
6.1	Frequência de V SN segundo a Transitividade do verbo, nos três corpora analisados.....	230
6.2.	Frequência de retenção pronominal em função de objeto direto comparada à frequência de V SN com verbos transitivos diretos e bi-transitivos, ao longo de cinco momentos históricos.....	241
6.3.	Frequência de V SN segundo o tipo de verbo intransitivo não-existencial, nos três corpora analisados.....	248

RESUMO

Nessa dissertação trato da variação da ordem de constituintes maiores nas sentenças declarativas do português do Brasil. Para focar a questão, assumi a perspectiva de uma das possíveis ordenações - V SN -, procurando caracterizar sua inserção no sistema linguístico, a partir de um estudo quantitativo de dados nos moldes propostos pela "teoria da variação e mudança linguísticas". A caracterização se faz em dois níveis complementares - sincrônico e diacrônico -, revelando, para cada momento histórico analisado, um conjunto diferente de princípios associados ao fenômeno. A análise mostra que, no momento presente, a ordem de constituintes é definida basicamente em função do verbo-predicador atualizado na sentença. Já nos dois períodos anteriores, princípios de natureza mais funcional estão regendo a definição do fenômeno. A comparação dos três momentos revela uma crescente diminuição na frequência de V SN, associada a um movimento gradual de formalização do conjunto de princípios que regem a ordem. Finalmente, o estudo mostra que o fenômeno não constitui propriamente um caso de variação *stricto sensu*, na medida em que traços opostos se ligam a V SN e a SN V, indicando sua complementaridade.

ABSTRACT

In this dissertation I deal with word order variation in declarative sentences of Brazilian Portuguese. To focalize the matter, I assume the perspective of one of the possible orders - V SN -, searching to characterize how it is inserted in the linguistic system, from a quantitative data study as proposed by the "theory of linguistic variation and change". The characterization is made in two complementary levels - synchronic and diachronic -, revealing a different group of principles associated to the phenomenon for each historic moment analysed. The analysis shows that, in the present moment, the word order is basically defined by the specific "verb-predicator" actualized in the sentence. On the contrary, in the two other anterior periods, functional nature principles are governing the phenomenon determination. The comparison of the three moments reveals a decrease in the frequency of V SN, related to a gradual movement of formalization of the group of principles that govern the word order. Finally, the phenomenon does not constitute, properly, a case of *stricto sensu* variation, since opposite traits are bound to V SN and SN V, indicating their complementarity.

INTRODUÇÃO

A ordem dos constituintes da sentença aparece normalmente associada, na tradição gramatical, a duas questões principais: a explicitação das funções sintáticas desses constituintes e a expressão de "informações" pragmático-discursivas. Quanto à primeira, diz-se que o português do Brasil é uma língua predominantemente S V: em que se espera ter o elemento que exerce a função de sujeito anteposto ao verbo-predicador. Já a segunda questão liga-se ao fato de haver, em oposição à ordem básica S V, a ordenação V S (1).

Expressões como "posição anormal", "ordem invertida" e "ordem inversa" estão tradicionalmente associadas a V S e evidenciam o caráter marcado atribuído a essa ordenação. Nessa abordagem do fenômeno, a ocorrência de V S é normalmente explicada por princípios de natureza estilística: recurso à eufonia e à ênfase. Desde as primeiras referências, porém, alguns contextos específicos são apontados como particularmente associados à posposição do sujeito. Os gramáticos consensualmente afirmam que ela é muito comum e até preferida em orações interrogativas, exclamativas, relativas, optativas, existenciais e reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de participípio. Também dizem que será possível em orações declarativas, neutras, afirmativas, ativas desde que se possa "assegurar a perfeita comunicação" (2).

É justamente a explicação dessa possibilidade de ocorrência em orações "básicas" que constitui o objetivo da maior parte dos estudos referentes ao tema. Diferentes em suas abordagens teóricas, eles compartilham a mesma meta geral de compreender o funcionamento do sistema da língua, o que implica em descrever seus fenômenos e postular-lhes causas. Grande tem sido o número de investigações sobre a ordenação V S e a variedade de fatores apontados como possíveis causas do fenômeno. Apesar da diversidade de enfoques, porém, muitos resultados são convergentes. Apresentarei aqueles que, pela recorrência, evidenciaram seu peso explanatório (3).

i. Causas, explicações, condicionamentos -
uma revisão bibliográfica

i.i. A natureza do verbo

O ponto de maior unanimidade entre os pesquisadores se refere à natureza do verbo-predicador. A mono-argumentalidade é indicada, consensualmente, como um fator favorável à ocorrência de V S.

Em *A Posposição do sujeito no português do Brasil*, trabalho de 1979 na linha gerativo-transformacional, Bittencourt fala de V S como uma regra opcional, possível com verbos intransitivos e cópulas e totalmente bloqueada com verbos transitivos, quer eles tenham objeto especificado ou não.

As estruturas resultantes da passivização, possíveis exceções ao poder restritivo dos transitivos, são vistas pela autora como expressões de ser + participio passado ("adjetivo"); ou seja, mais adequadamente associadas ao grupo das cópulas, em que a posposição não encontraria obstáculos.

A análise de Lira (1982) - Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese - difere em perspectiva, mas revela resultados similares. Numa abordagem variacionista, ela conclui que V S é praticamente nula com verbos transitivos (menos de 1%) e levemente favorecida pelos intransitivos (com uma probabilidade de ocorrência de 0.54). Quanto aos verbos copulativos, seus resultados indicam uma leve inibição de V S (0.46)⁽⁴⁾. Lira explica o comportamento dos verbos transitivos por meio de um argumento funcionalista: considerando-se que no português do Brasil o objeto não é superficialmente obrigatório, que o sujeito nulo é um tipo de ocorrência possível e que alguns pronomes podem atuar tanto como sujeito quanto como objeto, a posposição do sujeito com verbos de mais de um argumento poderia gerar estruturas ambíguas quanto à identificação da função sintática do SN posposto.

é o mesmo que afirma Pontes em A ordem VS em português : uma tentativa de explanação:

A primeira generalização a respeito da ordem VS é que ela pode ocorrer nos ambientes em que não seja necessário recorrer à ordem SVO para distinguir sujeito de objeto, (...). Daí ela ser mais encontrada com verbos intransitivos ". (5)

é, ainda, a mesma argumentação encontrada no estudo de Silva-Corvalán (1977) sobre o espanhol mexicano: *Subject expression and placement in Mexican-American Spanish*. Ela diz que as sentenças com dois ou mais argumentos desfavorecem a posposição do SN-sujeito, que ocorreu em apenas 36% dos casos com verbos transitivos observados em seu *corpus*. A preferência por S V nessas construções visaria, segundo a autora, prevenir "incompreensões" quanto às funções dos constituintes. O fato de suas conclusões se referirem a uma língua diversa sugere que o princípio subjacente a esse comportamento linguístico pode ser mais geral do que se supõe. Valeria aqui lembrar os resultados convergentes que Bentivoglio e D'Introno (1978) obtiveram para o espanhol de Caracas.

No que diz respeito às construções mono-argumentais, Silva-Corvalán conclui que não há efeito significativo sobre o posicionamento do SN-sujeito, sendo esse possivelmente determinado nesses casos pelo tipo de referência do SN (igual ou diferente à da sentença anterior) e pelo grau de "novidade" da informação veiculada por ele. Note-se que a autora baseia sua afirmação num percentual de frequência de 54%. Por sua vez, Lira afirma que o fator é significativo a partir de um índice probabilístico de 0.54. Seu resultado de frequência não representa realmente um valor favorável: 26%. Essas divergências revelam, por um lado, que cada tipo de cálculo possui peculiaridades, mas também que a noção de contexto favorável não é completamente uniforme entre os pesquisadores ou, ainda, que

existem diferenças estruturais entre as duas línguas que não são levadas em conta.

Assim como Bittencourt, Lira e Silva-Corvalán, também o trabalho de Votre e Naro, de 1984, *Inversão do sujeito na fala carioca*, aponta para uma associação entre construções não-transitivas e "VSx (ou VxS)". Seu estudo se aproxima do de Lira (1982) por revelar, como esse, que o grupo das intransitivas guarda distinções internas significativas em relação à ordem dos constituintes. Lira observa que, individualmente, os membros desse grupo mostram variações de comportamento que vão do favorecimento à inibição da regra, passando pela indiferença. Similarmente, Votre e Naro descrevem três tipos de relação verbo-sujeito para esse grupo:

- "a) exemplos que parecem admitir apenas a ordem SVx;*
- b) exemplos que parecem admitir apenas a ordem VSx (ou VxS);*
- c) exemplos que, sob certas condições, apresentam a ordem SVx, e sob outras condições apresentam a ordem VSx (ou VxS)." (6)*

A percepção dessas diferenças constitui um dado interessante sobre a questão. No entanto, e infelizmente, nenhum dos dois estudos se aprofunda nesse ponto. Votre e Naro elegem (c) como objeto de análise, na medida em que representa o espaço da variação, propondo motivações de natureza discursiva para explicá-la. Também a observação de Lira se limita à constatação, sugerindo, pelo "tom individualizante", diferenças de natureza lexical como causa das distinções.

Um dos trabalhos mais recentes sobre o fenômeno V S é a tese de Milton do Nascimento - *Sur la postposition du sujet dans le portugais du Brésil* (7). Como todos os citados anteriormente, o autor não tem dúvidas quanto à associação de V S com verbos intransitivos e, assim como Lira (1982) e Votre e Naro (1984), também ressalta o fato de essa relação não ser nem uniforme, nem categórica. Dentro de uma abordagem gerativista, Nascimento defende um princípio geral segundo o que é possível "...relacionar todas as questões envolvidas com a inversão do sujeito em português com o processo responsável pela formação das frases que se denominam geralmente 'existenciais' ou 'apresentativas'" (8). Esse processo pode se dar com qualquer verbo intransitivo e supõe a posposição do sujeito. O inverso também é verdadeiro: "...a ordem VS só permite a interpretação apresentativa" (9). Desse modo, a questão da ordem, em última análise, seria definida no português do Brasil pelo objetivo específico subjacente à construção de uma sentença: predicar (e nesse caso o sujeito viria anteposto ao verbo) ou apresentar (quando ocorreria V S).

é importante lembrar que a proposta de Nascimento representa um aprofundamento teórico (com um conseqüente enriquecimento explanatório) sobre fatos conhecidos e de há muito descritos em nossa tradição gramatical e em toda a literatura lingüística sobre o tema. Já em Epiphânio Dias (1917) encontra-se referência à normalidade de V S "...com os verbos existir, aparecer, ocorrer, e aos de significação semelhante" (10), que se reproduz com poucas variações na maioria

das descrições gramaticais que o sucederam. Earl Thomas (1969) - *The Syntax of Spoken Portuguese* -, ao afirmar que "...alguns verbos são quase sempre seguidos por seus sujeitos", ressalta que a maioria deles "...expressa uma afirmação ou negação de existência: existir, faltar, sobrar, ficar (restar), aparecer, surgir, sumir" (11). Lira (1982), por sua vez, diz que a maior parte dos casos de V S com verbos intransitivos encontrados em seu corpus poderia ser considerada como construções com verbos existenciais e lembra Givón (1976), segundo o qual tais verbos se caracterizam universalmente por V S. Essa tendência geral também é referida por Silva-Corvalán (1977) e por Bentivoglio (1984). Ainda, em estudo recente sobre a ordem do sujeito nominal no português culto falado em São Paulo (12), Bilgert e Gallemebeck atestam uma frequência de 96% de V S com verbos existenciais. Esse resultado mantém-se inalterado a despeito da co-ocorrência de outros possíveis fatores determinantes da ordem, relativos à natureza do SN-sujeito, como sua dimensão sintática, seu grau de especificidade ou a distinção referente já mencionado/referente ocorrendo em primeira menção.

Bittencourt (1979) procura explicar a "aparente obrigatoriedade" de V S com verbos existenciais em função de restrições semânticas associadas a um SN indefinido. Ela argumenta que, segundo análise proposta por Perini (13), um SN tópico pressupõe a existência de seu conjunto referencial. Quando o SN tópico é indefinido, o predicado realiza uma dupla predicação: afirma algo sobre o referente e o nega sobre o complemento de seu conjunto referencial. Se o predicado é consti-

tuído de um verbo existencial, a predicação será a própria instauração do objeto no discurso. Ora, diante de um SN indefinido, o verbo existencial afirmará a existência de seu conjunto referencial e negará a existência do complemento desse conjunto. Mas, para negar, ele terá, paradoxalmente, que supôr antes a existência desse complemento. A posposição evitaria esse choque semântico pois o SN não ocuparia mais a posição de tópico e, portanto, estaria fora da "jurisdição" da regra de predicação.

A análise de Nascimento (1984) apresenta muitos pontos de contato com a proposta de Perini aplicada por Bittencourt. Falando a respeito da restrição sobre SNs definidos na inversão de frases existenciais, ele diz que

"...as frases apresentativas excluem os SNs em que os determinantes se referem à 'totalidade do conjunto referencial', aceitando apenas os SNs que se referem aos elementos identificados como uma parte de um conjunto referencial" (14)

Percebe-se que ambas as análises concebem a distinção definido/indefinido identicamente. Nascimento denomina "a possibilidade de ter uma interpretação de lista" como o traço que "habilita os SNs a figurar nas construções apresentativas" (15).

À parte os fatores rastreados até o momento, Lira (1982) leva também em conta o caráter aspectual do verbo-predicador na definição da ordem dos constituintes sentenciais. Baseando-se em Givón (1977) e Mourelatos (1978), a

autora considera os verbos segundo sejam de evento ou não (estados e processos) e conclui que os primeiros favorecem V S (com uma probabilidade de ocorrência de 0.69), enquanto os segundos a inibem (0.31). Os resultados ratificam as afirmações de Givón, para quem os verbos de evento têm "...propriedades referenciais mais altas que os outros, e portanto competem mais vigorosamente com o sujeito pelo espaço de referência e topicalidade mais altas na sentença" (16).

1.2.A natureza do SN

Além da importância atribuída ao verbo-predicador, traços associados ao SN com função-sujeito aparecem com frequência na literatura como fatores explanatoriamente significativos.

A forma como o SN se realiza, seja ela pronominal, nominal ou oracional, tem sido avaliada em vários estudos referentes à ordem V S. Os resultados são consensuais ao indicar pronomes pessoais e nomes próprios como elementos que raramente se pospõem ao verbo. Bittencourt (1979) fala dessa restrição, no que é ratificada por Lira (1982) e Pontes (1986).

Lira, na verdade, só considera SNs nominais em sua análise de V S e acaba por concluir que a posposição é mais provável com sujeitos constituídos de pronomes indefinidos (que ela inclui no grupo dos nominais) - probabilidade de 0.77- ou com sujeitos compostos (0.69). Além disso, mostra que estru-

turas do tipo (determinante) + possessivo + N apresentam uma probabilidade muito baixa de posposição (0.22).

A relação entre sujeitos compostos e V S também é destacada por Castilho (1987) (17). Em estudo sobre o português oral culto de São Paulo, ele distingue três grupos de SNs de acordo com sua associação com a ordem: aqueles de tipo N + Det e N + 2 Dets, que aparecem pospostos em apenas 25% dos casos; N + adi/SP/Relativa, que constituem um grupo intermediário, com percentuais de V S em torno de 50%; e N + N, com resultados bastante favoráveis à posposição (71%). A partir disso, conclui que *"O aumento da complexidade sintática do SN sujeito torna quase categórica a posposição"* (p.43).

As descobertas de Bentivoglio e D'Introno (1978) para o espanhol de Caracas confirmam a dissociação entre V S e SNs pronominais: *"...cuando el verbo precede el sujeto, este último es preferentemente nominal"* (p.10). Em relação aos SNs oracionais, seus resultados revelam que a posição pós-verbal é a preferida por esse tipo de realização: 95% dos casos (163 em 172 ocorrências). Afirmando ainda que

"En éstas el sujeto puede ser un infinitivo o una cláusula encabezada por que, (...)"

e que

"Las oraciones en que el sujeto clausal precede al verbo son muy pocas (...) y en todas el sujeto es una subordinada infinitiva. En la mayoría de estos casos el verbo de la principal es ser, (...)" (18)

A descrição acima encontra correspondência perfeita nos fatos do português do Brasil. A associação entre V S e SNs dessa natureza é tão constante que serve de motivo ao questionamento sobre sua função na sentença. Segundo Pontes (1986:176), "...estaria mais de acordo com a realidade dos falantes considerar a oração como objeto (inanimado, pós-verbal, não-tópico, sem existência independente, não-referencial, sem CV [concordância verbal]) do que como sujeito".

Também o grau de animacidade do referente do SN é considerado um fator importante para o fenômeno da ordem. Lira (1982) o leva em conta em seu estudo, estabelecendo duas distinções: animado e inanimado, para as quais obtém probabilidades de ocorrência de V S de 0.37 e 0.63, respectivamente. Votre e Naro (1984) referem-se indiretamente a essa propriedade: ao considerarem o fator status [+intencional] do sujeito, afirmam que ele englobaria parte de [+animado], pois "...todo [+intencional] é [+animado]; e nenhum [-animado] pode ser [+intencional]" (19). Como concluem que a ocorrência de V S estaria associada ao status [-intencional] do sujeito, deduz-se que o traço [-animado] também estaria.

A associação de inanimado ou [-animado] à V S liga-se à discussão já bastante extensa sobre o estatuto sintático dos SNs pospostos. Esse traço, aliado a outros comumente encontrados em tais SNs, é indicado como característico do objeto. Pontes (1986:54) compara estatisticamente sua ocorrência em sujeitos pospostos e em objetos e verifica que "...há

uma tendência nítida para se colocar depois do V os SNs inanimados" e que "...a coincidência da estatística entre os SNs considerados sujeitos pospostos e os objetos é muito grande". Por outro lado, a autora chama a atenção para a fragilidade dos critérios empregados no estabelecimento dessa distinção. Diz ela que, de modo geral, o conceito *animado* é considerado como um "primitivo" pelos linguistas, que não vêem necessidade em defini-lo. No entanto, sua observação comprova que não existe consenso entre os falantes a esse respeito, a não ser nos casos típicos (humano ou animal) e que a noção está intimamente ligada a propriedades como vida, movimento, agentividade, por si só de difícil definição.

Um último fator muito recorrente na literatura é o que define o status informacional do SN ou a relação entre o grau de "novidade" do referente e seu posicionamento na sentença. O espaço pós-verbal é tradicionalmente considerado propício à introdução de informação nova e, ao contrário, há uma tendência geral a apresentar primeiramente a informação velha na sentença (Keenan, 1976:318).

Silva-Corvalán (1977) e Lira (1982) avaliam essa correlação em seus dados e, embora não cheguem a resultados convergentes quanto ao número de distinções observadas, concordam com o princípio geral. A primeira conclui que a simples oposição dado/novo não é suficiente, nem adequada para a avaliação do fenômeno, sendo necessário que se estabeleçam "graus de novidade" para a análise dos dados. A partir disso,

verifica que referentes mais recentemente mencionados no discurso anterior tendem a ocupar a posição pré-verbal. Já Lira considera a princípio quatro níveis - novo, mencionado 3 orações antes ou mais, mencionado 2 orações antes e mencionado 1 oração antes - e conclui que as sub-divisões quanto à menção não são significativas. Em sua análise, a oposição dado/novo é suficiente e os resultados indicam um alto favorecimento de V S (0.73) quando o SN-sujeito apresenta informação nova.

Conclusões semelhantes são encontradas em Votre e Naro (1984), ainda para o português do Brasil, e em Bentivoglio (1984), para o espanhol de Caracas. Nesse estudo, a autora restringe a avaliação do status informacional a uma distinção entre SNs que ocorrem em primeira menção e SNs já mencionados no discurso. Apesar da diferença de enfoque, ela chega a resultados convergentes com os demais estudos: "*...la posición de posposición de las FN-FN [SNs de primeira menção] es aproximadamente un 60% más alto que la de las FN-YN [SNs já mencionados]*" (20). Os mesmos critérios de Bentivoglio foram adotados na análise do português oral culto de São Paulo (Castilho, 1987:47), com resultados semelhantes : 54% de casos de V S com SNs cujo referente ocorria em primeira menção.

4.3. Para além do verbo e do SN

O elencamento de possíveis causas para a ordenação V S não se limita à natureza de cada um dos dois constituintes, mas também (e naturalmente) alcança as relações que ambos mantêm (21), a própria natureza da sentença analisada e sua inserção no fluxo discursivo. Nesse sentido, três fatores em especial têm sido indicados como relevantes para a compreensão desse fenômeno: a concordância verbal, o estatuto da oração e o grau de polaridade do SN-sujeito.

Em relação à concordância, o primeiro aspecto a levar em conta é o fato de ela própria constituir um fenômeno de variação. Como a "capacidade" de impôr ao verbo uma certa marca formal sempre foi considerada um traço típico do sujeito, alterações nesse vínculo podem ter conseqüências na organização da sentença. Grivet (1881:245) atribui à concordância a flexibilidade da ordem em português, naquele momento:

"...como se bastasse essa mesma concordância do verbo para dar fé do sujeito, seja qual fôr a sua posição, lá vai elle, por simples deferencia á euphonia, tão frequentemente posposto como anteposto ao mesmo verbo".

É possível pensar, então, que a perda da concordância contribuiria para a diminuição dessa liberdade de posicionamento do sujeito. No entanto, numa constatação aparentemente contraditória, vários estudos têm apontado uma forte

associação entre V S e a ausência de concordância verbal. Naro e Lemle (1977) e Guy (1981), em estudos sobre o português carioca, concluem que a probabilidade de concordância verbal com sujeitos pospostos é muito menor do que com sujeitos antepostos. Num trabalho de 1981, Naro afirma que essa relação independe até mesmo do nível sócio-econômico a que pertence o falante. Lira (1982) retoma esse fator e ratifica com seus resultados os anteriores: V S se associa à presença de concordância com uma probabilidade de 0.38, enquanto que o índice de posposição com ausência de concordância é de 0.62. Dutra (1986:17) também confirma essas conclusões. Em seu estudo, "...in over 80% of the cases of *Spsso* [sujeitos pospostos] there was no agreement between the post-verbal noun phrase and the verb"

Essas descobertas reconduzem a uma discussão já mencionada anteriormente - a questão do estatuto sintático do SN posposto. Diante da possibilidade de não ser percebido adequadamente como sujeito, já que não se deu a concordância com o verbo, seria de esperar que a ocorrência de sujeito posposto fosse baixa nessas circunstâncias. Se não é isso o que revelam os dados, então esse SN-sujeito foge do comportamento padrão dos sujeitos. É nesse tipo de argumentação que Lira (1982:195) busca explicação para seus resultados: "Sujeitos pospostos diferem dos sujeitos básicos em relação à concordância; eles não ativam necessariamente a concordância". Ela fala dessa característica como "inerente a esse tipo de sujeito". Abordando o mesmo problema, Fontes não tem dúvidas quanto à atipicidade do "sujeito" posposto:

"A conclusão, a respeito do chamado sujeito posposto, é que ele não tem as características que tipificam o sujeito em português, a não ser a concordância verbal, no registro escrito, formal, que é imposta pela gramática e o ensino escolar. Verificamos que o sujeito típico e o "sujeito posposto" são dois conjuntos disjuntivos. O único traço em comum é o da CV, traço por si muito frágil, porque ensinado nas escolas e praticamente inexistente na maioria dos registros.

Deve-se continuar considerando esse SN como sujeito? Minha conclusão é que ele não é sentido pelos falantes como sujeito. Por isso, eles não fazem a concordância".

(Pontes, 1986:172-3)

Os fatos expostos revelam que a associação entre concordância verbal e ordem verbo-sujeito não está de todo esclarecida e merece um maior aprofundamento.

No que diz respeito ao estatuto da oração, a relevância se coloca em outro nível de abordagem - a diacronia. Um rastreamento dos contextos propícios à ocorrência de V S assinalados nas gramáticas normativas revela uma lista unânime de tipos de orações "marcadas", que inclui algumas subordinadas: relativas, reduzidas, adverbiais e substantivas. Segundo Givón (1976), as subordinadas constituem os contextos mais "conservadores" na língua (22). Ele também sugere que V S teria sido a ordem mais antiga nas línguas românicas e que marcas desse estágio anterior poderiam ser percebidas no espanhol, no italiano, no romeno e no português (23). Ora, o fato de V S ocorrer (ou ser possível) quase que apenas em orações subordi-

nadas no momento presente pode indicar que o português passou (ou está passando) por um processo de mudança em seus padrões de ordenação dos constituintes da sentença e que os casos de V S encontrados agora representam "resíduos" desse processo.

Fontes (1982) - A ordem VS em português: uma tentativa de explanação - explora essa hipótese por meio de uma investigação em fontes históricas e de uma análise de fenômeno observado na língua oral - a reanálise de elemento topicalizado em sujeito. A primeira lhe dá uma confirmação, ainda que relativa, da hipótese de Givón. Ela acrescenta que a mudança de V S para S V já estaria completa no português arcaico, embora pudesse haver flutuação em certos casos. Naquele momento, os clássicos poderiam ter optado por V S, fixando-a na língua literária, o que explicaria sua manutenção e defesa por parte dos gramáticos mais antigos. Apesar disso, S V teria sido a norma desde os "primórdios" da língua e V S, provavelmente sempre a ordem marcada. Quanto à segunda, Pontes afirma que estruturas V S estão se transformando em S V por meio de reanálise do tipo:

Bate muito sol nesta casa ---> Esta casa bate muito sol

Isso revelaria a continuação, no momento presente, da tensão V S/S V existente no passado. Sua argumentação se apóia na seguinte proposição de Givón (1979:83): "*O principal mecanismo de mudança de ordem de constituintes envolve a reavaliação 'para baixo' de ordens pragmaticamente mais marcadas envolvidas em várias operações de tópico-focus, de modo que, eventualmente,*

elas são reinterpretadas como o padrão neutro".

A proposta de Pontes é atraente. Além disso, ela tem o mérito de resgatar a perspectiva dinâmica do fenômeno da ordem, uma abordagem pouco freqüente da questão no português do Brasil. Creio que deveria ser investigada a partir de um estudo quantitativo de dados da língua oral e de uma análise cuidadosa de suas implicações teóricas.

Já a noção de polaridade ultrapassa os limites da sentença a que a maioria dos outros fatores se atêm. Na verdade, esse fator proposto em Votre e Naro (1986) nasce de um enfoque radicalmente diferente da questão da ordem: a idéia de que *"...propósitos comunicativos determinam todas as propriedades estruturais, tanto nos níveis distribucionais quanto sintáticos"* (24). Nesse sentido, os autores afirmam que SNs-sujeito polares ocorrem em S V e, ao contrário, SNs-sujeito não-polares se dão em V S. "Polaridade" é definida discursivamente como "centralidade". Em V S *"...o sujeito não é apresentado como central, i.e., um pólo receptor de informação"* (25). A propriedade do SN se estende à oração como um todo, que *"...é apresentada como um bloco indiviso de informação a respeito de certo evento ou circunstância, sem dirigir esse conteúdo informativo em direção a um pólo"* (26) e por isso não representa um avanço na "linha principal da comunicação". S V, naturalmente, se caracteriza por traços opostos. Essa distinção centro/periferia corresponde à de figura/fundo, aplicada a narrativas.

É importante salientar que essa proposta de Votre e Naro diz respeito apenas a contextos variáveis. Ao compor seu *corpus* de análise, todas as ocorrências de V S e S V que julgaram não poderiam se dar na outra ordenação (em um contexto pragmaticamente neutro), foram excluídas. Donde se deduz que os autores concordam com a existência de contextos categoricamente S V ou V S. Os princípios que regeriam esses casos não são abordados; mas, justamente por isso, é possível entendê-los como sendo de natureza diferente do que eles propõem para as ocorrências variáveis. Esse raciocínio pode conduzir a uma inversão da proposta dos autores: não seriam as funções discursivas a determinarem as propriedades estruturais; ao contrário, essas últimas definiriam os casos categóricos e explicariam, ainda que parcialmente, os casos de variação. Os propósitos comunicativos atuariam num segundo momento, moldando os casos que restrições estruturais não determinaram.

4.4. Uma primeira generalização

De todo esse grande volume de hipóteses, propostas e fatos relatados, uma idéia geral e comum pode ser abstraída: o rótulo "marcada", que se associa tradicionalmente à ordenação V S com sentido marginalizante, deve ser abolido. Todos os estudos citados procuram as causas do fenômeno e, de um modo geral, postulam para V S motivações diversas das que regem (ou regeriam) S V. Explico-me: segundo os diversos auto-

res, uma série de princípios agem para definir a ordem, mas traços opostos em cada um deles estão associados a S V e a V S. Na essência dessas análises, sem exceção, está o desejo de negar a variação, ou de explicar algo que superficialmente parece variação como um fenômeno de distribuição complementar. Qualquer que seja a natureza do princípio explanatório proposto - sintática, semântica, discursiva ou estilística -, todos eles supõem uma função diversa para cada uma das ordenações (função aqui entendida no sentido mais lato que o termo possa assumir). Se as duas possibilidades de ordenação não constituem alternativas com o mesmo "significado"⁽²⁷⁾, se não estão, portanto, em variação (no sentido laboviano), não se justifica conceber uma como marcada em relação à outra.

ii. O Objetivo dessa pesquisa

Diante de um fenômeno tão e diferentemente estudado, parece que pouco pode acrescentar uma nova análise. Minha proposta não difere das demais em essência: caracterizar e explicar as motivações que determinam a ordenação V S. A diferença fundamental está no sentido que estou atribuindo a "caracterizar". Percebo que muitas análises identificam fatores extremamente pertinentes para a compreensão do fenômeno, mas os apresentam como princípios independentes. Que a organização da língua como sistema é um fato complexo, não há dúvida. Da mesma

forma, seus fenômenos particulares, que retiramos por fins puramente analíticos do conjunto em que "vivem" e "convivem", não se explicam senão pelo entendimento das relações que mantêm com os demais. Portanto, "caracterizar" um fenômeno linguístico, a meu ver, significa compreender como ele se insere no sistema do qual faz parte. Essa percepção deve esclarecer não apenas os fatos específicos analisados, mas, por extensão, permitir uma apreensão melhor de outros fatos e abrir perspectivas para o entendimento de outros fenômenos.

Isso posto, proponho investigar a ordenação V S no português do Brasil, tentando resgatar, a partir de um elencamento de fatores a ela associados, as relações que subjazem a essa associação e aos próprios fatores.

Na medida em que a língua é um "objeto" dinâmico, que está sofrendo continuamente pressões internas e externas a si própria, geradoras, muitas vezes, de processos de mudança; em que a ordem de constituintes foi e tem sido analisada nessa perspectiva com resultados significativos (Li e Thompson, 1973; Vennemann, 1974; Hyman, 1975; Givón, 1977, entre muitos); e, ainda, em que isso poderia ter se dado e/ou estar se dando com o português do Brasil (Givón, 1977; Pontes, 1982), estabeleço também como objetivo a análise da ordem V S numa abordagem diacrônica.

Desse modo, minha proposta de trabalho se constitui de dois aspectos complementares:

- 1) caracterizar a inserção do fenômeno V S no sistema do português do Brasil, no momento presente, e;
- 2) determinar se essa situação representa uma continuidade do quadro existente em momentos anteriores ou se há diferenças. Se elas existem, definir o que indicam para cada um dos momentos analisados e o que revelam em termos de processo de mudança.

Naturalmente, ao estabelecer a ordem V S como objeto de estudo, estou optando não só por um fenômeno; opto por um ângulo pelo qual enfocarei a questão da ordem de constituintes. Os resultados e as conclusões que advierem da análise de V S também têm implicações para esse quadro mais amplo.

Devo assinalar, por fim, que meu estudo se associa àqueles que já compõem um conjunto referencial sobre o tema num duplo compromisso: lançar mão dos fatos e das conclusões já estabelecidas e dar mais um passo no sentido da compreensão do fenômeno da ordem V S.

Essa dissertação se compõe de seis capítulos. O capítulo I é eminentemente metodológico. Apresento na primeira seção os pressupostos e a metodologia do modelo de análise sociolinguística, em cuja perspectiva o objeto de estudo será analisado. Em seguida, defino minha proposta de trabalho: como o objeto será enfocado; que hipóteses estarei testando; como foi feita a coleta de dados; que fatores foram eleitos como prováveis candidatos à caracterização de V SN e como as informações geradas pela codificação foram quantificadas.

No capítulo II, descrevo os resultados da quantificação do *corpus* sincrônico, fator por fator. Procuro esboçar um quadro de relações não apenas entre os fatores e a ordem, mas também entre os próprios fatores e, além disso explicar as possíveis causas da não-relevância de certos fatores para o fenômeno.

Reservei os capítulos III e IV para a análise, interpretação e discussão dos resultados apresentados no capítulo II. Cada um deles se ocupa de um dos dois constituintes básicos da ordenação: o verbo-predicador, no capítulo III e o SN, no IV. O quadro esboçado anteriormente ganha contornos mais firmes, revelando as articulações do sistema linguístico.

No capítulo V descrevo os resultados obtidos para os *corpora* diacrônicos nos mesmos moldes do capítulo II. No entanto, já apresento minhas conclusões comparativamente, começando a compôr o caminho percorrido pelo fenômeno no intervalo de dois séculos. Esse caminho é completado no capítulo VI, quando, cotejando os três momentos analisados, falo da mudança, de sua forma e de suas causas.

Notas da INTRODUÇÃO

(1) Este estudo não se deterá sobre a questão do objeto e das relações de ordem que mantém com os demais constituintes. Esse recorte implica em desconsiderar todas as possíveis variações que a presença do objeto produz: SVO, SOV, OSV, VSO, VOS, OVS. Estarei levando em conta apenas a distinção básica SV /VS e assumindo as limitações que tal decisão impõe.

A denominação V SN, contida no título desse estudo, revela um dos recortes teóricos assumidos em relação ao fenômeno. Considerando a controvérsia existente sobre o estatuto sintático do SN-argumento principal que ocorre posposto, julguei que o rótulo V S não correspondia adequadamente ao fenômeno. Como não pretendo um aprofundamento na questão, suficientemente complexa para demandar um estudo exclusivo sobre o tema, resolvi adotar um rótulo mais abrangente e menos compromissado com a controvérsia. Veja a esse respeito também o item 1.2.1, do capítulo I.

(2) PONTES, Eunice. 1982. A ordem VS em português. In Pontes, E. 1987. O tópico no português do Brasil. Campinas, SP: Pontes. p.110.

(3) O grande volume de estudos sobre o tema torna complexo o trabalho de revisão. Procurarei ater-me às análises que julguei mais significativas para o português do Brasil, dentro da perspectiva de minha própria análise. Assumo as limitações desse procedimento como um recurso metodológico, se não desejável, necessário.

(4) Esse índice probabilístico se associa em seus resultados a um percentual de frequência de V S de apenas 9%. Um valor idêntico é obtido por Bentivoglio (1986), para o espanhol de Caracas.

Confirmando a baixa ocorrência de sujeitos pospostos nessas construções, Andrade e Oliveira (1987), em estudo específico sobre a ordem do sujeito nominal no português falado, encontraram um percentual de V S de 16% em construções com verbos copulativos. A consideração de características sintáticas, semânticas e discursivas do SN-sujeito não implicou em modificações significativas nos seus resultados gerais.

(5) PONTES, Eunice. 1982. A ordem VS em português: uma tentativa de explanação. In Pontes, E. 1987. O tópico no português do Brasil. Campinas, SP: Pontes. p.149.

(6) VOTRE, S. e A. Naro. 1984. Inversão do sujeito na fala carioca. Boletim 6 da ABRALIN. p.189.

(7) NASCIMENTO, Milton do. 1984. Sur la postposition du sujet dans le portugais du Brésil. Doctorat de troisième cycle. Université de Paris VIII.

(8) Idem, p.65.

(9) Idem, p.82.

(10) DIAS, Augusto Epiphânio da Silva. 1917. Sintaxe Histórica Portuguesa. 3 ed. Porto: Livraria Clássica Editora, 1954. p.310.

(11) THOMAS, Earl W. 1969. The Syntax of Spoken Portuguese. Nashville: Vanderbilt University Press. p.5. apud PONTES, 1987, op.cit.

(12) BILGERT, J.G. e P.T. Gallemebeck. Os verbos existenciais. In Ataliba T. Castilho (org.). 1987. A ordem do sujeito nominal no português culto falado em São Paulo. (versão preliminar).

(13) A análise proposta é apresentada como inédita na época em que a dissertação foi concluída. Refere-se a um conferência proferida na Faculdade de Letras de UFMG, com o título "Sujeito e Tópico", no ano de 1979. Não tenho conhecimento de outra referência para o mesmo texto.

(14) NASCIMENTO, 1984, p.95.

(15) Idem, p.96.

(16) GIVÓN, Talmy. 1977. The drift from VSO to SVO in Biblical Hebrew. In Charles Li (ed.) Mechanisms of Syntactic Change. Austin: University of Texas Press. 1977, p.183 apud LIRA, 1982, p.186.

(17) CASTILHO, Ataliba T. (org.). 1987. A ordem do sujeito nominal no português culto falado em São Paulo. (versão preliminar).

(18) BENTIVOGLIO, Paola e Francesco D'Intino. 1978. Orden de palabras y posición del sujeto en el español de Caracas. (mimeo). p.13.

(19) VOTRE e NARO, 1984, op.cit. p.193.

(20) BENTIVOGLIO, Paola. 1984. La posición del sujeto em el español de Caracas: un análisis de los factores lingüísticos y extralingüísticos. Ponencia presentada en el VIII Simposio sobre Dialectología del Caribe Hispanico, Boca Raton: Florida Atlantic University. Abril de 1984. (mimeo). p.17.

(21) Naturalmente os fatores arrolados até o momento também supõem relações entre os dois constituintes. Ela está implícita na discussão sobre transitividade do verbo, realização, status [+ animado] e status informacional do SN. No entanto, aqui a relação é o próprio fator e não uma decorrência dos traços nele analisados.

(22) Em *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*, Tarallo (1983) se utiliza da distinção oração principal/oração subordinada para medir a retenção pronominal. Esse fenômeno representa, em relação ao apagamento do pronome, uma opção conservadora; sendo assim, o autor esperava encontrá-lo mais frequentemente em orações subordinadas que em principais. Seus resultados confirmaram essa expectativa, com percentuais de retenção de 56,6% e 45,8% para as primeiras e segundas, respectivamente. (pp.165-6)

(23) GIVÓN, T. 1977. *The drift from...*, p.249.

(24) VOTRE, S. J. e A. Naro. 1986. *Emergência da Sintaxe como um efeito discursivo*. In *Relatório Final - Projeto Subsídios Sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação*. Volume III. UFRJ. p.454.

(25) *Idem*, pp.464-5.

(26) *Idem*, p.461.

(27) Entenda-se o termo "significado" num sentido proporcionalmente amplo ao que atribui antes a função.

Capítulo I

O ESTUDO DA ORDEM V SN NUMA PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA

- procedimentos metodológicos -

1.1 O modelo laboviano

Em 1911, Mathesius afirmava que "...a homogeneidade da língua não é uma qualidade real do fenômeno examinado", mas "uma consequência do método empregado" (1). O desafio assumido e proposto por Weinreich, Labov e Herzog no conhecido texto-manifesto de 1968 - "Empirical Foundations for a Theory of Language Change" - foi justamente analisar a língua no que ela tem de mais próprio - a variação - e provar que essa condição não é sinônimo de disfuncionalidade ou de ausência de estruturação.

Dentro dessa abordagem busca-se uma ordem dinâmica, que desvenda a língua como um fenômeno vivo, pulsante, em contínuo processo de variação e mudança. A análise de um momento específico desse fluir é necessariamente limitada, mas representa um passo metodológico necessário. Pela comparação do que ocorre em vários desses recortes, é possível recompôr, mesmo que parcialmente, o fluxo do processo.

Para atingir esse objetivo, a vertente da Sociolingüística encabeçada por William Labov vem desenvolvendo

póteses de condicionamentos à forma lingüística eleita como objeto de estudo em dados reais de fala, coletados segundo princípios estatísticos de amostragem. Definida a comunidade de fala alvo da pesquisa, recolhe-se um volume de dados que estatisticamente represente as diferentes condições caracterizadoras da comunidade: diferenças de idade, sexo, etnia, classe social, nível e escolaridade. Segundo a proposta do modelo, cinco informantes que respondam a cada uma das possíveis combinações desses fatores fornecerão uma quantidade suficiente de dados para se compôr um quadro representativo da variação em estudo.

A análise propriamente dita compõe-se dos seguintes passos:

- estabelecer os possíveis condicionadores do fenômeno; o que implica em construir hipóteses lingüísticas e extra-lingüísticas para sua explicação. Esse passo antecede a própria coleta já que os fatores extra-lingüísticos definirão com que informantes e em que condições devem ser recolhidos os dados;

- determinar como o fenômeno "...se encaixa no sistema circundante de relações sociais e lingüísticas" (3);

- avaliar as atitudes dos membros da comunidade lingüística em relação ao fenômeno e as possíveis consequências que essas atitudes possam ter sobre o próprio fenômeno (seja ele apenas de variação ou de mudança);

- delinear o caminho da mudança (se houver). Essa passagem de um estágio anterior a outro, mais recente, pode ser recuperada pela avaliação do fenômeno em tempo

te, pode ser recuperada pela avaliação do fenômeno em tempo aparente, quando se levam em conta grupos de diversas faixas etárias, ou em tempo real, o que depende da análise de fontes históricas (inevitavelmente escritas) que representem um registro espontâneo de língua;

- determinar por que, quando e onde a mudança ocorreu;

O cumprimento dessas cinco etapas resultará numa análise profunda do fenômeno e permitirá o estabelecimento de hipóteses sobre "seu futuro" no sistema da língua.

1.2. Proposta de trabalho

1.2.1. Objeto e abordagem

O objeto dessa análise, ou, como coloquei anteriormente, o ângulo pelo qual enfocarei a questão da ordem tem recebido na literatura inúmeras denominações - ordenação V S, posposição do sujeito -, que revelam certos pressupostos teóricos. Em especial, indicam que o SN pós-verbal é assumido como sujeito do verbo e que tal ordenação seria derivada de outra por um movimento. Não pretendo abordar nesse estudo o problema da derivação ou não dessa estrutura. Estou tomando o fato tal qual ele se atualiza na fala. Por outro lado, muito se tem discutido sobre o estatuto sintático do SN pós-verbal (como já apontei nos itens 1.2 e 1.3 da Introdução) e, embora já haja

uma certa convergência de opiniões, nenhuma conclusão definitiva foi estabelecida.

Considerando esses aspectos, mas principalmente a fragilidade do rótulo "sujeito" atribuído aos SNs pós-verbais, resolvi adotar a denominação V SN para o fenômeno que pretendo analisar. É necessário esclarecer que V SN remeterá apenas às configurações em que o SN é o argumento principal de V. Casos em que é possível recuperar uma categoria vazia em função-sujeito, naturalmente, não se enquadram nos limites dessa abordagem.

Isso posto, minha proposta de trabalho é investigar a ordenação V SN no português do Brasil dentro do modelo de análise lingüística proposto por William Labov e apresentado no item anterior. A mim interessa especialmente a situação de V SN no interior do sistema lingüístico, o que se justifica pelos resultados mais ou menos consensuais de estudos sobre variação sintática em geral (Lavandera (1978), Sankoff & Labov (1979)) e de variação de ordem de constituintes, em específico (Silva-Corvalán (1977), Lira (1982), Bentivoglio (1984)). A afirmação de Sankoff & Labov (1979:213) resume a idéia geral que se abstrai das demais análises:

"O efeito social mais forte parece ser atribuído a palavras e sons da língua - ou seja, o 'output' do sistema de regras. Quanto mais abstrata a variação, menos aptos estamos a achar influências sociais agindo sobre ela".

(tradução minha)

1.2.2. Hipóteses de trabalho

As hipóteses gerais que pretendo testar, portanto, referem-se exclusivamente ao componente interno da língua e se colocam como a seguir:

- a ordem de constituintes está associada a princípios de natureza diversa - sintática, semântica, discursiva - que mantêm entre si relações complexas e variadas;

- esses princípios se referem basicamente à natureza do verbo e do SN e se associam a cada uma das possíveis ordenações (V SN e SN V) por traços opostos;

- as relações de força existentes entre tais princípios no momento presente não são necessariamente as mesmas que operaram no passado;

- essas possíveis mudanças implicam em alterações quanto ao grau de associação de cada princípio à questão da ordem e, conseqüentemente, em diferenças quanto ao perfil de V SN nos diversos momentos analisados (em termos quantitativos e/ou qualitativos);

- as mudanças observadas em relação à V SN (e, por extensão, à questão da ordem de constituintes) ao longo de um certo período histórico se enquadram em um movimento maior do sistema lingüístico do português.

1.2.3. A coleta de dados

Para verificar a validade das proposições acima, compus três *corpora* correspondentes a três momentos históricos específicos.

O *corpus* sincrônico foi formado a partir de conversações gravadas entre um documentador e um informante, dentro das máximas condições de informalidade que a situação permitia. Todas as gravações, com duração de uma hora cada, foram conduzidas por mim. Procurei orientar o diálogo para temas de interesse do informante, ligados à sua rotina de vida, obtendo assim um conjunto significativo de narrativas pessoais. Na medida em que a pesquisa se concentra no componente interno da língua, não foi necessário observar características sociais relevantes na seleção dos informantes. Ao contrário, preferi formar um grupo mais ou menos homogêneo: 20 jovens, na faixa dos 20 aos 30 anos, de ambos os sexos, com nível universitário. Todos eles são naturais de Curitiba ou nela residem desde, pelo menos, os cinco anos de idade. Desse modo, a coleta resultou em 20 horas de conversação. Devido à recorrência do fenômeno, optei pela utilização de apenas metade desse material (meia hora de cada informante) que foi transcrito e analisado em relação aos fatores a serem descritos posteriormente.

Os dois outros *corpora*, que convenciono chamar de diacrônicos ou históricos, têm natureza diversa do sincrônico. A incursão no tempo real obriga o pesquisador a assumir o viés da modalidade escrita. Para tentar enfraquecer es-

sa interferência, trabalhei apenas com cartas de cunho pessoal. Considerando a dificuldade de obtenção desse tipo de material e o fato de não ter sido demonstrada até agora a influência de diferenças dialetais na determinação da ordem de constituintes, não me restringi a um único local de origem na coleta das cartas. Assumi, portanto, os dados como representativos da língua em termos gerais.

Feita a seleção do material, os dois *corpora* ficaram assim constituídos:

I. *corpus* do século XVIII

Cartas de Gomes Freire de Andrada	- 1751
Cartas clericais	- 1753-9
Cartas da Bahia	- 1768

II. *corpus* do século XIX

Cartas de Jesuíno Marcondes	- 1848-51
Cartas de Dr. Faivre	- 1849
Cartas de Álvares de Azevedo	- 1849-51
Cartas ao amigo ausente	- 1850-51

A tabela 1.1 apresenta o total de sentenças coletadas e analisadas em cada um dos três *corpora*.

Tabela 1.1. - Número de sentenças coletadas

<i>corpus</i> sincrônico	1588
<i>corpus</i> do século XIX	500
<i>corpus</i> do século XVIII	500
total	2588

1.2.4. O envelope da variação

Ao analisar a controvérsia Lavandera - Labov sobre a validade e a propriedade da noção variável sintática, Monique Lemieux (1986:143) assinala o fato de que, apesar de divergirem em muitos aspectos, os dois variacionistas concordam em que "...*les variables sociolinguistiques constituent une procédure de découverte et non une théorie du langage*". É como tal que assumo a proposta metodológica de Labov, embora não defenda a ocorrência de V SN como variante *stricto sensu* de SN V. Entendo que como procedimento de descoberta, a noção de variável corresponde a um recurso também capaz de verificar a ausência de variação. Assim, para fins de análise, defini as seguintes variantes:

1) V SN

Então com isso a gente viveu uma situação assim.../ a própria empresa viveu uma situação assim que nunca tinha vivido. Até novembro Quando estorou o ágio, né? Daí novembro a gente não comprava mais nada, (...)

(8-8:834) (4)

2) SN V

Pois esse final de semana o Erik aparece com quatro filmes lá em casa.

(2-2:1093)

Essas duas possibilidades foram computadas exclusivamente em sentenças declarativas, consideradas as mais básicas da língua (5), por ser consensualmente este o espaço privilegiado da variação.

1.2.5. A definição dos fatores

A partir das informações recolhidas na literatura sobre o fenômeno de variação da ordem de constituintes e da observação inicial dos dados, selecionei os fatores que se apresentaram como condicionamentos possíveis da ocorrência de V SN. Seis deles estavam centrados no sujeito: realização, referência, animacidade, referente, status informacional e expressão de contraste. Em relação ao verbo, considerei a forma, a transitividade, a concordância verbal e o tipo de predicador. Além disso, tomei em conta o estatuto da oração, a presença de elemento "gatilho", o preenchimento do sujeito em perífrases verbais e o valor aspectual do enunciado.

Uma testagem preliminar desses fatores com uma amostra do *corpus* sincrônico - 321 sentenças colhidas em duas entrevistas - , que incluiu cálculo de frequência e de probabilidade de ocorrência, apontou alguns como não-significativos (6) para a explicação do fenômeno. Foi o caso de Referente do sujeito, em que se observava sua identidade ou diferença relativamente ao referente do sujeito imediatamente anterior, supondo que a identidade inibiria o posicionamento pós-verbal; de Expressão de contraste, pelo qual se avaliava a hipótese de que o sujeito *focus* de contraste não ocorreria em V SN; também de Presença de elemento "gatilho", um fator que previa uma probabilidade maior da ocorrência de V SN quando os constituintes SN e V fossem precedidos, no nível da sentença, por um outro elemento (um advérbio ou um marcador conversacio-

nal, por exemplo). O mesmo ocorreu com o fator Preenchimento de sujeito em perífrases verbais, cujo objetivo era verificar a possibilidade de o sujeito da oração superior vir posposto ao verbo, o que se supunha gerar ambigüidade quanto à função sintática daquele elemento. Sua eliminação se deu, basicamente, por escassez de dados. Finalmente, também foi considerado explicativamente fraco o fator Valor aspectual do enunciado, pelo qual se testava uma possível associação entre a ocorrência de V SN e a expressão de noções como duração e completamento da ação.

A reavaliação dos fatores considerados e dos critérios utilizados para sua definição configurou o conjunto de fatores que passo a descrever, aplicado aos três corpora.

1.2.5.1. Realização do SN

Considerarei a esse respeito os seguintes sub-fatores:

1.2.5.1.1. pronomes demonstrativos e indefinidos (7)

(...) não sei se isso é pra bem ou pra mal, porque de repente você sai e vai falar com os outros, o pessoal não te entende. Sabe?, isso é ruim.

(22-22:287) (8)

Sabe o que é você não conseguir chorar?
Dói, Rosane. Fica aquilo assim aqui, que
você tem vontade de...pular, gritar, mas
não consigo.

(16-16:921)

1.2.5.1.2. (determinante) + nome próprio

Mas a Sueli nunca teve assim um namorado,
nunca teve uma pessoa que se interessou por
ela.

(7-7:377)

Foi naquele domingo que justamente alagou
a cidade de Florianópolis.

(16-16:227)

1.2.5.1.3. (determinante) + N (9)

é claro que eu chego atrasada no serviço,
mas tudo bem. O cliente aguenta.

(5-5:1100)

Agora, do...do ano passado pra cá muita
gente desistiu. Renovou muito. Muita gente
desistiu, né? Por causa do preço, né? Por
que daí, de repente, triplicou o preço.

(13-13:20)

1.2.5.1.4. (determinante) + N + adjetivo + (SP) (10)

Qual é a experiência que vocês têm...de
estágio profissional? Um estagiazinho
faiuto aí de três meses não adianta pra
nada.

(14-14:456)

E aí, aco/aconteceu uma coisa interessante,
né? Eu realmente tava tentando fazer isso,
mas não...conseguia porque eu tava com isso
fixo na cabeça, né?

(10-10:305)

1.2.5.1.5. (determinante) + N + SP

É aquele negócio: se você tem cem e cresce dez por cento ao ano, é uma coisa. Agora, se você tem mil e cresce dez por cento ao ano é outra coisa. Então, assim, é muito limitado e o pique de crescimento da empresa tá muito devagar.

(8-8:669)

Porque eu me inscrevi naquelas escolas de verão, sabe?, de um mês...Fasse um mês em Londres estudando inglês. E era uma escola que funcionava na França. Então foi um grupo de francesa, junto com, com uns italianos lá, né?, e uns dois ou três espanhol, né?

(14-14:72)

1.2.5.1.6. (determinante) + possessivo + N + (SF)

Meu tio recebeu. Ele é o dono da casa.

(4-4:1)

Mas não vale nada o marido dela. Mas não vale nem o que come.

(7-7:446)

1.2.5.1.7. quantificador + (determinante) +
(possessivo) + N + (SF)

Sim, mas a gente tinha a mentalidade de que todos os jovens tinham que ser conscientes, de que história é essa do jovem não vir pra/na mocidade?

(19-19:465)

Faltava um ano pra ela terminar o curso.

(2-2:843)

1.2.5.1.8. SN + SN

Inclusive um dia eu brinquei com a piada ... que se Martinho Lutero e o papa Leão X tivessem a editora Positivo a seu serviço, Lutero teria convertido o mundo inteiro ao Protestantismo, e Leão X teria impedido a Reforma.

(1-1:127)

Diz que...eles entrando no carro lá, já se preparando, não sei o quê, chegou o cara, a mulher, a filha, não sei o quê.

(17-17:177)

1.2.5.1.9. N + relativa

(...) aí eu falei. (...) Muitos jovens que trabalharam comigo saíram do movimento, mas a gente ficou e... e realmente eu tô mais feliz agora, (...)

(11-11:572)

/tava indo embora um técnico, a gente leva mais ou menos seis meses pra treinar um outro técnico, pra pôr no lugar e tal, parari, parará. E... depois me veio a notícia ainda de que nós não íamos repôr quem fosse embora.

(8-8:723)

1.2.5.1.10. sujeito constituído de oração finita

(...) trabalho de rua de militância. (...) E... até pro sistema, né?, é preciso que os partidos políticos tenham pessoas que consigam fazer isso com eficiência.

(10-10:223)

1.2.5.1.11. sujeito constituído de oração infinitiva

Mas o fato de você se omitir não é.../não é que você tá concordando com ela. Apesar que muitas vezes se omitir também não é bom, né?

(9-9:226)

Tá... tá uma situação assim também meio... meio delicada, porque... acho que é tão difícil você encontrar pessoas que, que às vezes tão no mesmo ideal que você, né?

(20-20:41)

1.2.5.2. Referência do SN

A referência do SN foi estabelecida a partir da oposição genérico/específico. Por perceber, no entanto, que essa noção não se realiza binariamente (ou seja, é possível encontrar nuances entre os dois extremos), defini dois casos intermediários. A idéia que subjaz a eles é a de que há casos de referência em que o conjunto de elemento(s) referido(s) ora tem seus limites restringidos, ora ampliados. A restrição define o sub-fator genérico com especificidade: um elemento que remete normalmente a um conjunto bastante amplo, genérico, sofre uma delimitação que reduz sua leitura a um sub-conjunto do primeiro. Quanto à específico com genericidade, ocorre o oposto: o falante começa por se referir a um elemento específico e acaba por ampliar o alcance da referência. Isso é bastante comum quando se descreve experiências particulares e se procura transformá-las em verdades gerais.

O fator ficou, então, assim constituído:

1.2.5.2.1. genérico

A, é fogo, viu/ Os moço hoje já são bem diferente, mas existe os tipo de moço sério, tudo.

(7-7:360)

Eu falei pra ele: eu não entendo como é que você fica no Centro. Porque é um...Centro com trabalho mediúnico público, com plaquinha, de um lado senta homem, do outro senta mulher.

(11-11:32)

1.2.5.2.2. genérico com especificidade dada sintática ou contextualmente

Você entra num tipo de relação, né?, de um dia pro outro você corta e quer começar outra assim e...e, sabe?, aí ninguém sabe muito como lidar, né?

(20-20:66)

(...) às vezes acontecem coisas que você não pode prever. Né? Eu, por exemplo, quando eu comecei a fazer a parte prática da minha tese, (...)

(3-3:1266)

1.2.5.2.3. específico com genericidade dada sintática ou contextualmente

Você é energia condensada. E o resto que tá por aí é energia...que tá dispersa. Então.. Você tá produzindo energia também. A tua energia tá saindo, e a tua energia tá soltando.

(9-9:312)

Ele se acha...inferior aos outros porque ele não..., sabe?/ pra ele conseguir uma garota por causa que não tem o carro. Ele acha que a hora que...chegar, né?, não tem carro, tá descartada a possibilidade.

(16-16:38)

1.2.5.2.4. específico

A gente não tava muito animado, achando que ia...A gente só ia porque a minha tia já tava cansada de cada dia dizer: não vem?

(13-13:663)

Tá te fazendo mal esse cigarro, né?

(12-12:44)

1.2.5.2.5. não-se-aplica

Esse sub-fator reuniu os casos de referência duvidosa. Na maior parte das vezes, tratava-se de elementos que, embora remetendo a fatos já especificados no discurso, ti-

híbrido levou-me a destacá-los num grupo à parte.

- Isso aí tem futuro!
- Os ingredientes da receita são de boa qualidade.

(5-5:832)

(...) antigamente as aposentadorias fraudulentas eram raríssimas. Daí eles mudaram tudo. Hoje em dia fazem aposentadoria fraudulenta assim... como... a gente pede água, entendeu? (...) Você acaba chegando à conclusão que... não querem que a coisa melhore. Sabe? Porque se melhorar é mais difícil tirar dinheiro pra campanha política.

(6-6:346)

1.2.5.3. Animacidade do SN

Foram dois os sub-fatores compreendidos nesse item:

1.2.5.3.1. animado

A família imperial vai passar o verão em Petrópolis.

(23:46)

Então, o serviço tava distribuído. De repente foi... / tava indo embora um técnico, a gente leva mais ou menos seis meses pra treinar um otro técnico, (...)

(8-8:721)

1.2.5.3.2. não-animado

Mas o filme é muito loco, né?

(2-2:982)

Falei, agora não vem mais ninguém na

Falei, agora não vem mais ninguém na quarta. Porque eu falei: esse tema/ quando começou a programação na quarta-feira, né?, que eles fizeram escala pra quarta, eu fui o primeiro.

(11-11:502)

1.2.5.4. Status informacional do SN

A avaliação desse fator restringiu-se às informações comprovadas no discurso enunciado. Noções como conhecimento compartilhado não foram levadas em conta, na medida em que se baseiam em suposições sobre os pensamentos e a cognição dos interlocutores.

Ao definir os sub-fatores, decidi tentar uma gradação de "novidade", na expectativa de que referentes relativamente mais novos estivessem mais fortemente associados à V SN. Considerei quatro distinções:

1.2.5.4.1. dado em sentença imediatamente anterior

Uísque. Uísque é excelente pra isso. Uísque dá um toque ótimo, né?

(12-12:169)

O engenheiro sempre tá de risco, né?, (...)/ No dia que você fizer a obra, no dia seguinte pode cair a obra.

(15-15:423)

1.2.5.4.2. dado em sentença não-imediatamente anterior

Mas na época dos "Beatles" existia um grupo que era melhor que os "Beatles". Chamado "Cream". (...) Só que eles não tinham um empresário que nem () os "Beatles" tinham. (...). O cara que fica por trás: corta o cabelo, não corta o cabelo, fale isso, não fale ... Os "Beatles" tiveram um gênio.

(4-4:234)

Lembra que eu falei pra você que eu ia tirar férias? Eu fui pra.../Eu não conhecia Florianópolis. (...) Mas foi assim, sabe?, fantástico. Então a gente primero foi pra/pro lado ali/pro lado norte da ilha, que eles chamam Canas/Canasvieras. ...A gente acampou em Canasvieras. Lembra aquela semana que deu .../simplesmente inundou Florianópolis? Nós estávamos lá.

(16-16:204)

1.2.5.4.3. inferível

Adotei a noção proposta por Prince (1980):

"...as inferências requeridas são quase sempre de relações de conjunto": conjunto-elemento, elemento-conjunto e, algumas vezes, elemento-elemento. Nesse último caso, "...inferir um elemento de outro é um efeito de inferir um conjunto do qual ambos são elementos". (12)

Como exemplos de sujeitos inferíveis encontrados nos *corpora* tem-se:

Disse-lhe que estávamos em férias, mas não pense que só me refiro ao mundo escolar. A política também parece estar de verão "O Brasil" cessou de publicar-se por tempo indefinido, e por circunstâncias imprevistas; as outras folhas políticas não se mostram muito fecundas.

(23:39)

A gente fazia bastante churrasco, essas coisa assim, né? Levava toda a família, né? Aí veio o cruzado, faltou carne.

(17-17:127)

1.2.5.4.4. novo

Quando eu falei..com você que sabia esse negócio de pesquisa, de horário, se sujeitando ao entrevistador, é porque... minha irmã fez a Getúlio Vargas. E pra fazer/E a tese dela era sobre o programa "Nosso".

(22-22:126)

No casamento daquela moça, a Sueli foi convidada. E foi convidado ele e foi convidada a Denise. Que mora do lado da casa dele. E a Denise é uma moça bonita, sabe?

(7-7:301)

1.2.5.5. Forma verbal

Quanto a esse fator, pretendi avaliar a possível ambigüidade da forma do verbo e a conseqüente atuação dessa característica como determinante da ordem dos constituintes. A saliência morfo-fonêmica da forma verbal serviu de critério à definição dos sub-fatores: a realização verbal que se referisse, potencialmente, a mais de uma pessoa (13) seria considerada ambígua, ocorrendo o inverso com aquela associada a uma única. O fator ficou, então, constituído por uma distinção binária:

1.2.5.5.1. potencialmente ambígua (14)

Então eu tô apostando no equilíbrio no mercado pelo...próprio livre mercado agora. O povo não tem dinheiro/ Não é que o povo não tem dinheiro, na verdade. (8-8:882)

Daí escrevendo esses textos, né? Não tô ganhando nada. Daí vem as prova pra/Vem as prova dos professores. Vê as prova, analisa as prova. (1-1:598)

1.2.5.5.2. potencialmente não-ambígua

(...) e nada expressou dos gastos necessários para fabrica, capella e seo ornato e sustento dos nossos Padres que lá haviam de assistir. E como todos os Padres julgamos ser preciso fazer-se esta expressão dos ditos gastos necessários, lhe pedimos outra provisão e não sei o que resultou, porque me fui embora para o Maranhão. (32:76)

Se até aqui, na mais íntima confiança da amizade, eu não entregava ao papel meus sentimentos e idéias acêrca dos homens e das coisas políticas desta terra, em que aliás vimos ambos a luz, devassada como fica a nossa correspondência doravante, (...) (23:4)

1.2.5.6. Transitividade do verbo

A transitividade foi tomada, nesse estudo, no sentido em que se restringe ao verbo, definindo-o pelo número e tipo de argumentos que exige e pelo número e tipo de argumentos presentes na sentença. Argumentos não atualizados, mas

recuperáveis no texto, foram igualmente considerados na definição do tipo de verbo. O fator compreende os seguintes sub-fatores:

1.2.5.6.1. intransitivo existencial

Verbo de um lugar (15) que se inclui entre os existenciais" (ter, ser, haver, existir).

(...) deixar à disposição um espaço físico é ocupado dez dias no ano, né? numa universidade isso não existe.

(3-3:1291)

Sabe o que que eu acho? Tem muita gente interessada em que a coisa não funcione. Tá? Eu já cheguei a essa conclusão.

(6-6:314)

1.2.5.6.2. intransitivo não-existencial

Verbo de um lugar, com exceção dos denominados "existenciais".

Eu a semana passada entrei num...pavor, né? A greve dos bancos não acabava, eu digo: putia vida! Que que vai acontecer, né?

(8-8:629)

Você luta contra a natureza, né? Porque você faz um cálculo aí prum.../pruma barragem pruma vazão X. Você já joga Y na vazão. E ainda su/supera Y. Cai a barragem. Você que é...taxado, né? Você que é o culpado.

(15-15:439)

1.2.5.6.3. verbo de ligação

Compreende as seguintes possíveis estruturas:

	adjetivo
	SN
cópula +	SP
	advérbio
	particípio

Não inclui nesse grupo os casos de voz passiva analítica, por entender que se tratam de estruturas de natureza diferente, em que o particípio não funciona meramente como qualificador, mas guarda uma certa dinamicidade própria do verbo em suas formas não-nominais.

Exemplos:

A estória é divertida. Eu ri dos duendes.
(4-4:323)

Se bem que...ele tinha ido pra Bombinhas no...no ano anterior, né? (...) Tava muito mais limpa a água.
(13-13:535)

1.2.5.6.4. expressão fixa

Esse tipo representa uma variante dos transitivos cujo objeto está sempre presente e é sempre previsível. Em muitos casos, tais expressões atuam quase como verbos intransitivos; sua inclusão entre os transitivos naturalmente distorceria os resultados. Preferi, assim, isolá-las num grupo específico. O tipo de expressões a que me refiro é o dos seguintes exemplos:

Sabe?, os cara davam aula assim. Tal empresa. ...Vamo ve(r) a Renault. PDG é tal. PDG é tal. PDG é o diretor. (...) Ele é tal linha política, ele faz tal coisa, como é que você ia montar o teu discu/o teu...o teu... o teu currículo.

(14-14:692)

Quando eu olhei pra...pra fila da...Impala eu falei:a, não vô entrar nessa fila. Dava voltas a fila.

(3-3:830)

1.2.5.6.5. transitivo indireto

Verbo de dois lugares. O elemento em função-objeto liga-se ao verbo por intermédio de uma partícula (preposição).

Eles tavam fazendo uma entrevista. Boa mesmo, assim, de colocar questões. Dai até que uma hora o cara perguntou sobre propriedade.

(11-11:92)

Eu...eu tomei nota disso. Que a.../coisas de.../Por exemplo, me interessa muito coisas de estética, sabe? Pinturas...E a análise desses pontos, né?

(22-22:659)

1.2.5.6.6. transitivo direto

Verbo de dois lugares, sendo que o argumento que desempenha função de objeto associa-se a ele diretamente.

A história dela é assim: ela vincula com alguém e as pessoas passam ela pra frente. (...). A mãe dela pôs ela num orfanato.
(19-19:75)

Mas...na época dos "Beatles" existia um grupo que era melhor que os "Beatles". Chamado "Cream". "Cream" é creme, nata, nata. E era a nata da Inglaterra. Era o maior baterista, o maior guitarrista e o maior vocal da Inglaterra. Se juntaram os maiores no grupo.

(4-4:199)

1.2.5.6.7. bi-transitivo

Verbo de três lugares. Dos dois argumentos que desempenham papel de objeto, um está preso ao verbo por meio de preposição.

Nesse ponto o Maurício, o lá...o do CPI, me ensinou uma coisa muito importante, sabe?
(14-14:205)

Os padres que já me esperavam me conduziram ao carneiro em que se acha sepultado meu pai e senhor donde esta uma capela, e ali lhe fez toda a comunidade um sufrágio a que lá assisti, (...)

(28:36)

Torna-se necessário, ainda, esclarecer como as locuções verbais foram consideradas no que diz respeito à transitividade. Baseada em Mateus et alii (1983) (16), distingui dois tipos de locuções:

1. auxiliar + verbo

2. verbo + verbo

No primeiro caso incluem-se as seguintes construções:

ter	+ participípio	* apenas para os casos de VOZ passiva analítica
ser*		
ir + infinitivo		
estar		
ficar		
andar	+ gerúndio	
ir		
vir		
continuar		
começar a		
continuar a		
acabar de	+ infinitivo	
deixar de		
poder		
dever		
ter de	+ infinitivo	
ter que		

A função básica desses auxiliares é expressar as categorias lingüísticas de tempo, aspecto e modo. Por isso tomei a locução como um todo, avaliando a transitividade em função do verbo principal:

Então o que eu acho, na verdade, é que todo mundo - trabalhador, empresário, todo mundo - tava querendo voltar a um congelamento.
(8-8:837)

--> transitivo direto

(...) eu estou achando assim que, cedo ou tarde, esses/essas experiências empíricas vão fazer parte talvez de um corpo... um corpo de pensamento da sociologia, da psicologia humana, né?

(10-10:207)

--> transitivo indireto

Mas pode acontecer situações que você nem toma cons/ consciência disso.

(9-9:195)

--> intransitivo

Aí veio o cruzado, faltou carne. Aí acabou o cruzado, faltou dinheiro. Não tem tido muito churrasco ultimamente.

(17-17:127)

--> intransitivo

O segundo caso define as locuções ou perífrases verbais propriamente ditas. Constituem o que Mateus et alii (1983:283) chamam de "união de orações". O segundo verbo da locução, numa forma nominal, é elemento de complementação do primeiro. Assim, a transitividade foi avaliada em função do primeiro verbo:

E o departamento já pretendia montar o laboratório desde o tempo que o João Lúcio foi pra Curitiba a primera vez.

(3-3:1283)

--> transitivo direto

O pessoal falta. Mas quando resolve vir todo mundo que tá naquela raia, daí fica isso.

(13-13:59)

--> transitivo direto

1.2.5.7. Concordância verbal

Em relação à concordância verbal foram considerados três sub-fatores:

1.2.5.7.1. presença de concordância

A, não sei, as nossas família sempre foram espíritas, né?

(20-20:414)

Faltão 7 dias de aula, - excetuando dahi o do cavaco, - os actos começaõ - dizem - a 16 de Outubro - (...)

(34:91)

1.2.5.7.2. ausência de concordância

Todo mundo...estudava, estudava, estudava, mas ninguém falava. As propostas que a gente tinha de est/de falar de sexualidade era muito... muito "en passant", né?

(19-19:643)

Eu te contei, né? Foi montado os textos de Educação Moral e Cívica. Do "Santa Maria". Eu montei todos até agora.

(1-1:581)

1.2.5.7.3. não-se-aplica

Essa denominação atinge os casos de formas homófonas para o singular e o plural e de formas inaudíveis.

Estes indígenas, cuja nação se ignora, não têm idéia alguma de nacionalidade, e são completamente alheios aos ódios que reinam entre os rio-grandenses e os orientais;

(23:254)

Até peguei o violão hoje, né?, que vem o Carlinhos, talvez o Mauro, não sei, a mãe dele não tá bem...(...)

(17-17:248)

Lira (1982) estabelece em seu estudo sobre a variação S V/V S no português do Brasil um fator denominado valor aspectual do verbo, tendo por critério distintivo a oposição *evento/não-evento*. Decidi ampliar sua proposta de análise, desdobrando o fator original em dois, com o objetivo de uma melhor apreensão da expressão do aspecto. São eles: tipo de predicador, em que me fixei no verbo em si, e valor aspectual do enunciado, pelo qual defini a noção aspectual expressa no conjunto da sentença.

1.2.5.8. Tipo de predicador

A relação fundamental que serve de base ao estabelecimento desse fator se dá entre a forma como o predicador expressa a situação (17) e o tipo de argumento externo que ele pede. As distinções consideradas pertinentes a partir do trabalho de Vendler (1957) (18) e Chafe (1970) (19); configuraram os seguintes sub-fatores:

1.2.5.8.1. estado

Pode ser predicado de um sujeito por um período de tempo que não é único ou definido, expressando uma condição que não se altera durante esse intervalo. É acompanhado de um nome *não-agente* (20).

Quando eu olhei pra...pra fila da Impala eu falei:a, não vô entrar nessa fila. Dava voltas a fila. E Belo Horizonte tá um horror. Cê não encontra...ônibus, cê não encontra táxi.

(3-3:830)

Eu não sei se...eu estaria pensando assim se,na minha adolescência,eu tivesse puxado fumo.Acho que aí talvez a história () fosse diferente. Mas, agora ficou a curiosidade de ver como é que é.

(22-22:30)

1.2.5.8.2.processo

Expressa um "fazer" específico que "consiste de fases sucessivas seguindo uma à outra no tempo" (21) e que implica na mudança de estado ou condição do nome que o acompanha. Esse nome, como no caso de estado, também é *não-agente*.

As caerichosas pinturas do teto do teatro a que me tenho referido, pela ação do tempo e eflúvios do magno lustre, tornaram-se invisíveis; (...)

(23:154)

Fra você fazer uma prova, você coloca toda a matéria ali. Dá a matéria de um ano intero. (...). Só vai batendo e vai lendo. Tatatatata. Vai correndo toda a matéria.

(15-15:297)

1.2.5.8.3. mudança pontual

Difere do anterior no sentido de que não expressa uma mudança progressiva, mas sim pontual. Corresponde ao que Vendler chama de "achievement" - uma predicação circunscrita a um período de tempo único e definido. Tem por argumento em função-sujeito um SN *não-agente*.

Aí, faz uns três meses o cara morreu.
 Enfarte. No dia, Rosane, que ele entrou em
 férias.

(16-16:803)

Terminou a temporada, você fecha a casa,
 direitinho, e acabou-se. Espera a próxima
 temporada.

(4-4:40)

1.2.5.8.4. ação

Expressa um "fazer" específico cuja causa
 ou causador é explicitado, revelando sua fonte de deliberação,
 vontade e/ou responsabilidade. É esse caráter agentivo que de-
 fine o nome que o acompanha.

Aí o pessoal pegou e resolveu entrar na
 água, né? O barco tava parado. Todo mundo
pulou na água. E...aí aquela festa, um
 chama o otro (...)

(13-13:433)

Tava começando assim a...imaginar um ponto,
 começar a fazer um exercício e tal, entra
esse cara com um amigo dele, (...)

(17-17:569)

1.2.5.8.5. ação-processo

Implica em uma mudança na condição de um
 nome, provocada por um agente que também é atualizado na senten-
 ça e que desempenha a função de sujeito.

Não é como no Positivo onde o pai controla
as informações através da apostila.

(1-1:204)

Acho que me encheu justamente pela rigidez.
 ...da/do método deles...e o ambiente,
 assim, que na época, o quê?, eu tinha...
 dezesseis/quinze anos, me fazia muito mal
aquela ambiente de aparência, sabe?

(22-22:371)

Para determinar o valor aspectual do enunciado, adotei a proposta de Castilho (1967 e, principalmente, 1984) (22), que considera três pares distintivos para a avaliação do aspecto:

1. operação / resultado da ação
2. ação singular / ação repetida
3. ação pontual / ação durativa

Como os pares não se excluem mutuamente, mas em muitos momentos se recobrem e combinam, a melhor forma de apreender sua possível associação com a ocorrência de V SN seria medi-los separadamente, cada um constituindo um fator específico. Além disso, para abranger os casos em que a distinção (ou distinções) não é expressa no enunciado (23), seria necessário estabelecer para cada um dos três fatores um sub-fator denominado ausência de noção aspectual. Com base nessas considerações, os fatores ficaram assim constituídos:

1.2.5.9. Valor aspectual do enunciado: modo da ação

1.2.5.9.2. operação

Eu deitava no chão e a professora punha uns quadradinhos, cubinhos de madeira.
(4-4:482)

O cara entrou, entrou o outro sujeito, ficou me olhando, olhou por otro, ficou branco, sabe? Esse cara meio que voltou.
(17-17:656)

1.2.5.9.2. resultado

A partir de certo nível não faz um mal tanto físico, faz um mal de energia mesmo. Acordo no dia seguinte mais desgastado, estorado assim. A tua energia já se modifica, muito tóxico no organismo, né?
(12-12:495)

Então ele pega e deixa de comprar, pra guardar porque ele não sabe o que vai precisar amanhã. Né? Gera... gera insegurança. Tá? Com isso cai o consumo.
(8-8:890)

1.2.5.9.3. ausência de noção aspectual

Você com esse tipo de postura não cria laços. Mas você pelo menos cria... circuitos... pra se comunicar pelo menos. Comunicação é muito importante.
(14-14:32)

Podia acontecer montes de coisa.
(2-2:845)

1.2.5.10. Valor aspectual do enunciado:
face qualitativa

1.2.5.10.1. ação singular

O Ministro da Fazenda, J.J. Rodrigues Torres, retira-se com licença para sua fazenda;
(23:45)

Mas, então... mudou. Mudou a cara dele. Ele emagreceu vinte quilos.
(5-5:781)

1.2.5.10.2. ação repetida

Hoje eu ia já depois do almoço, lá nela, né? Porque eu sabia que você muito cedo não vinha, né? Eu sei que o Junior chega tarde, que...até.../

(7-7:83)

Discretamente, tipo propaganda de Coca-cola, que só aparece assim a latinha, quatro vezes aparece a bandeira americana.

(2-2:991)

1.2.5.10.3. ausência de noção aspectual

(...) mas o que o pessoal pode reclamar, é autêntico jeans irlandês. A camisa é indiana.Ham. Sabe? A meia é francesa, a cueca é espanhola e daí?

(14-14:137)

(...); pelo que toca ao modo de êle se conduzir, êle regula tão bem as suas ações, que eu espero me não seja necessário fazer-lhe nenhuma advertência.

(28:79)

1.2.5.11.Valor aspectual do enunciado:
face qualitativa

1.2.5.11.1. ação pontual

Otro dia a minha irmã lixou, um sábado assim, disse: a, eu não aguento. Eu tenho que estudar.../

(22-22:146)

E esses tempo atrás casou um primo nosso, e...todo mundo foi contra. Piação assim de uns dezenove anos.

(16-16:51)

1.2.5.11.2. ação durativa

Quando eu ia pra São Paulo, quando a mãe morava em São Paulo, eu não chegava no Atuba, eu já tava dormindo:

(3-3:895)

E o Célio tinha vindo da Federação, né? Ele falou que não vinha na reunião. Daí chegou: a, tá um saco a reunião lá.

(11-11:437)

1.2.5.11.3. ausência de noção aspectual

O ser humano tem medo do silêncio.

(9-9:256)

Como profissional vai ser um avião. Vai ser muito boa como profissional essa menina.

(1-1:588)

1.2.5.12. Estatuto da oração

A hipótese que se objetivou testar por meio desse fator é a do maior "conservadorismo" das construções subordinadas (Givón, 1977; Pontes, 1982) (24). A questão se colocou especialmente em função da abordagem diacrônica que pretendi dar aos dados, como forma de aprofundar a investigação sobre a ordem V SN em português. Dois sub-fatores foram considerados:

1.2.5.12.1. oração independente

Sob o rótulo independente inclui as independentes propriamente ditas, as principais e as coordenadas. Os resultados que obtive na análise preliminar, quando considerei cada um desses tipos (e também cada tipo de subordinada) como um sub-fator específico, demonstraram que não há diferenças significativas que justifiquem a manutenção de tais distinções.

A minha turma inteira queria se formar no Guaira, só que o Guaira tá lotado.
(19-19:235)

"Fanny e Alexander" é um pouco diferente.
Foi gostoso o filme.
(2-2:1233)

1.2.5.12.2. oração subordinada

Com efeito, apesar da estreiteza de tempo, não só se fundou um Seminario e se povoou de meninos que os nossos padres criam e instruem em virtudes e letras, com o maximo cuidado (...)
(32:86)

Até eu disse que ia, pra ela esperar lá, ela falou que não ia esperar porque tava muito chato o tempo. Ela já tava lá há bastante tempo e... só chovia.
(13-13:654)

1.2.5.13. Data do *corpus*

O fator é consequência natural do desejo de observar o fenômeno diacronicamente. Foram avaliados três momentos históricos, separados por um intervalo aproximado de um século:

1.2.5.13.1. século XVIII (1751 e 1768)

Os Ensayadores vierão da Corte, e sam mtas. vezes bons, pois foram rigorosamente examinados, e estamos livres de mais exames (...)

(33:17)

Pouco tempo antes d'El-Rei meu Senhor me fazer a honra de me nomear pra vir governar esta Capitania recebi uma de V.M.^{ce} que me entregou seu irmão Pedro Antônio da Gama,...

(28:70)

1.2.5.13.2. século XIX (1848 - 1851)

A Nhanhan e Marianinha devem estar muito zangadas comigo pela falta de cartas minhas.

(34:199)

Ultimamente ocorreu um novo incidente entre os Ferreiras, proprietários do trapiche da Saúde, e o guarda-mor da Alfândega;

(23:56)

1.2.5.13.3. momento atual (1987)

Não sei se você se lembra - acho que não é da tua época -, mas Sérgio Reis era do mesmo time de Wanderley Cardoso, Jerry Adriani, Agnaldo Rayol...(...)

(4-4:135)

A gente fazia bastante churrasco, essas coisa assim, né? Levava toda a família, né? Aí veio o cruzado, faltou carne. Aí acabou o cruzado, faltou dinheiro. Não tem tido muito churrasco ultimamente.

(17-17:126)

1.2.6. A Quantificação dos Dados

Todos os 2.588 dados receberam uma descrição própria segundo os fatores definidos no item anterior e foram, em seguida, quantificados. Esse tratamento estatístico, desenvolvido primeiramente por David Sankoff (25), consiste na avaliação da frequência e da probabilidade de ocorrência da variável em estudo em cada contexto específico definido pelos fatores.

Além de promover esses cálculos para cada sub-fator, considerado independentemente, o programa fornece outros dois cálculos complexos. Um deles, em termos de probabilidade, seleciona os fatores mais relevantes para a compreensão do fenômeno, pela pesagem de fator a fator. Desse modo, obtém-se uma listagem hierarquizada por grau de relevância.

O segundo opera com percentuais de frequência, gerando resultados da ocorrência da variante sob a influência simultânea de dois fatores. É o que se denomina cruzamento de fatores. Cada sub-fator é cruzado com os sub-fatores do fator co-ocorrente e os percentuais daí obtidos permitem que se verifique se um dos fatores é explanatoriamente mais forte:

aquele cujos valores originais estão mais próximos dos resultados do cruzamento.

A importância desses tipos de cálculo para a concretização de meus objetivos de trabalho é evidente. Consegue-se apreender as relações existentes entre os diversos fatores em termos de força relativa, associação e dissociação. E isso constitui o primeiro passo para a caracterização do fenômeno nos moldes que proponho.

Notas do Capítulo I

(1) MATHESIUS, V. 1911. "O potenciálnosti jevu jazykivých". Vestník Drál české společnosti nauk, tr. filol.- hist., Sec. II, English translation in Vachek (1964b) p.2 apud Weinreich, U.; W. Labov e M. Herzog. 1968. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. p.167.

(2) Para uma descrição e discussão mais detalhada do modelo, veja-se Weinreich, Labov e Herzog (1968); Labov (1982) e Tarallo (1985).

(3) LABOV, W. 1982. Building on Empirical Foundations. In Lehmann, W.P. e Y. Malkiel (eds.). Perspectives on Historical Linguistics. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1982. p.28

(4) A numeração que acompanha cada exemplo corresponde ao número da entrevista, do informante e a linha em que a sentença se encontra na transcrição ou o número de ocorrência nas cartas.

(5) Keenan (1976:307) define sentença básica de uma língua nos seguintes termos:

"For any Language L,

a. a syntatic structure x is semantically more basic than a syntatic structure y if, and only if, the meaning of y depends on that of x . That is, to understand the meaning of y it is necessary to understand the meaning of x .

b. a sentence in L is a basic sentence (in L) if, and only if, no (other) complete sentence in L is more basic than it".

e acrescenta (p.309):

"...,if the meaning of one structure depends on that of another, then the form of that structure also depends on the form of the other".

(6) "Não-significativo" aqui quer dizer que, em relação aos demais fatores, esses não se mostraram fortes o bastante para determinarem a ordem dos constituintes da sentença. É possível que os princípios envolvidos na definição de tais fatores já façam parte (total ou parcialmente) de outros com maior poder explicativo. Parece ser o caso de Referente relativamente a Status informacional do SN.

(7) Os pronomes pessoais do caso reto foram excluídos do cômputo geral de dados por apresentarem posicionamento pré-verbal categórico durante a análise preliminar dos dados.

(8) Serão apresentados exemplos para as duas variantes observadas, com exceção dos casos em que não se tenha registrado ocorrência. Os números de entrevista e o informante até 22 se referem aos dados orais que compõem o *corpus* atual. A partir de 23, os dados pertencem aos dois *corpora* diacrônicos.

(9) N = nome

(10) SP = sintagma preposicional

(11) Considerou-se aqui a presença de pronome possessivo e não, necessariamente, seu posicionamento. Ele pode ocorrer tanto antes quanto depois de N.

(12) PRINCE, Ellen. 1980. A Functional Syntax Approach to Text Analysis: left-dislocation and topicalization. Presented at the Symposium on Approaches to Text Analysis, University of Chicago, October 10-11, 1980. pp. 28-29.

(13) O termo pessoa refere-se naturalmente a pessoa verbal.

(14) O termo potencialmente remete ao fato de se estar analisando a forma do verbo isolada do contexto da sentença, onde outros fatores atuariam para desambiguá-la.

(15) Essa classificação por número de lugares (ou argumentos) associados ao verbo é, basicamente, a proposta por Lyons (1968) em sua Introdução à Linguística Teórica, pp. 369 e ss.

(16) MATEUS, Maria H. et alii. 1983. Gramática da Língua Portuguesa. Coimbra: Livraria Almedina. pp. 282-5.

(17) Emprego o termo situação na acepção adotada por Comrie (1976) em seu Aspect. An Introduction to the study of verbal aspect and related problems:

"In discussing aspect, it is often necessary to refer to the differences between states, events, process, etc; (...). However, while ordinary nontechnical language provides, with a limited amount of systematization, a metalanguage for these various subdivisions, it does not provide any general term to subsume them all. In the present work the term 'situation' is used as this general cover-term, i.e., a situation may be either a state, or an event, or a process".

(p.13) (grifo meu)

(18) VENDLER, Zeno. 1957. Verbs and Times. in Vendler, Z., Linguistics in Philosophy. 3 ed., Ithaca: Cornell University Press. 1974. pp.97-121.

(19) CHAFE, Wallace. 1970. Estados, processos e ações. In Chafe, W., Significado e Estrutura Lingüística. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. pp.95-105.

(20) A noção de agentividade é complexa e controversa. O agente é normalmente definido como "o instigador de uma ação" (Fillmore, 1968), "o responsável pela ação" (Grimes, 1975). "a entidade apresentada controlando a ação" (Dik, 1980), para citar apenas alguns dos lingüistas que se dedicaram à questão. Tomei as idéias de causa, responsabilidade e controle associadas à agente para estabelecer a oposição *agente/não-agente*. As distinções encobertas sob o rótulo *não-agente* não serão consideradas, já que, a princípio, não se mostraram relevantes.

(21) VENDLER, op. cit. p.99.

(22) CASTILHO, Ataliba T. de. 1968. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. Marília: FFCL. e _____. 1984. Ainda o Aspecto Verbal. EPA - Estudos Portugueses e Africanos n.4 pp. 9-36 IEL / UNICAMP;

Deve-se ressaltar que a proposta desses trabalhos refere-se ao aspecto verbal, ou seja, à expressão de noção aspectual do ponto de vista específico do verbo. Minha aplicação decorre de uma ampliação que toma todo o conjunto da sentença como objeto de análise. Entendo que outros elementos, essencialmente de natureza lexical, podem alterar a expressão original do verbo tomado isoladamente, imprimindo ao conjunto uma informação diferente. É justamente esse dado que pretendi captar.

(23) Esses casos se caracterizam pela expressão de realizações virtuais da ação e de estados que não são resultantes de qualquer ação.

(24) GIVÓN, Talmy. 1977. The Drift from VSO to SVO in Biblical Hebrew: the pragmatics of tense-aspect. In C. Li (ed). *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: The University of Texas Press, 1977. pp.181-254.

PONTES, Eunice. 1982. A ordem VS em português: uma tentativa de explicação. In Pontes, E., *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987. pp.149-163.

(25) Para maiores esclarecimentos sobre esse modelo matemático, ver:

SANKOFF, David & P. Rousseau. 1973. A Method for assessing variable rule and implicational scale analyses of linguistic variation.

SANKOFF, D. (sem data). Sociolinguistic method and linguistic theory.

SANKOFF, D. 1978. Probability and Linguistic Variation.

Capítulo II

DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS SINCRÔNICOS

O *corpus* que compreende os dados sincrônicos compôs-se de 1588 sentenças que foram analisadas segundo os fatores descritos no capítulo anterior. Desde cedo, os resultados indicaram que uma determinada estrutura se comportava quase categoricamente (99%) em relação à V SN: aquela cujo verbo ficou definido como intransitivo existencial (ver item 1.2.5.6.1 no capítulo I). O confronto desse fator com todos os outros considerados na análise confirmou sua força, pois seu percentual de co-ocorrência com SNs pós-verbais se mantém inalterado quaisquer que sejam as características da sentença em que aparece e dos elementos que a compõem. Sem deixar de constituir um dado muito interessante, o resultado apontou a necessidade de se trabalhar com esse grupo de sentenças separadamente das outras, a fim de evitar sua interferência nos índices gerais. Assim, vou me restringir a tratar desse tipo de verbo quando estiver abordando o fator Transitividade. Para todos os demais fatores, excluí as referidas sentenças (cerca de 326) do cômputo total. Os resultados descritos referem-se, portanto, a 1262 sentenças.

Quanto aos fatores, foi necessário eliminar Forma verbal, uma vez que a ausência de dados para formas potencialmente não-ambíguas tornou-o completamente irrelevante para a análise do fenômeno.

Considerando os percentuais gerais de frequência, 21% dos dados ocorreram em V SN (1). Isso diz pouco a respeito do fenômeno. É necessário caracterizar essa ocorrência, descobrir como ela se dá. O objetivo desse capítulo é, justamente, descrevendo os resultados obtidos no tratamento quantitativo dos dados, chegar a compôr o quadro de fatores que estão associados à produção de V SN no presente momento histórico.

2.1. A Realização do SN

Quanto à Realização do SN, a tabela 2.1 mostra que frequência e probabilidade convergem para resultados semelhantes:

Tabela 2.1 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a Realização do SN, no *corpus* sincrônico

sub -fatores \ resultados	frequência		probabilidade
oração finita	100%	13/13	1.00
oração infinitiva	85%	41/48	0.93
SN + SN	67%	6/9	0.83
(det) + N + adj + (SP)	47%	21/45	0.47
pronome	24%	24/100	0.41
N + relativa	29%	8/28	0.40
quant. + (det) + (poss) + N + (SP)	24%	20/85	0.39
(det) + N + SP	31%	21/68	0.31
(det) + N	16%	88/567	0.24
nome próprio	7%	12/174	0.17
(det) + poss + N + (SP)	7%	9/124	0.10

Os sub-fatores oração finita e oração infinitiva apresentam os valores mais elevados em relação a V SN. Seus resultados são duplamente interessantes. Primeiramente, por serem muito altos, indicando que V SN é a ordem esperada nesses casos. Segundo, por serem diferentes: V SN é categórica com o primeiro tipo de realização (2) e muito freqüente e provável com o segundo. Essa diferença de comportamento talvez se devesse ao parentesco nominal das formas verbais infinitivas, que as

aproximaria dos sujeitos típicos. A caracterização mais detalhada dessas realizações e das sentenças em que ocorrem mostra, por outro lado, que suas semelhanças são maiores que as diferenças: tanto uma quanto outra são predominantemente não-animado, co-ocorrem basicamente com verbo de ligação e predicador de estado e aparecem, de modo geral, em sentenças que não expressam noção aspectual. Isso parece, na verdade, distanciá-las do rótulo "típico".

A força desses sub-fatores ficou evidenciada nos cruzamentos com outros fatores. Nesse tipo de cálculo, avalia-se a frequência de V SN na presença simultânea de dois fatores. A partir dos percentuais obtidos, é possível verificar se um dos dois fatores é explanatoriamente mais forte que o outro; ou seja, se tem os resultados mais próximos daqueles gerados pelo cruzamento (ver também item 1.2.6, capítulo I) Para que se possa fazer a comparação, junto a cada sub-fator apresentado incluo nas tabelas os seus percentuais de frequência originais; isto é, os valores obtidos sem interferência de qualquer outro fator. Esse procedimento será adotado para todas as demais tabelas que apresentarem cruzamento de fatores. No caso de oração finita e oração infinitiva, os cruzamentos mostraram que sua relação com V SN é extremamente estável, insensível à atuação de quaisquer outros fatores. É o que se vê em relação a Transitividade do verbo (tabela 2.2) e a Status informacional do SN (tabela 2.3).

Tabela 2.2 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de oração finita e oração infinitiva com Transitividade do verbo, no *corpus* sincrônico

realização do SN \ transitividade do verbo	intransitivo não-existencial (46%) *	verbo de ligação (23%)	expressão fixa (13%)
oração finita (100%)	100%	91%	***
oração infinitiva (84%)	-	83%	100%

* os números entre parênteses representam, respectivamente, os percentuais originais de frequência e os índices de probabilidade de ocorrência. Não houve ocorrências para os demais tipos de verbo.

** o sinal (-) indica que não houve número significativo de dados (mais de 10) na formação da célula. (3)

Tabela 2.3 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de oração finita e oração infinitiva com Status informacional do SN, no *corpus* sincrônico.

realização do SN \ status informacional *	oração finita (100%)	oração infinitiva (84%)
novo (28%)	100%	86%
inferível (26%)	100%	85%
dado em sentença não-imediatamente anterior (17%)	80%	83%

* não houve ocorrências desses dois tipos de realização do SN com status dado em sentença imediatamente anterior

O que se vê é a reprodução dos percentuais esperados para os dois tipos de realização do SN (100% e 84%) e a tendência a desaparecerem as diferenças numéricas que distinguem os sub-fatores de Transitividade do verbo e de Status informacional do SN.

Tudo isso sugere que talvez seja inadequado tratar essas realizações propriamente como sujeitos.

O resultado de SN + SN, também bastante elevado, o inclui, a princípio, entre as possibilidades de realização mais significativamente associadas à V SN. No entanto, o número de ocorrências desse tipo é excessivamente pequeno, invalidando sua representatividade.

Parece possível reunir num grupo intermediário as realizações de pronomes demonstrativos e indefinidos, (det) + N + adjetivo + (SP), (det) + N + SP, quantificador + (det) + (poss) + N + (SP) e N + relativa. Se existem diferenciações a nível de frequência, elas ficam bastante atenuadas quando se considera o cálculo de probabilidade. Além disso, todos esses tipos de SN reagem de modo semelhante em relação aos outros fatores: quando do cruzamento com Animacidade do SN e Transitividade do verbo opera-se uma elevação dos percentuais, sem que isso represente mudança na força relativa com que cada uma das distinções desses fatores se associa à V SN; e quando em co-ocorrência com Status informacional do SN, Estatuto da oração e as distinções aspectuais singular/repetido e

pontual/durativo, não só os percentuais, como também a ordenação interna de cada um desses fatores, sofrem alterações .

As realizações de tipo (det) + N se associam à V SN por índices e percentuais bem mais baixos. Seu cruzamento com os demais fatores revelou um efeito sistemático de diminuição dos resultados dos co-ocorrentes, sem, no entanto, determinar grandes mudanças na hierarquia interna dos mesmos. Vale observar o resultado obtido para Estatuto da oração , em que desaparece a distinção, muito tênue, entre orações independentes e subordinadas, prevalecendo o índice correspondente ao tipo de SN.

Restam os SNs constituídos de (det) + nome próprio e de (det) + possessivo + N + (SP): os menos frequentes em V SN e aqueles que têm a menor probabilidade de ocorrer nessa ordenação. Esse comportamento tende a se manter mesmo quando co-ocorrem outros fatores explicativamente fortes. É o caso de Animacidade do SN (tabela 2.4) e Transitividade do verbo (tabela 2.5):

Tabela 2.4 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de (det) + nome próprio e (det) + poss. + N + (SP) com Animacidade do SN, no *corpus* sincrônico.

realização do SN \ animacidade do SN	(det) + nome próprio (7%)	(det) + poss. + N + (SP) (7%)
não-animado (36%)	8%	12%
animado (9%)	7%	4%

Tabela 2.5- Frequência de V SN a partir do cruzamento de (det) + nome próprio e (det) + poss. + N + (SP) com Transitividade do verbo, no *corpus* sincrônico.

realização do SN \ transitividade do verbo	(det) + nome próprio (7%)	(det) + poss. + N + (SP) (7%)
intransitivo não-existencial (48%)	40%	8%
verbo de ligação (23%)	5%	9%
expressão fixas (13%)	0%	-
transitivo indireto (8%)	0%	-
transitivo direto (3%)	6%	4%
bi-transitivo (0%)	-	-

No caso da correlação com Animacidade, mantém-se a superioridade numérica dos SNs não-animados em oposição aos animados. No entanto, os percentuais sofreram uma queda bastante sensível. Veja-se o caso dos não-animados, que de uma frequência de V SN de 36% passam a 8% e a 12%

O efeito observado sobre Transitividade do verbo é ainda mais significativo, já que não apenas há uma diminuição de seus percentuais, mas também alterações na ordem em que seus sub-fatores se relacionavam a V SN. O resultado de transitivo direto com SNs de tipo (det) + nome próprio é superior ao de transitivo indireto, de expressão fixa e, até mesmo, de verbo de ligação. A categoria intransitivo é aquela que se mostra mais resistente; ainda assim, somente quando co-ocorre com (det) + nome próprio.

2.2.A Referência do SN

No que diz respeito à Referência do SN, os resultados (tabela 2.6) demonstram que a expectativa de uma associação entre referência específica do sujeito e ordem V SN (4) se concretiza, mas com base em pequenas diferenças numéricas e em termos de probabilidade de ocorrência:

Tabela 2.6 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a Referência do SN, no *corpus* sincrônico

referência do SN \ resultados	frequência	N	probabilidade
específico	19%	139/747	0.58
específico com genericidade	33%	52/156	0.53
genérico	20%	34/180	0.45
genérico com especificidade	20%	34/174	0.43

Esses índices (probabilidade) operam uma reorganização interna do fator, estabelecendo um novo recorte que privilegia a distinção genérico/específico. Portanto, a proposta de sub-fatores intermediários a esses dois pólos não se mostrou pertinente.

Apesar de um resultado aparentemente significativo, o cálculo probabilístico que mede a força de cada fator relativamente aos demais não selecionou Referência do SN como relevante para a explicação do fenômeno. Os percentuais de frequência parecem sugerir o mesmo. E isso finalmente se confirma quando, abandonando o cálculo baseado na oposição SN V / V SN, observar-se como o total de ocorrências de cada uma das variáveis se distribui pelos sub-fatores. A tabela 2.7 apresenta os percentuais de frequência de SN V e de V SN primeiramente levando em conta as quatro distinções estabelecidas para Referência e, num

segundo momento, considerando apenas a oposição mais geral *específico/genérico* (5).

Tabela 2.7 - Frequência de V SN e SN V segundo a Referência do SN, com base em uma distribuição interna das ocorrências

ordem referência do SN	SN V		V SN	
	segundo 4 distinções	genérico X específico	segundo 4 distinções	genérico X específico
específico	61% (609/1000)	71,5% (715/1000)	53% (142/267)	73,5% (196/267)
específico com generi- idade	11% (106/1000)		20% (54/267)	
genérico	14% (146/1000)	28,5% (285/1000)	14% (37/267)	26,5% (71/267)
genérico com especi- ficidade	14% (139/1000)		13% (34/267)	

Verifica-se que os sub-fatores se comportam do mesmo modo para ambas as ordenações. Assim, se há uma relação de maior ocorrência de V SN com SNs específicos, o mesmo também se dá com SN V. Ou seja, o que existe é uma frequência maior de SNs específicos, independentemente da posição que ocupem em relação a V. As figuras 2.1 e 2.2 evidenciam ainda mais claramente essa similaridade:

Figura 2.1.- Frequência de V SN e de SN V segundo a Referência do SN, com base em uma distribuição interna de ocorrências.

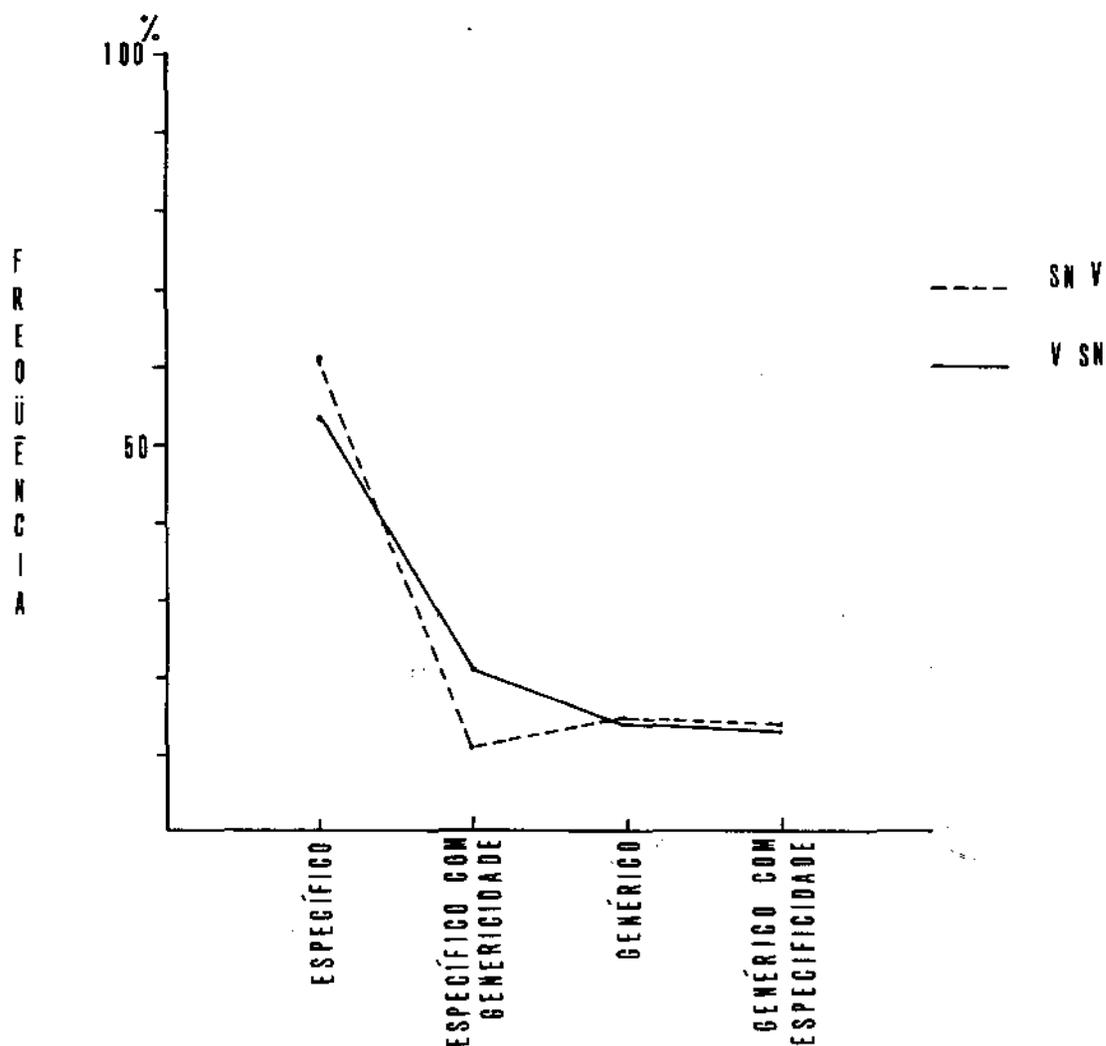
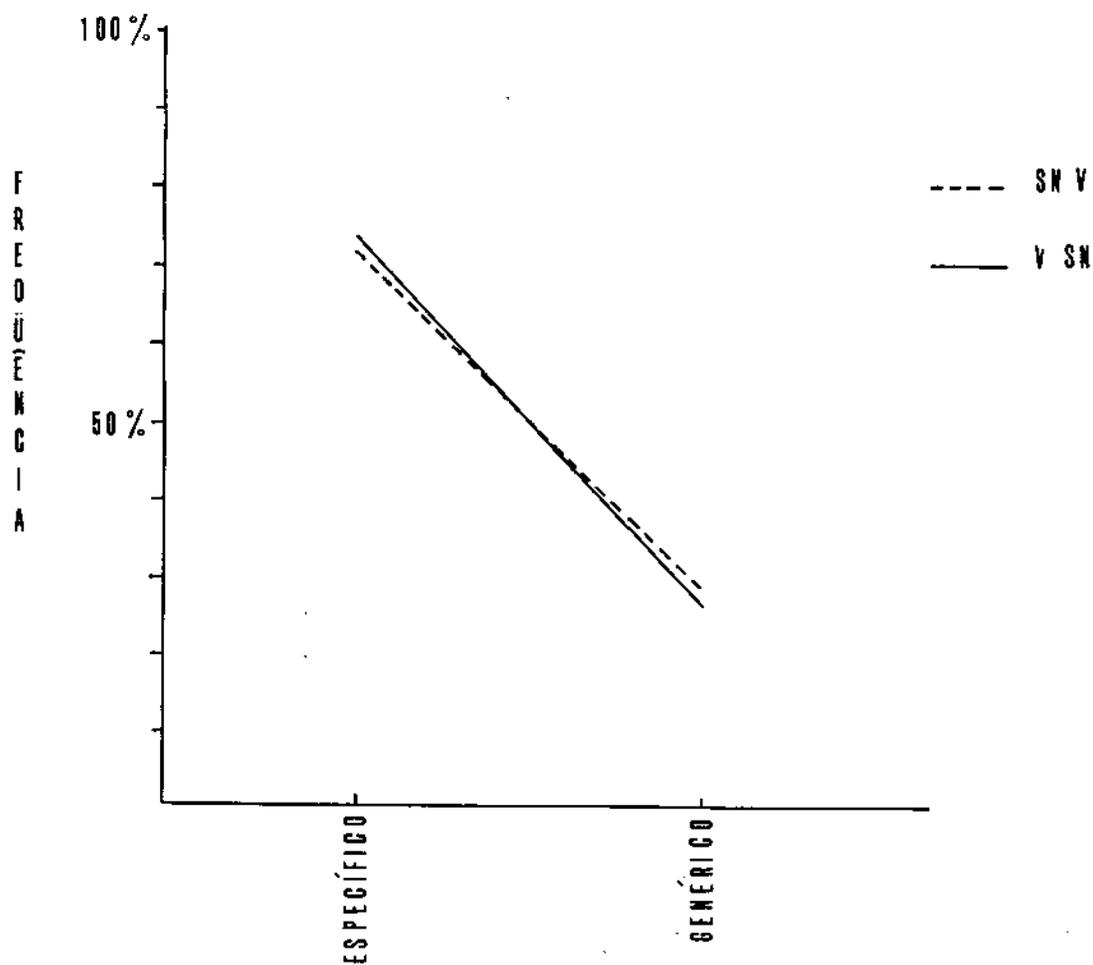


Figura 2.2 - Frequência de V SN e de SN V, segundo a oposição *genérico/específico*.



Pode-se concluir desse comportamento, então, que o grau de especificidade ou genericidade do SN não constitui um fator distintivo das duas possibilidades de ordenação.

2.3.A Animacidade do SN

Os resultados para Animacidade do SN confirmam o traço não-animado como uma característica típica do SN pós-verbal: em 76% dos casos de V SN, o referente do SN era não-animado (202 em 263). Esse valor vem de encontro ao obtido por meio do cálculo probabilístico (tabela 2.8) .

Tabela 2.8 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a Animacidade do SN, no *corpus* sincrônico

resultados animacidade do SN	frequência	N	probabilidade
não-animado	36%	202/578	0.63
animado	9%	61/684	0.37

Segundo esses resultados, há uma probabilidade de 0.63 de que o SN não-animado ocorra depois do verbo. A presença desse traço gera uma elevação geral dos percentuais de ocorrência de V SN obtidos para os outros fatores.

Tais resultados tornam-se ainda mais significativos pela diferença que se instala entre SNs não-animados e animados. Esses últimos apresentam uma frequência bastante baixa de V SN e a probabilidade de serem enunciados nessa ordenação equivale à metade do índice encontrado para SNs não-animados. Os efeitos que a presença desse traço provocam sobre

os resultados dos demais fatores são notórios: além de diminuí-los sensivelmente (mesmo percentuais estáveis como o relativo a verbos intransitivos), opera modificações na organização interna de Status informacional do SN, Tipo de predicador e Estatuto da oração ⁽⁶⁾.

A força e a uniformidade de comportamento demonstrados por Animacidade do SN explicam sua seleção pelo programa que analisa a relevância de cada fator.

2.4. O Status Informacional do SN

A tabela 2.9 contém os resultados para Status informacional do SN. Tanto em termos de frequência quanto de probabilidade de ocorrência, observa-se uma hierarquização significativa dos índices no sentido previsto. Os valores são mais altos à medida em que o referente do SN é relativamente mais novo no discurso. A proposta de se avaliar esse fator com base em uma escala gradativa de "novidade" mostrou-se, portanto, válida.

Tabela 2.9 - Frequência e probabilidade de V SN segundo o Status informacional do SN, no *corpus* sincrônico.

resultados	frequência	N	probabilidade
status informacional do SN			
novo	26%	87/331	0.57
inferível	25%	83/327	0.59
dado em sentença não-imediatamente anterior	17%	80/461	0.46
dado em sentença imediatamente anterior	9%	13/143	0.38

Em relação aos outros fatores, as distinções de Status informacional apresentaram uma tendência constante a manter sua hierarquia. Veja-se o caso de Transitividade do verbo:

Tabela 2.10 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Status informacional do SN e Transitividade do verbo, no *corpus* sincrônico..

status	novo (28%)	inferível (26%)	dado em senten- ça não-imedia- mente anterior (17%)	dado em sen- tença imedia- tamente ante- rior (9%)
transiti- vidade				
intrans. não-exist. (46%)	50,5%	58%	37%	20%
verbo de ligação (23%)	30%	2%	24%	12%
expressão fixas (13%)	25%	16%	9%	9%
transitivo indireto (8%)	13%	8%	8%	-
transitivo direto (3%)	4%	4%	2%	0%
bi-trans. (0%)	-	-	-	-

O movimento descendente é uniforme. Note-se, porém, que as relações de força entre os sub-fatores de Transitividade não são alteradas. O mesmo processo se dá com a maior parte dos fatores confrontados. Creio ser esse o motivo da exclusão de Status informacional do grupo considerado relevante para a explicação do fenômeno V SN. Ele produz modificações maiores apenas em Estatuto da oração (relativamente a dado em

sentença imediatamente anterior há uma inversão que favorece as orações independentes) e nas oposições aspectuais singular/repetido e pontual/durativo, fatores que se mostraram também pouco relevantes. É possível pensar que sua força se situe num segundo nível de atuação e que as determinações básicas estejam a cargo e sofram as restrições de outros fatores.

2.5. A Transitividade do verbo

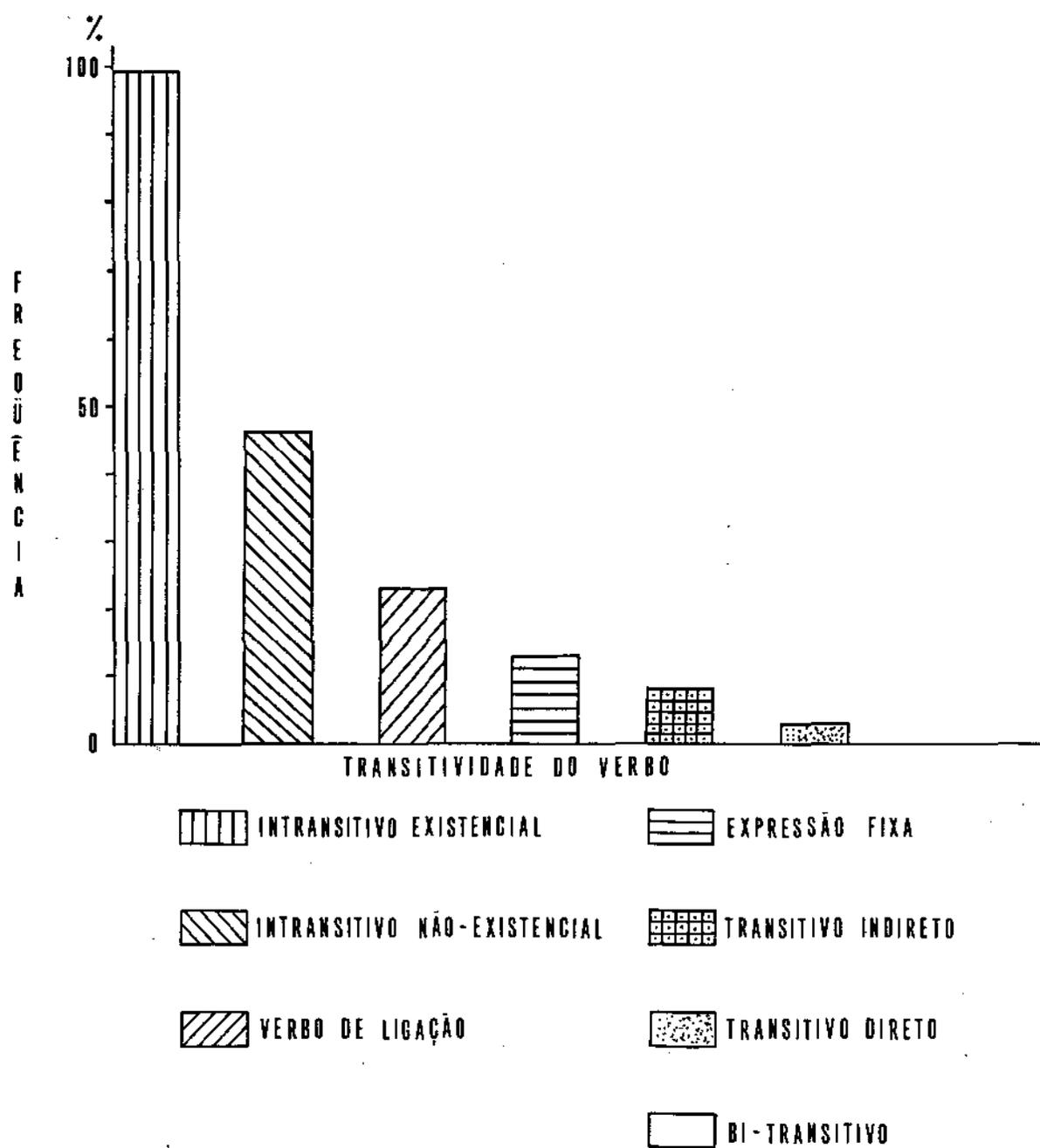
Para Transitividade do verbo, os resultados confirmam a expectativa de que o caráter [-transitivo] se associa à V SN e apontam distinções importantes entre os vários tipos considerados (tabela 2.11):

Tabela 2.11 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a Transitividade do verbo, no *corpus* sincrônico.

resultados	frequência	N	probabilidade
transitividade do verbo			
intransitivo existencial	99%	322/326	0.99
intransitivo não-existencial	46%	127/272	0.82
verbo de ligação	23%	107/456	0.60
expressão fixa	13%	10/76	0.54
transitivo indireto	8%	8/91	0.38
transitivo direto	3%	11/343	0.26
bi-transitivo	0%	0/22	0.00

O que imediatamente chama a atenção é a diminuição gradual dos valores à medida que se passa de verbos relativamente menos transitivos para verbos relativamente mais transitivos. Embora não haja uma correspondência absoluta entre os resultados de frequência e probabilidade, o encaminhamento é o mesmo. A representação dos percentuais de frequência (figura 2.3) não deixa dúvidas quanto à regularidade do movimento descendente.

Figura 2.3 - Frequência de V SN segundo a Transitividade do verbo, no *corpus* sincrônico.



Os intransitivos se destacam como o bloco mais fortemente associado à V SN, confirmando as conclusões de Bittencourt (1979) e Lira (1982). No entanto, não constituem um grupo uniforme, como indicam os dados. Enquanto todos os fatores são suplantados pelos existenciais, o mesmo não se dá com os não-existenciais. Quando do cruzamento desse tipo de verbo com os demais fatores, opera-se uma elevação geral dos percentuais originalmente obtidos para os demais, mas apenas em relação à Realização do SN, Status informacional, Tipo de predicador e Estatuto da oração ocorrem alterações na hierarquia pela qual os sub-fatores se associam à V SN. As distinções de animado/não-animado, operação/resultado e singular/repetido permanecem intocadas. Confirma-se ainda a extrema estabilidade de comportamento de sujeitos (det) + possessivo + N + (SP), cujo percentual se mantém praticamente inalterado. O distanciamento entre as duas variedades de intransitivos acentua suas diferenciações semânticas e indica a necessidade de se levar em conta a relação específica que cada uma mantém com seu argumento.

Creio ser possível situar os verbos de ligação em um ponto intermediário da escala. Seu efeito sobre outros fatores se define basicamente pela diminuição de diferenças internas: em Realização do SN, nivelam-se os percentuais de (det) + N + adjetivo + (SP), (det) + N + SP e (det) + possessivo + N + (SP), e diminuem os valores de nome próprio, (det) + N e quantificador + (det) + (poss) + N + (SP); em Animacidade do sujeito, os dois percentuais se aproximam; em Status informacional, nivelam-se dado em sentença não-imediata

te anterior e inferível, decresce o percentual de resultado e equiparam-se os valores de singular e repetido. Há uma co-ocorrência quase absoluta, já prevista, de verbos de ligação e predicadores de estado. A distância entre os percentuais de frequência (23%) e os índices de probabilidade de ocorrência (0.60) sugere que outro(s) fator(es), não levado(s) em conta na avaliação quantitativa (propósitos comunicativos, por exemplo), estão interferindo na produção final de V SN.

O posicionamento do que denominei expressão fixa confirma seu estatuto transitório, meio híbrido, que guarda restos de transitividade, mas que também é usado como verbo de um lugar (=de um argumento). Naturalmente, essa percepção vai variar de acordo com o grau de cristalização da expressão. O resultado probabilístico (0.54), pela aproximação com os verbos de ligação (0.60), indica ser mais viável interpretá-las como predicadores complexos de um argumento. Por outro lado, a frequência aponta um parentesco maior com os transitivos. A diferença parece residir justamente na maneira menos ou mais "fixa" como tais expressões são percebidas. Em relação aos demais fatores, sua atuação se dá no sentido de diminuir os percentuais, limitando-se a modificar a organização interna das distinções aspectuais singular/repetido e pontual/durativo.

Os transitivo direto e os transitivo indireto constituem um outro sub-grupo. Eles se caracterizam por resultados bastante baixos de V SN e atuam de modo determinante sobre os

fatores com que co-ocorrem: provocam uma diminuição sensível nos percentuais e alteram a organização interna dos sub-fatores. Mesmo em Animacidade do SN, um fator extremamente estável, a distinção animado/não-animado cede lugar à força desses tipos de verbo (tabela 2.12) :

Tabela 2.12 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de transitivo direto e transitivo indireto com Animacidade do SN, no *corpus* sincrônico.

animacidade \ transitividade	transitivo indireto (8%)	transitivo direto (3%)
não-animado (36%)	11%	3%
animado (9%)	8%	3%

Apenas Status informacional do SN e Estatuto da oração (este, somente com os transitivos diretos) conseguem manter sua hierarquia de resultados.

Comportamentos semelhantes não encobrem, porém, uma diferença numérica pequena, mas constante, entre essas duas variedades de verbos transitivos, que situa os indiretos relativamente mais próximos de V SN. O dado sugere que a marcação explícita do caso do complemento (por meio da preposição) diminui os riscos de ambigüidade nas ocorrências de V SN e, portanto, as torna mais prováveis (7).

A extrema regularidade dos resultados aponta a Transitividade do verbo como um fator explicativamente muito forte. O programa que define o grau de relevância de cada fator não confirma apenas sua força; ele o classifica como o mais relevante dentre todos os analisados para esse momento histórico.

2.6. O Tipo de Predicador

Os resultados de Tipo de predicador vem complementar os dados obtidos para Transitividade, redimensionando a força numérica verificada para cada tipo de verbo (tabela 2.13) :

Tabela 2.13 - Frequência e probabilidade de V SN segundo o Tipo de predicador, no corpus sincrônico

resultados tipo de predicador	frequência	N	probabilidade
mudança pontual	49%	67/137	0.44
estado	21%	146/691	0.57
processo	20%	17/87	0.34
ação	12%	29/237	0.66
ação-processo	4%	4/110	0.49

A progressão observada em termos de frequência faz pensar numa possível correspondência entre esses resultados e os analisados no item anterior. Existem realmente pontos de contato, revelados pelo cruzamento dos dois fatores (tabela 2.14) :

Tabela 2.14 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Tipo de predicador e Transitividade do verbo, no *corpus* sincrônico

tipo de predicador	mudança pontual (49%)	estado (21%)	processo (20%)	ação (13%)	ação-processo (4%)
transitividade do verbo					
intransitivo não-existencial (46%)	59%	60%	29%	26%	-
verbo de ligação (23%)	-	23%	-	-	-
expressão fixa (13%)	-	20%	-	-	-
transitivo indireto (8%)	-	3,5%	-	12%	-
transitivo direto (3%)	0%	1%	0%	8%	2%
bi-trans. (0%)	-	-	-	-	-

Primeiramente, o que se observa é a predominância do fator Transitividade. Os casos de transitivo direto e de intransitivo não deixam dúvida a esse respeito. Em segundo lugar, as correspondências reveladas explicam o comportamento de certos predicadores. Os de ação-processo, por exemplo, demonstraram uma forte restrição à V SN, mantendo-a mesmo quando confrontados com outros fatores. O fato não é gratuito, já que todos eles são constituídos de verbos transitivo direto e de transitivo direto e indireto.

Os resultados de predicadores de mudança pontual podem, por sua vez, ter sido determinados por serem esses, basicamente, intransitivo. Prova disso é a dissociação verificada entre esse tipo de predicador e a noção aspectual pontual. Feito o cruzamento entre os dois fatores, obtive um resultado mais favorável a durativo (60%) que a pontual (55%), o que naturalmente não aconteceria se esse traço fosse relevante para a produção de V SN.

Algo semelhante ocorre com os predicadores de processo. Também eles são, em sua maioria, intransitivos. Confrontados com a mesma distinção aspectual, a esperada superioridade do traço durativo não se dá, indicando ser outra a causa de sua associação a V SN.

Os predicadores de ação, assim como os de estado, também se moldam às expectativas geradas pela escala de transitividade. No entanto, ao contrário desses, aqueles determinam algumas alterações em fatores co-ocorrentes. Com Status in-

formacional, existe a inversão das posições de inferível e no-vo, afetando a consistente gradação de "novidade"; e com a distinção aspectual operação/resultado ocorre o favorecimento de operação em relação a ausência de noção aspectual, um efeito esperado. O que mais se destaca, porém, é a modificação produzida em Animacidade do SN: não há nenhum caso de V SN com SNs não-animado e predicador de ação. O fato pode ser explicado por duas restrições simples: primeiramente, porque o predicador de ação tem um argumento [+ agente] em função-sujeito, que é, na grande maioria dos casos, animado; segundo, porque um elemento não-animado posposto a um verbo de ação, no caso de esse verbo ter um correspondente causativo, tenderia a ser interpretado como argumento interno e não como argumento externo.

A dependência, ou complementaridade, do fator Tipo de predicador em relação a Transitividade, evidenciada a partir da tabela 2.14, justifica, a meu ver, sua exclusão do conjunto de fatores relevantes à explicação do fenômeno. A disparidade de resultados entre os cálculos de frequência e de probabilidade é significativa. No segundo caso, existe um quase nivelamento dos índices, a ponto de o sub-fator aparentemente menos ligado à V SN (ação-processo) superar aquele que detinha a relação mais forte (mudança pontual). Amplia-se a distância entre o provável e o concreto. Se a frequência leva a crer numa associação entre SNs [- agente] e V SN, a probabilidade apresenta seu maior índice com predicadores de ação. Esse quadro me parece apontar a interferência de outro fator no caminho entre

a previsão e o dado. E isso conduz de novo à Transitividade, que, como já demonstrei, é realmente o fator determinante dos resultados.

2.7. A Concordância Verbal

No que diz respeito à Concordância verbal, a pequena quantidade de dados de ausência contraria a percepção de que esse é um fenômeno sensível de variação no português do Brasil (tabela 2.15):

Tabela 2.15 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a Concordância verbal, no corpus sincrônico.⁽⁸⁾

resultados concordância	freqüência	N	probabilidade
ausência	94%	17/18	0.93
presença	20%	236/1186	0.17

O fato deve ter se dado em função do tipo de metodologia utilizada e dos critérios que definiram o grupo de informantes (de nível universitário), que teriam contribuído para a obtenção de um texto mais "policiado". Apesar disso, a quase categoricidade com que a ausência de concordância se associa à V SN e a manutenção desse resultado em relação aos de-

mais fatores confirmam sua relevância e justificam a seleção do fator como explanatoriamente forte. Essa associação tem servido de argumento favorável à tese do caráter "menos subjetivo" do sujeito (ou SN) que ocorre em V SN, uma vez que a concordância verbal sempre foi considerada uma das propriedades formais definidoras da função-sujeito. Discutirei essa questão com mais detalhe quando da interpretação dos resultados (capítulo VI).

Os valores encontrados para presença de concordância são muito mais baixos e pouco acrescentam à explicação do fenômeno, já que variam sempre que em contato com outro fator e, nessa variação, reproduzem os índices dos co-ocorrentes.

2.8. O Estatuto da Oração

Os resultados para o fator Estatuto da oração parecem confirmar a associação entre um espaço sintático mais conservador (as orações subordinadas) e uma ordenação dita igualmente mais antiga na língua - V SN - (tabela 2.16).

Tabela 2.16 - Frequência e probabilidade de V SN segundo o Estatuto da oração, no *corpus* sincrônico.

resultados estatuto da oração	frequência	N	probabilidade
oração subordinada	24%	78/328	0.53
oração independente	20%	185/934	0.47

No entanto, os percentuais e os índices são baixos, próximos do resultado geral, e a distinção se mantém por diferenças numéricas pequenas. Além disso, o cruzamento com os demais fatores demonstrou que o Estatuto da oração se submete à força de seus co-ocorrentes a ponto de ter, algumas vezes, sua hierarquia interna modificada. É o que ocorre, por exemplo, em relação aos transitivos indiretos e intransitivos:

Tabela 2.17 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Estatuto da oração e Transitividade do verbo

	estatuto da oração	oração subordinada (24%)	oração independente (20%)
transit. do verbo			
intransitivo não-existencial (46%)		44%	46%
verbo de ligação (23%)		29%	22%
expressão fixa (13%)		19%	11%
transitivo indireto (8%)		3%	10%
transitivo direto (3%)		6%	2%
bi-transitivo (0%)		-	0%

O cálculo probabilístico que aponta a relevância de cada fator classificou-o como explicativamente fraco, excluindo-o do grupo de fatores importantes para a compreensão desse fenômeno de variação.

2.9. Valor aspectual do enunciado : operação/resultado

Das três oposições consideradas para o Valor aspectual do enunciado apenas aquela que distingue operação de resultado foi apontada como relevante pelo cálculo probabilístico. Seus resultados (tabela 2.18) revelam uma relação significativa entre a noção de resultado e a ordem V SN:

Tabela 2.18 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual operação/resultado, no *corpus* sincrônico.

operação/ resultado	resultados	frequência	N	probabilidade
resultado		49%	92/186	0.70
operação		11%	42/363	0.43
ausência de noção aspectual		18%	129/713	0.36

Tal associação se mantém estável e forte, mesmo quando se leva em conta a presença de outros fatores, embora não chegue a modificar a hierarquia interna destes co-ocorrentes.

Também quanto a operação e ausência de noção aspectual, observa-se uma tendência a aproximar os demais resultados de seus percentuais de frequência. Nesses dois casos a relação com V SN se dá em sentido oposto àquela que ocorre

com resultado. A diminuição dos percentuais de Realização do SN (em co-ocorrência com os dois sub-fatores) e de Transitividade (em presença de operação) gera algumas alterações na organização interna desses fatores (tabelas 2.19 e 2.20) :

Tabela 2.19 - Frequência de V SN a partir do cruzamento das noções aspectuais operação e ausência de noção aspectual com Realização do SN, no *corpus* sincrônico.

valor aspectual realização do SN	operação (11%)	ausência de noção aspectual (18%)
oração finita (100%)	-	100%
oração infinitiva (85%)	-	83%
(det) + N + adjetivo + (SP) (47%)	-	16%
pronomes (24%)	0%	23%
N + relativa (29%)	-	13%
quant. + (det) + (poss) + N + (SP) (24%)	11%	22%
(det) + N + (SP) (31%)	38%	11%
(det) + N (16%)	11%	10%
nome próprio (7%)	6%	5%
(det) + poss + N + (SP) (7%)	6%	5%

Tabela 2.20 - Freqüência de V SN a partir do cruzamento da noção aspectual operação com Transitividade, no *corpus* sincrônico.

noção aspectual	operação (11%)
transitividade do verbo	
intransitivo não-existencial (46%)	26%
verbo de ligação (23%)	-
expressão fixa (13%)	6%
transitivo indireto (8%)	11%
transitivo direto (3%)	6%
bi-transitivo (0%)	0%

2.10. Valor aspectual do enunciado: singular/repetido

A avaliação da face quantitativa do aspecto expresso no enunciado apontou um resultado relativamente mais favorável a V SN em associação com a noção singular (tabela 2.21) :

Tabela 2.21 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual singular/repetido.

resultados	frequência	N	probabilidade
singular/ repetido			
singular	26%	73/278	0.54
repetido	23%	61/271	0.48
ausência de noção aspectual	18%	129/713	0.48

Essa superioridade, entretanto, é bastante frágil, não só por basear-se em uma diferença percentual pequena, mas principalmente por não ser constante. Confrontando esse fator com os outros, em vários momentos obtive percentuais mais elevados para repetido, em lugar da esperada predominância de singular. Isso se deu, mais notadamente, em relação a Realização do SN e Transitividade. Além disso, na maior parte das correlações, as variações percentuais são baixas demais para indicarem uma distinção significativa.

Quanto aos casos rotulados de ausência de noção aspectual, encontrei os mesmos resultados que já tinha verificado para o sub-fator correspondente na primeira oposição aspectual. Na verdade, trata-se do mesmo grupo de dados, que se caracteriza, de modo geral, pela ausência de qualquer expressão de aspecto dentre as consideradas na análise.

2.11. Valor aspectual do enunciado: pontual/durativo

Finalmente, resta a distinção pontual/durativo, ilustrada pelos valores da tabela 2.22:

Tabela 2.22 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual pontual/durativo, no corpus sincrônico

resultados	frequência	N	probabilidade
pontual/ durativo			
pontual	27%	91/342	0.54
durativo	19%	81/447	0.52
ausência de noção aspectual	19%	91/473	0.44

A expectativa de uma associação mais forte entre pontual e V SN se confirma em termos de frequência, que reorganiza o fator no sentido de uma distinção + pontual / - pontual. Quanto à probabilidade, no entanto, o recorte mais significativo fica entre presença/ausência de noção aspectual. Essa diversidade de resultados e a proximidade que os índices probabilísticos apresentam de 0.5 explicam a não seleção do fator pelo programa probabilístico de relevância.

Em relação aos demais fatores, a noção pontual tende a promover a elevação de percentuais, o que produz algumas alterações na ordenação dos sub-fatores que denominei intermediários em Realização do SN e em Transitividade (pela

equiparação de expressão fixa com transitivo direto e indireto - o que os coloca juntos em um dos extremos da escala de transitividade). Note-se que um efeito semelhante a essa diminuição do resultado de expressão fixa se deu em co-ocorrência com a noção operação, embora não tão intensamente. Um outro indício da força do sub-fator é o fato de os percentuais de nome próprio e (det) + possessivo + N + (SP) terem se elevado em sua presença (7% > 10% e 7% > 13%, respectivamente).

Por sua vez, a noção durativo não apresenta efeitos tão consistentes em co-ocorrência com outros fatores. As mudanças percentuais se limitam a fatores classificados como pouco relevantes: Status informacional do SN (invertem-se as posições de inferível e novy), Tipo de predicador (o índice de ação é equiparado ao de ação-processo), Estatuto da oração (o resultado de oração independente supera o de oração subordinada) e a oposição singular/repetido (invertem-se as posições de repetido e ausência de noção aspectual). Um dado interessante é a co-ocorrência dessa noção aspectual com os casos ausência de noção aspectual das duas outras distinções, principalmente porque não ocorre o inverso. Isso se dá porque o grupo ausência de noção aspectual (o mesmo para as duas primeiras oposições analisadas) inclui casos de estados que não são resultado de uma ação. Muitos deles também se definem como durativos.

Num comportamento similar ao dos outros casos de ausência de noção aspectual, o sub-fator correspondente nessa distinção também atua no sentido de aproximar os percentuais de fatores co-ocorrentes ao seu próprio. Além desse efei-

to, a alteração mais significativa que opera ocorre com Tipo de predicador, em que se verifica uma inversão das posições de predicadores de estado e de processo.

Os resultados convergentes dos três casos de ausência de noção aspectual se explicam por sua co-ocorrência. Isso implica, por sua vez, uma certa interdependência entre as diversas noções, já que dificilmente o enunciado expressa uma única noção aspectual: ou atualiza várias, ou nenhuma das consideradas nessa análise. O fato vem corroborar minha opção de análise da categoria, que permitiu captar a pluralidade de noções contida num mesmo espaço enunciativo. A partir do comportamento uniforme dos três sub-fatores, é possível generalizar uma relação fraca entre V SN e enunciados sem expressão aspectual.

Conclusão

É hora, então, de tentar sintetizar os fatos que essa descrição revelou e começar a "dar um rosto" a V SN.

No conjunto de sentenças analisadas, V SN ocorreu com uma frequência de 21%. O cálculo probabilístico selecionou como fatores mais significativos para sua caracterização, em ordem de relevância: a Transitividade do verbo, a Rea-

lização do SN, a Animacidade do SN, a distinção aspectual operação/resultado e a Concordância verbal. Foram considerados explanatoriamente fracas as distinções singular/repetido e pontual/durativo, o Estatuto da oração, a Referência do SN, o Status informacional do SN e o Tipo de predicador.

A escala de transitividade revelou uma associação bastante forte entre SNs pós-verbais e os verbos intransitivos. Dentro desse grupo destacam-se os existenciais, com índices categóricos de V SN. Essa ordem também se caracteriza pela alta co-ocorrência com orações finitas e orações infinitivas em função-sujeito e/ou SNs não-animados e pela incidência em enunciados que expressem um resultado. É muito significativa, ainda, a relação quase absoluta que se estabelece entre ausência de concordância verbal e SNs pós-verbais.

Em contrapartida, verbos transitivos (com algumas variações importantes quanto ao seu grau) se mostraram altamente restritivos à V SN, num comportamento que se equipara apenas ao de SNs constituídos de (det) + nome próprio e (det) + possessivo + N + (SP). Ainda bastante forte é a dissociação entre V SN e SNs animados e entre V SN e enunciados que expressem operação ou que não expressem noção aspectual.

Notas do Capítulo II

(1) Esse valor praticamente se equipara àquele obtido por Lira (1982) : 20% em 1836 sentenças.

(2) Decidi manter as sentenças com sujeitos dessa natureza, apesar de seu comportamento categórico, por constituírem um grupo pouco numeroso (13 casos).

(3) A estipulação de um número mínimo de dados por célula é um procedimento metodológico que visa garantir a relevância dos resultados. Maria Luíza Braga (comunicação pessoal) me fez ver a importância de se levar isso em conta e me sugeriu o limite mínimo de 10 dados, com o qual ela própria tem trabalhado em suas pesquisas.

(4) Segundo Lira (1982:170) :

"Baseada em minha observação dos dados e na literatura sobre o assunto, estabeleço como hipótese que referências genéricas favoreceriam mais sintaxe SV que referências específicas, as quais favoreceriam a sintaxe VS. (...) Os resultados confirmam a hipótese". (tradução e grifos meus).

(5) Agradeço a Maria Luíza Braga, com quem tive oportunidade de discutir os critérios de definição desse fator e os primeiros resultados que obtive, a sugestão de verificar a distribuição da frequência internamente a V SN e SN V.

(6) Não apresentarei nesse momento da descrição os resultados desses cruzamentos, pois retomarei no capítulo IV a associação entre animacidade e V SN e, em especial, as estreitas relações que esse fator mantém com Transitividade do verbo e Tipo de predicador, que acabam explicando seu comportamento quanto à ordem.

(7) Ainda sobre verbos transitivos indiretos, Givón (1984) sugere que eles mantêm uma relação mais "frouxa" com seu complemento, definindo objeto indireto "informalmente como aquele que não é um paciente afetado". (Syntax. A Functional Introduction. p.109). Impossível deixar de lembrar a proposta de Hooper & Thompson (1980) - Transitivity in grammar and discourse - para a análise da transitividade, que postula um grau menor de transitividade nos casos em que o objeto não é totalmente afetado. Os resultados obtidos para esse tipo de verbo só vem confirmar a relativa maior "exterioridade" de seu argumento.

(8) O fator Concordância verbal compõe-se, como ficou estabelecido na descrição de fatores, de três distinções: presença de concordância, ausência de concordância e não-se-aplica. Esse último refere-se basicamente a casos de homofonia ou de formas inaudíveis, que assim codificadas, não geram resultados numéricos explícitos nos cálculos de frequência e probabilidade. Sua presença, no entanto, pode ser inferida, já que os resultados dos dois outros sub-fatores não correspondem, juntos, a 100% de frequência ou 1.00 de probabilidade.

O V de V SN

Cândido de Figueiredo (1915:197) afirma que "a volta do verbo, centro e núcleo da oração, dispõem-se as demais palavras que, com o verbo, realizam a expressão verbal do pensamento" (1). Tesnière (1959:103), por sua vez, diz que "[em uma frase simples]... quando há um verbo, ele é sempre o nó central da frase. (...) Quanto aos actantes e aos "circunstantes", eles estão subordinados imediatamente ao verbo" (2). Também Chafe (1970:96-7) defende a idéia de que "o verbo é central e o nome é periférico". Diz ele que muitas evidências são melhor explicadas se se supõe a centralidade do verbo. Primeiramente, é significativo que praticamente "em todas as línguas um verbo esteja semanticamente presente em todos os enunciados". Mais importante que isso, porém, é o fato de ser "a natureza do verbo que determina como deverá ser o restante da oração; principalmente, determina que nomes o acompanharão, qual será a relação desses nomes com o verbo, e como esses nomes serão semanticamente especificados" (3).

Boa parte dos estudos sobre ordenação de constituintes maiores das sentenças, por diferentes que sejam as abordagens, levam em conta e apontam a natureza do verbo como um fator relevante para a compreensão desse fenômeno. Bittencourt (1979) e Lira (1982) já demonstraram que a mono-argumentalidade de V está associada a maiores possibilidades de ocorrência de uma sintaxe V SN (4). Apesar da constatação, parece que a relação entre ordem de constituintes e a natureza de V ainda não foi "esgotada" em suas nuances no português do Brasil (PB). Creio que os resultados que obtive por meio de estudo quantitativo (descritos no capítulo an-

entre ordem de constituintes e a natureza de V ainda não foi "esgotada" em suas nuances no português do Brasil (PB). Creio que os resultados que obtive por meio de estudo quantitativo (descritos no capítulo anterior) podem contribuir para a caracterização mais detalhada dessa associação e de suas implicações.

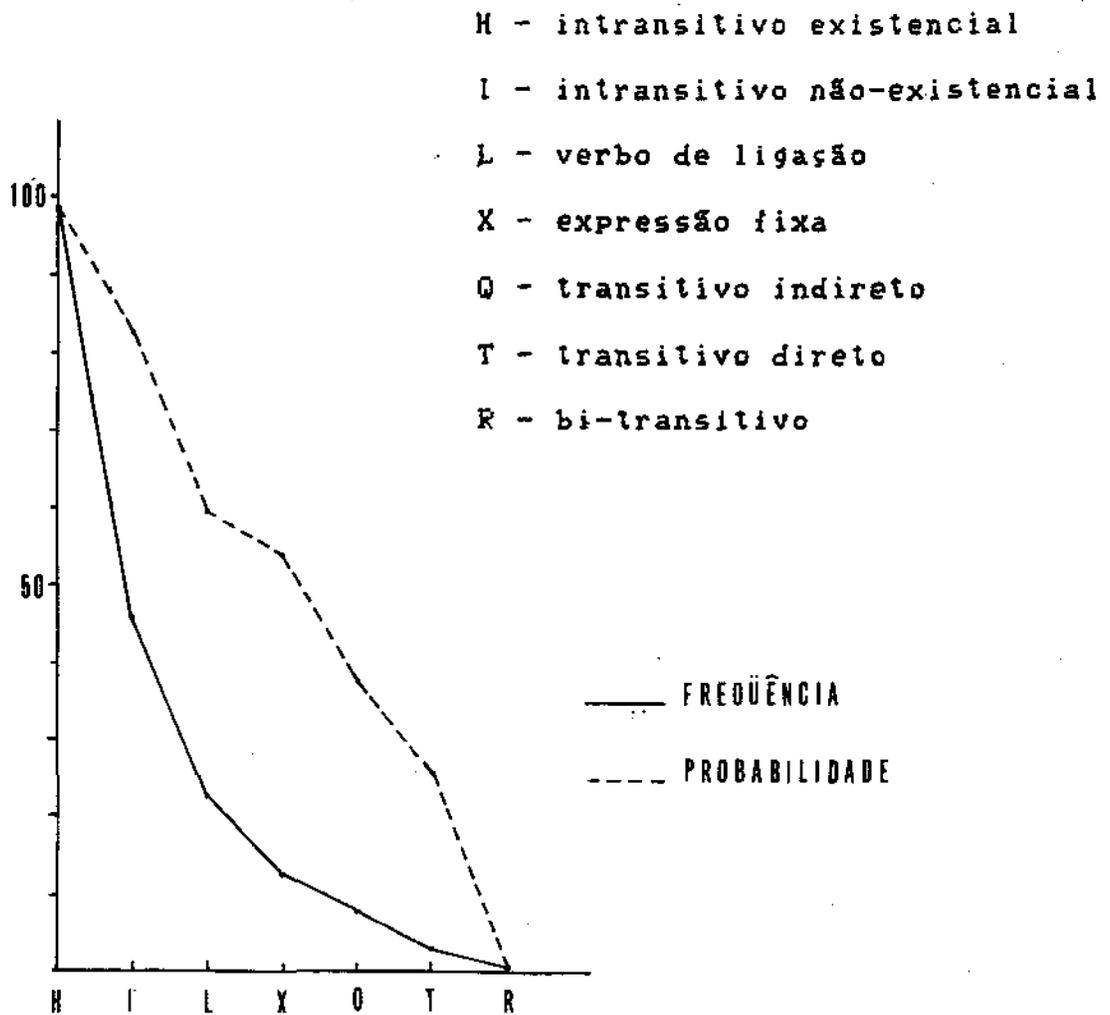
O verbo foi analisado para esse estudo segundo a transitividade, entendida sintaticamente, e o tipo de predador que representa, considerando assim sua natureza semântica. No que diz respeito ao fator Transitividade, o primeiro dado a considerar é o modo como essa relação se dá. Verificou-se que ela não se resolve binariamente, pela simples oposição de V SN - intransitivo / SN V - transitivo. A transitividade não é uma noção absoluta, mas sim o resultado de um jogo de oposições relativas que define, por exemplo, verbos transitivos indiretos como menos transitivos que os diretos. Pela hierarquização desses graus relativos se delineia uma escala de transitividade, um *continuum* (5). É justamente esse o efeito gerado pela correlação da variação V SN/SN V com o fator Transitividade: os sete tipos de verbos considerados na análise são ordenados segundo sua maior ou menor frequência e probabilidade de ocorrência em V SN e a hierarquia que daí surge corresponde perfeitamente a uma escala gradual de transitividade, a que já me referi no capítulo anterior. Reproduzo aqui a tabela 2.11 com os resultados obtidos, como 3.1.

Tabela 3.1 - Frequência e probabilidade de V-SN segundo a Transitividade do verbo, no corpus sincrônico.

resultados sub-fatores	frequência		probabilidade
intransitivo existencial	99%	322/326	0.99
intransitivo não-existencial	46%	127/272	0.82
verbo de ligação	23%	107/456	0.60
expressões fixas	13%	10/76	0.54
transitivo indireto	8%	8/91	0.38
transitivo direto	3%	11/343	0.26
bi-transitivo	0%	0/22	0.00

Em termos de frequência, os percentuais compõem um movimento descendente e a mesma tendência é observada quanto aos índices de probabilidade (figura 3.1)

Figura 3.1. - Frequência e probabilidade de V SN segundo a Transitividade do verbo, no *corpus* sincrônico.



A aplicação dos parâmetros propostos por Hooper & Thompson (1980) em uma amostra de sentenças do corpus veio corroborar, em linhas gerais, a escala ilustrada na figura 1. Os graus mais baixos de transitividade (de 1 a 4) se concentraram em sentenças cujos verbos pertencem aos três tipos mais fortemente associados a V SN: intransitivos existenciais, intransitivos não-existenciais e verbos de ligação. Os valores tendem a crescer gradualmente à medida que se passa de casos de transi-

tivos indiretos a diretos, e desses a bi-transitivos. Disso se conclui que a ordenação gerada pelos resultados da quantificação realmente corresponde a um *continuum* de transitividade e que a ocorrência de V SN é inversamente proporcional a esse *continuum*.

Sem dúvida, fica estabelecida a mono-argumentalidade como condição mais propícia à sintaxe V SN. No entanto, na medida em que se constata que a relação ordem-transitividade deve necessariamente ser vista em termos relativos, é preciso analisar as possíveis diferenças reunidas sob o rótulo mono-argumental. Tendo considerado o número, o próximo passo parece ser a avaliação do tipo de argumento e de sua relação com o verbo. Passa-se, portanto, de uma análise essencialmente quantitativa da transitividade para considerações de ordem qualitativa.

Nessa linha, uma das propostas mais interessantes foi apresentada por Perlmutter (1980:79): a hipótese inacusativa, segundo a qual

"(...) o estrato inicial de certas orações intransitivas é inacusativo, isto é, contém um arco 2 mas nenhum arco 1, enquanto que o estrato inicial de outras orações intransitivas é inergativo, isto é, contém um arco 1 mas nenhum arco 2".

Como arco 1 se refere à relação de sujeito e arco 2 à de objeto, seria inacusativa a construção intransitiva que, em um nível inicial, tivesse apenas objeto, e inergativa aquela que somente tivesse sujeito.

No que diz respeito à ordenação de constituintes, a partir da proposta seria possível explicar a ocorrência de SNs pós-verbais como decorrente do fato de eles serem objetos no estrato inicial. Embora no estrato final fossem superficializados como sujeitos, herdariam a posição de seu "estado original". Isso implica, por outro lado, que se deveria esperar uma predominância de SNs pré-verbais quando a construção intransitiva fosse inergativa.

Não interessa, no momento (6), discutir o estatuto inicial ou final dos SNs que ocorrem em construções intransitivas, mas sim testar a validade da distinção proposta por Perlmutter quanto à variação de ordem. Minha conclusão é de que a hipótese explica apenas parcialmente o fenômeno. É o que pretendo provar por meio da análise dos dados.

Diz Perlmutter que o "estado inicial" da construção intransitiva pode ser recuperado pela "semântica da oração", com base nos predicados superficializados. Mateus et alii (1983) demonstraram que o elencamento desses predicados permite associar inacusativo a um argumento [não-agente] e inergativo a um [agente]. Como a distinção sujeito/objeto implica em discussões conceituais não conclusivas e o próprio autor os assume como primitivos em sua teoria (7), farei uso da derivação proposta por Mateus et alii. Os resultados da aplicação desses critérios distintivos estão na tabela 3.2:

Tabela 3.2 - Frequência de V SN para verbos intransitivos segundo a distinção inacusativo/inerigativo

construção	inacusativa [não-agente]		inerigativa [agente]	
transitividade do verbo				
intransitivos existenciais (99%)	99%	322/326	-	
intransitivos não-existenciais (46%)	53%	107/199	27%	17/64

Realmente, os percentuais mostram que há uma associação inequívoca entre as construções inacusativas e a ordem V SN. Inversamente, SNs pospostos ocorrem muito pouco em construções inerigativas. No entanto, a distinção não consegue explicar o recorte existencial/não-existencial. Segundo os critérios adotados, os intransitivos existenciais se incluem entre as construções intransitivas inacusativas. E não há dúvida quanto à natureza menos agentiva de seu argumento. Entretanto, o comportamento peculiar desse tipo de verbo definiu, desde o início do estudo, a necessidade de seu isolamento. Os resultados finais confirmaram as observações preliminares e justificaram plenamente a separação: é possível, em princípio, falar em variação com intransitivos não-existenciais; mas não com existenciais. Isso fica definitivamente provado a partir dos cruzamentos realizados entre Transitividade e os demais fatores. Em nenhum momento a rigidez da ordenação dos verbos existenciais em relação a seu argumento foi ameaçada. As tabelas 3.3 e 3.4 re-

produzem os resultados obtidos pelo confronto de Transitividade e Animacidade e de Transitividade e Realização do SN, respectivamente.

Tabela 3.3 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Transitividade com Animacidade do SN

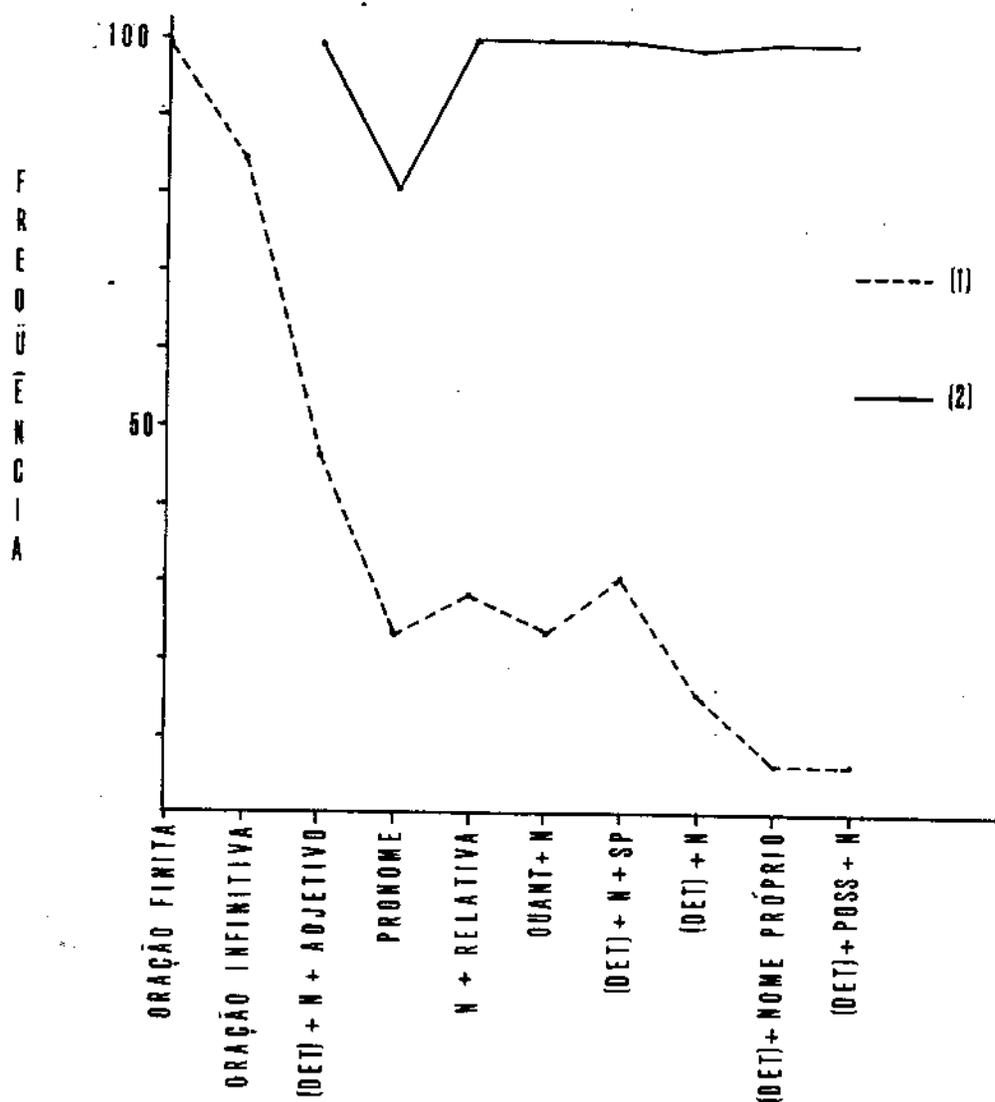
animacidade transitividade do verbo	não-animado (36%)	animado (9%)
intransitivo existencial (99%)	98%	100%
intransitivo não-existencial (46%)	61%	24%
verbo de ligação (23%)	29%	13%
expressões fixas (13%)	33%	2%
transitivo indireto (8%)	11%	8%
transitivo direto (3%)	4%	3%
bi-transitivo (0%)	0%	0%

Tabela 3.4 - Frequência de U SN a partir do cruzamento de Transitividade do verbo e Realização do SN , no *corpus* sincrônico

realização do SN	oração finita (100%)	oração infin. (85%)	adj (47%)	pro (24%)	N + rel. (29%)	quant. (24%)	SP (31%)	N (16%)	nome prop (7%)	poss (7%)
transitividade do verbo										
intransitivo existencial (99%)	-	-	100%	81%	100%	100%	100%	99%	100%	100%
intransitivo não-existencial (46%)	-	-	86%	33%	-	48%	64%	43%	40%	8%
verbo de ligação (23%)	91%	83%	9%	36%	-	38%	9%	13%	5%	9%
expressões fixas (13%)	-	-	-	-	-	-	-	10%	0%	-
transitivo indireto (8%)	-	-	-	-	-	-	-	3%	0%	-
transitivo direto (3%)	-	-	-	0%	-	0%	7%	2%	6%	4%
bi-transitivo (0%)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

A força desse grupo de verbos surpreende quando se comparam os resultados gerais de Realização do SN (8) com os obtidos por meio do cruzamento, como bem ilustra a figura 3.2:

Figura 3.2 - Frequência de V SN segundo a Realização do SN (1) comparada à frequência dessa ordenação obtida pelo cruzamento de Realização do SN e Transitividade do verbo (2), no *corpus* sincrônico.



Os números são definitivos em relação aos verbos existenciais. Mas não explicam o que os distingue das outras construções inacusativas e, nesse sentido, não explicam o porquê de seu comportamento. Se a natureza menos ou mais agentiva do argumento também não é um dado suficiente para tal, resta analisar a relação existente entre verbo e argumento. Nu-

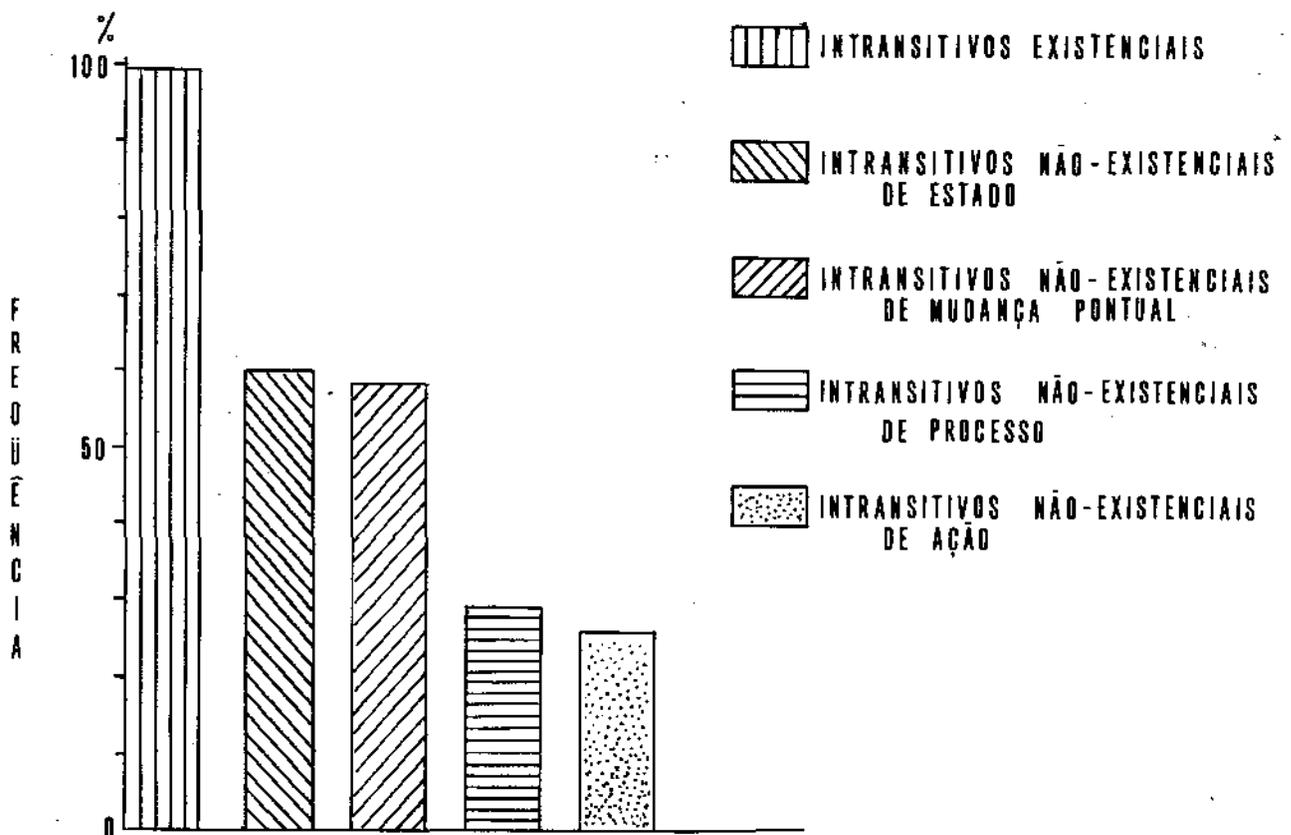
ma primeira instância, é possível avaliá-la a partir dos resultados do cruzamento de Tipo de predicador e Transitividade, que reproduzo, novamente, aqui:

Tabela 3.5 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Tipo de predicador e Transitividade.

tipo de predicador	mudança pontual (51%)	estado (21%)	processo (20%)	ação (13%)	ação processo (4%)
transitividade do verbo					
intransitivo existencial (99%)	-	99%	-	-	-
intransitivo não-existencial (46%)	58%	60%	29%	26%	-
verbo de ligação (23%)	-	23%	-	-	-
expressão fixa (13%)	-	20%	-	-	-
transitivo indireto (8%)	-	3,5%	-	12%	-
transitivo direto (3%)	0%	1%	0%	8%	2%
bi-transitivo (0%)	-	-	-	-	-

O fato mais evidente apontado pela tabela 3.5 é a co-ocorrência absoluta de intransitivos existenciais e predicadores de estado. Esse primeiro contraste, ao mesmo tempo em que amplia a distância entre as duas sub-categorias de intransitivos, conduz a uma reavaliação da suposta homogeneidade do grupo não-existencial, já esboçada pelos resultados da tabela 3.1. Os percentuais apresentam diferenças numéricas grandes e recortes bem definidos, evidenciados na figura 3.3:

Figura 3.3 - Frequência de V SN com verbos intransitivos não-existenciais, segundo as distinções observadas no cruzamento com Tipo de predicador.





Além da distinção já formalmente constituída em sub-fatores (existenciais/não-existenciais), surge uma outra no interior do grupo dos não-existenciais: formam-se dois sub-grupos, um compreendendo os predicadores de estado e de mudança pontual e outro constituído pelos predicadores de processo e de ação. A diferença de comportamento entre ambos é bastante clara e se define por uma forte associação com V SN, no caso dos primeiros, e por uma freqüência baixa dessa ordenação com os segundos. O redimensionamento operado pela confluência dos fatores revela ainda outro fato que confirma a insuficiência da distinção inacusativo/inergativo: a semelhança dos resultados de intransitivos de processo e de ação não atende à expectativa de um percentual significativamente maior de V SN quando o argumento é [não-agente]. Ao contrário dos demais inacusativos, os intransitivos de processo com SNs pospostos são pouco frequentes. Que princípio estaria regendo esse novo recorte? Ou seja, o que há de comum entre intransitivos de processo e de ação?

A resposta surge a partir de outras informações contidas na tabela 3.5. Além dos intransitivos em questão, os tipos de verbo que funcionam como predicadores de processo e de ação são basicamente os transitivos. A concepção tradicional da transitividade define como tipicamente transitiva a situação em que existe uma transferência de ação: "...o efeito da ação expressa pelo verbo 'passa' do 'agente' (ou 'ator') para o 'paciente' (ou 'meta')" (9).

Portanto, há uma noção de operação implícita no rótulo *transitivo*. Nem todos os verbos definidos sintaticamente como transitivos apresentam tais características: apenas aqueles que funcionam como predicadores de ação e de ação-processo. No primeiro caso, existe um agente, mas o segundo argumento não é propriamente afetado pela ação (10). Assim, a designação *transitivo* cabe, realmente, ao segundo tipo de predicador. Por outro lado, se os predicadores que classifiquei como de processo não se enquadram no esquema típico da operação, é inegável que a representam: expressa-se uma mudança sofrida por um paciente e, embora o agente causador não seja nomeado, fica implícita sua existência. É justamente esse fator que atua como restrição à ocorrência de V SN nesses casos. Veja-se os seguintes dados:

- (1) ó, Ciências Sociais, não Estudos Sociais, tá? Não, o pessoal confunde barbaridade, né? Que nem Telepar e Embratel, também fazem uma co/
(17-17:139)
- (2) Quem deu apoio foi muito... fluido assim, que ninguém viu, que ninguém entendeu que tipo de apoio que foi.
(11-11:528)
- (3) (...) aí começou a entrar água dentro da barraca. Começou a molhar as coisas. (Falei) : ó, sabe de uma coisa? Vamos tirar o time antes que isso inunde de uma vez.
(16-16:225)
- (4) Lembra aquela semana que deu.../ simplesmente inundou Florianópolis? Nós estávamos lá.

Quando o argumento ocorre anteposto ao predicador, seu caráter externo é facilmente percebido (exemplos 1, 2 e 3). Essa interpretação não é tão imediata quando ele segue o predicador, como em (4): além da leitura V SN, existe a possibilidade de perceber a construção com (S) V O, em que (S) é o sujeito-agente não explicitado. O mesmo ocorreria se se invertesse a ordem dos enunciados (1), (2) e (3):

(5) ó, Ciências Sociais, não Estudos Sociais, tá? Não, confunde barbaridade o pessoal, né?

(6) (...) que viu ninguém.

(7) Aí começou a entrar água dentro da barraca. Começou a molhar as coisas. Falei: ó, sabe de uma coisa? Vamos tirar o time antes que inunde isso de uma vez.

Parece, realmente, ser muito mais provável entender o SN como objeto do que como sujeito, em tais configurações. Essa tendência, em um sentido mais abrangente, já foi bastante discutida em Pontes (1986). A partir dos resultados de testes com universitários, ela conclui que "*Os SNs pospostos não são considerados sujeitos por uma parcela significativa dos falantes*" e que "*Muitos falantes marcam como objeto os SNs pospostos, apesar de terem aprendido na escola o contrário*" (12). A questão de como os SNs pospostos são percebidos pelos falantes será retomada mais adiante quando tratarei especificamente do SN de V SN.

Com os predicadores de ação, sendo o argumento [agente], não há problema de ambiguidade quanto a sua função ou estatuto (13). Mas existe um "consenso" quanto ao agente vir normalmente anteposto ao predicador. É novamente Pontes (1986:277) que, discutindo o conceito de sujeito, afirma:

"...quando o falante escolhe colocar o SN na posição pré-verbal, ele tem a intenção de mostrar que aquele referente é sujeito, ou seja, é tópico ou agente, ou ambos, em graus variáveis. A posição pós-verbal, por sua vez, tipicamente funciona ao inverso. SNs não-tópicos, não-agentes, vão para a posição pós-verbal, tipicamente. Quando um agente aparece nesta posição (atípica, como se vê pela baixíssima percentagem de ocorrência) ele é reconhecido pelos falantes como sujeito, mas este é um caso excepcional".
(grifo meu)

Assim, duas estratégias opostas - a exclusão do agente e a sua expressão - resultam no mesmo efeito sintático: a preferência pela ordem SN V. É necessário lembrar que o caráter [+operação] (14) desses predicadores é o responsável por tal configuração.

Já o sub-grupo composto de predicadores de estado e de mudança pontual apresenta uma natureza [-operação]. Não existe um agente e, portanto, não existe a possibilidade de interpretar a construção em V SN como uma expressão de um predicador de dois lugares. Os resultados obtidos para o fator valor aspectual do enunciado, distinção operação/resultado já haviam indicado uma associação entre V SN e uma situação [-operação] (reproduzidos a partir da tabela 2.18.:

	frequência	probabilidade
resultado	49%	0.70
operação	11%	0.43
ausência de noção aspectual	18%	0.36

O cruzamento dos verbos intransitivos (segundo o redimensionamento ilustrado na figura 3) com essa distinção confirma a validade do já exposto:

Tabela 3.6 - Frequência de V SN a partir do cruzamento da distinção aspectual operação/resultado com os verbos intransitivos redimensionados pela relação com Tipo de predicador, como apresentado na figura 3.3.

distinção aspectual	operação	resultado	ausência de noção
tipo de verbo			
intransitivos existenciais	-	-	99% 322/326
intransitivos não-existenciais de estado	-	60% 9/15	50% 15/30
intransitivos não-existenciais de mudança pontual	40% 2/5	67% 62/93	18% 3/16
intransitivos não-existenciais de processo	22% 6/27	71% 5/7	18% 2/11
intransitivo não-existenciais de ação	26% 14/53	-	20% 2/10

A ocorrência de V SN se concentra nos sub-fatores resultado e ausência de noção aspectual, ou seja, em valores [-operação]. O recorte indicado na figura 3 se mantém e tornam-se evidentes as diferenças entre os dois sub-grupos de intransitivos não-existenciais. O número de casos de intransitivos não-existenciais de mudança pontual em enunciados com valor operação e, inversamente, de intransitivos não-existenciais de processo em enunciados com valor de resultado é ínfimo (o que, por extensão, invalida seus percentuais). Há uma associação clara entre, por um lado, operação e intransitivos de processo e de ação, e de outro, resultado e intransitivos de estado e mudança pontual.

Segundo o que se discutiu até agora, a ocorrência (ou maior ocorrência) de V SN está vinculada a três condições que representam, cada qual, um aspecto da anterior. A primeira se define como a *mono-argumentalidade*. Ou seja, é preciso retirar do conjunto de realizações verbais possíveis, aquelas que "elegem" um único argumento como complementação. Dentro desse novo grupo, deve-se considerar essencialmente as construções inacusativas, cujo argumento possui o traço [não-agente]. Finalmente, dessas últimas, aquelas que configuram uma situação [-operação] constituem as mais fortemente associadas a V SN.

Esses resultados permitem, naturalmente, uma leitura "em negativo": SN V ocorrerá principalmente com predicadores de mais de um argumento e, no caso de acontecerem com predicadores mono-argumentais, será preferencialmente em

construções inergativas e/ou com traço [+operação].

Disso se conclui que a determinação da ordem em sentenças do português do Brasil é função básica do tipo de verbo atualizado. Deve-se entender por "tipo" um complexo de caracterizações que o definem sintática e semanticamente e que, por extensão, estabelecem sua potencialidade e necessidade relacionais. A centralidade do verbo é uma proposta antiga que sempre encontrou e continua encontrando defensores. Para o português atual do Brasil, na medida em que esse corpus o representa, a idéia se mostra particularmente apropriada. Pelo menos no que diz respeito à ordenação de constituintes maiores da sentença.

Notas do Capítulo III

(1) FIGUEIREDO, Cândido de. (1915). Gramática Sintética da Língua Portuguesa. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1920. p.197.

(2) Tesnière define actantes como "as pessoas ou coisas que participam, em um certo grau, do processo" [expresso pelo verbo]. Eles são "...em princípio, sempre substantivos e são subordinados imediatos do verbo" (p. 105-6). Já os 'circunstantes', como o próprio nome indica, são os elementos que "... exprimem as circunstâncias nas quais se desenvolve o processo. (...) a função do 'circunstante' é sempre assumida por uma palavra da espécie advérbio ou por um grupo de palavras equivalente a um advérbio" (p.125).

(3) CHAFE, Wallace. (1970). Significado e Estrutura Lingüística. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1979.

(4) Bentivoglio & D'Introno (1978:9), analisando a ordem de constituintes no espanhol de Caracas, afirmam que a ordem V S O geralmente se dá em "orações com verbos intransitivos, ou verbos cujo objeto é um clítico, como nos exemplos (2) e (3):

(2) ...no llegó el médico residente...
(2AM 521)

(3) ...o esa, cuando lo pedían los de
la División. (2BH 503)"

Também Corvalán (1982), em estudo sobre o espanhol mexicano falado nos Estados Unidos, conclui que a possibilidade de posposição do sujeito (uma sintaxe V SN) diminui à medida que aumenta o número de argumentos do verbo, conforme indica a tabela reproduzida abaixo:

Preverbal position of expressed subjects,
by number of arguments

	number of expressed subjects in preverbal position	N	% of expressed subjects in preverbal po- sition
one argument	55	120	46%
two or more arguments	139	218	64%
totals	194	338	

(Corvalán, 1982, Table 9, p. 110)

(5) O termo *continuum* associado à Transitividade aparece em Hooper & Thompson (1980:254). Avaliando-se as sentenças de uma língua com base nos parâmetros que eles propõem, seria possível ordená-las segundo fossem mais ou menos transitivas, umas em relação às outras, compondo assim um "continuum" de transitividade. Sem tomar propriamente a sentença como objeto dessa avaliação, fixei-me no verbo, porque a partir dele é possível apreender as principais relações que se estabelecem a nível sentencial. A continuidade da análise vai mostrar que essa redução se justifica pela abordagem que escolhi para o fenômeno e que os resultados de ambos os enfoques podem ser proveitosamente complementares.

(6) A discussão sobre o estatuto dos SNs associados a tais tipos de verbo, motivada por essa hipótese, será desenvolvida mais adiante.

(7) A oposição agente/não-agente ficou definida quando da descrição de fatores e serviu como um dos critérios de estabelecimento das distinções de Tipo de predicador. (Cf. nota 20 do capítulo I).

(8) O valor encontrado para pronomes difere da tendência geral, embora seja bastante alto. A discrepância se deve ao fato de os três casos de SN V ocorrerem com o verbo existir que, comparativamente aos outros existenciais, apresenta comportamento um pouco mais flexível: das 35 ocorrências de existir, 91% se dão em V SN; com os verbos ter e ser há uma ocorrência categórica de V SN.

(9) LYONS, John. Introdução à Linguística Teórica, p. 370.

(10) Vejam-se os seguintes casos:

(a) (...) conhecer, a gente/ diz um ancestral meu que a gente só conhece uma pessoa depois de comer com ela um saco de sal de sessenta quilos.

(5-5:676)

(b) Trabalha com ICM essa menina.

(4-4:587)

(c) Eles tavam fazendo uma entrevista. Boa mesmo, assim, de colocar questões. Daí até que uma hora o cara perguntou sobre propriedade.

(11-11:92)

(11) Os exemplos reúnem dois casos de verbos transitivos diretos, com objeto não presente (1 e 2) e duas ocorrências de intransitivos (3 e 4).

(12) PONTES (1986), p.144.

(13) Keenan (1976:321), ao tratar do papel semântico do sujeito básico afirma que esse expressará, normalmente, o agente da ação, se houver um.

(14) A propriedade [+ operação], que introduzi nesse momento do estudo, não corresponde totalmente à distinção aspectual operação/resultado. Aquela é, de fato, mais abrangente e generalizante que essa, pois sob o traço negativo inclui não apenas casos de resultado, mas também de estados "puros" (que não são dados como resultados de ações) e de outras ocorrências, que se caracterizam como ausência de noção aspectual. É importante observar que essa nova caracterização está sendo utilizada em relação a predicadores e não a enunciados, como é o caso da distinção operação/resultado. Embora o aspecto avaliado em cada nível seja, basicamente, o mesmo e haja muitos resultados convergentes, podem ocorrer casos em que, por exemplo, um predicador considerado [+operação] não esteja inserido em um enunciado com valor operação.

Capítulo IV

O SN de V SN

Dizer "o SN de V SN" implica simultaneamente num destaque e numa inclusão: ao mesmo tempo em que se procura caracterizá-lo, também se chama atenção para sua "situação". Em suma pretende-se dizer "como é o SN" e "como ele está". As duas facetas não são, absolutamente, independentes, como se verá.

4.1. Como é - a caracterização

Dentre os fatores definidos para a análise, aqueles que se referiam especificamente ao SN caracterizaram o SN pós-verbal como sendo predominantemente constituído de uma oração, não-animado e portador de informação nova. Os dois primeiros traços representam os resultados mais significativos. O fato de não sofrerem alterações pela presença do terceiro, e, inversamente, de provocarem mudanças nos percentuais quando em co-ocorrência com esse último, indica sua precedência. De outro modo, isso equivale a dizer que, nesse contexto, a atuação de

fatores de ordem sintática e semântica se situa em um nível mais imediato. O fator Status informacional do SN reflete um aspecto da organização do discurso. Sendo também importante para a compreensão do fenômeno da ordem, situa-se necessariamente para além dos limites da sentença e, portanto, possui um espaço diferente de influência. Os resultados não sugerem que seja excluído, mas sim posicionado hierarquicamente em relação aos outros: Realização e Animacidade do SN atuam num primeiro momento; o Status informacional virá posteriormente, moldando-se às imposições prévias da atuação dos dois outros fatores. Como o foco dessa pesquisa é a ordem no âmbito da sentença, vale centrar-se nas duas primeiras características: a natureza oracional do SN e seu caráter não-animado.

4.1.1. O SN oracional

Percentuais e índices probabilísticos revelaram uma associação praticamente categórica de SNs dessa natureza com a ordenação V SN. No caso de SNs constituídos de orações finitas, os resultados foram, realmente, absolutos - 100% de frequência, 1.0 de probabilidade de ocorrência. Os cruzamentos com todos os demais fatores vieram ratificar a força de SNs desse tipo (tabelas 2.2 e 2.3, capítulo II). Isso, no entanto, não surpreende quando se observa o tipo de configuração em que esses SNs ocorreram:

- (1) (...)trabalho de rua de militância
 (...) é até pro sistema,né?,é
 preciso que os partidos políticos
 tenham pessoas que consigam fazer
 isso com eficiência.
 (10-10:223)
- (2) (...), porque eles achavam
 fundamental que / PÔ, é
 importante/Não...não é somente
 importante que você tenha uma
 formação capaz de desempenhar
 uma...uma profissão, mas que
 você consiga um emprego,(...)
 (14-14:611)
- (3) Tem uns que fala "né?". Eu fico
 uma fera com isso:"né?", "né?".
 "Compreende?","compreende? Esses
 tiques...(...). Agora, é incrível
 quando você viaia, porque cada
 lugar tem os seus... (...)
 (22-22:242)
- (4) Às vezes eu ia a hora que a minha
 mãe brigava comigo,né?, eu ia
 chorar lá, ela dizia: chore,
 chore.é bom chorar,(...)
 (16-16:940)
- (5) Você acaba...você acaba,sabe?,...
 chegando à conclusão que...não
 querem que a coisa melhore. Sabe?
 Porque se melhorar é mais difícil
 tirar difícil tirar dinheiro pra
 campanha política.
 (6-6:346)
- (6) (Eu) acho que não...não...vem isso
 de...de religião. Não é necessário
 ter uma religião,ter...(...)
 (9-9:396)

Os exemplos ilustram a característica fundamental dos SNs oracionais: a ocorrência com predicadores de estado constituídos pelo verbo ser e um adjetivo. Disso decorrem alguns fatos. Sabe-se que as características do SN são menos ou mais determinadas pelo verbo-predicador. No caso em aná-

lise, a seleção gera um conjunto bastante restrito de possibilidades, em que se destacam como os mais prováveis os SNs oracionais. Um segundo aspecto a considerar é o caráter estativo do predicador. No capítulo anterior, demonstrou-se que predadores desse tipo estão fortemente associados a V SN, com uma probabilidade média de ocorrência de 0.6. No caso específico da configuração ilustrada em (1)-(6), a ordem dos constituintes parece possuir uma rigidez própria das expressões "cristalizadas". Prova disso é o cuidado de alguns gramáticos em assinalar a colocação de "certas expressões é necessário, é preciso, (...) as quais se dizem em primeiro lugar" (1).

Alguns dados, de natureza um pouco diversa, reforçaram significativamente o que já tinha sido observado:

(7) Então eu tava explicando pra minha namorada e tal. Mas é gostoso assim de explicar, que você gosta, né? Daí ela nem aí.
(15-15:374)

(8) Agora, eu tenho a impressão que, se um dia acontecer assim de eu começar a brigar com o Allan, eu vou ficar junto até onde der.
(2-2:624)

(9) E acabei indo pra.../na discoteque com duas delas, né? Mais tarde. Nisso na volta aconteceu que um cara que tava com a gente, conhecido das meninas, né?, tinha ido no carro, (...)
(10-10:317)

(10) Você fala simplesmente por falar. Já não aconteceu muitas vezes com você de você falar? só por falar? Dá uma opinião só pra...(...)
(9-9:243)

Em (7), (8) e (10), V é seguido de um SN oracional infinitivo e em (9) de SN constituído de oração finita. A primeira diferença em relação a (1)-(6) está no verbo-predicador acontecer, que não se define como estativo. A segunda, e mais importante, refere-se à presença de um conectivo entre V e SN: de em (7), (8) e (10) e que em (9). A ocorrência de que como introdutor de SNs oracionais finitos é perfeitamente previsível com base em outras configurações. O mesmo não pode ser dito para de. De um modo geral, a ordenação SN V é possível com SNs oracionais infinitivos (embora pouco frequente: 7 casos em 48, equivalendo a 15%); mas não com os SNs em (7), (8) e (10). A presença do conectivo indica que o SN é interpretado como complemento do verbo. Prova disso é a estranheza causada pela anteposição:

- (11) Mas (de) explicar assim é gostoso.
- (12) se um dia (de) eu começar a brigar com o Allan acontecer.
- (13) na volta (que) um cara que tava com a gente tinha ido no carro aconteceu .
- (14) (de) você falar só por falar já não aconteceu muitas vezes com você?

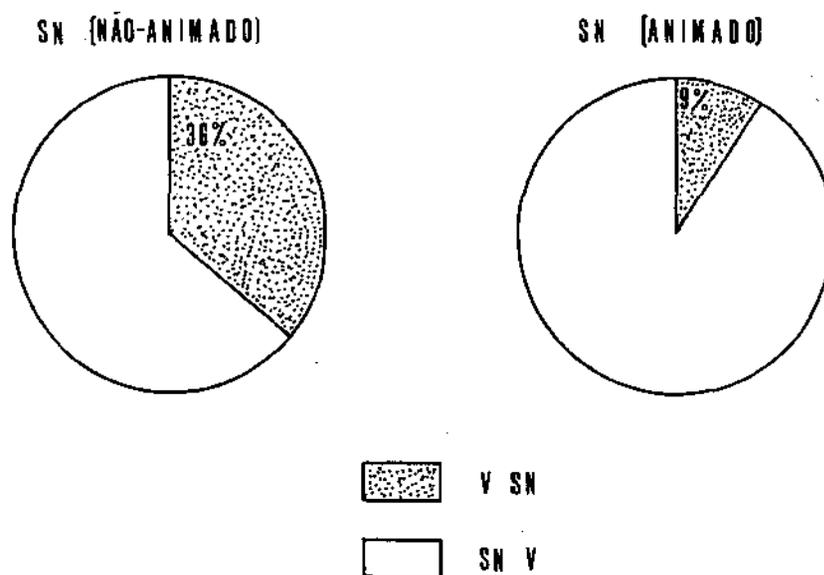
Conclui-se, então, que a ocorrência de SNs oracionais se restringe a uma configuração bastante específica e que se dá a partir da seleção operada pelo verbo-predicador em questão.

Ainda mais significativo é o fato de ficar atestada, numericamente, a impropriedade de se incluir SNs de tal natureza no conjunto da variação. Eles ocorrem, com poucas exceções, apenas em V SN.

4.1.2. O SN não-animado

A figura 4.1 reproduz graficamente os resultados da variação V SN/SN V segundo o fator Animacidade do SN:

Figura 4.1. - Freqüência de V SN e SN V, segundo a Animacidade do SN



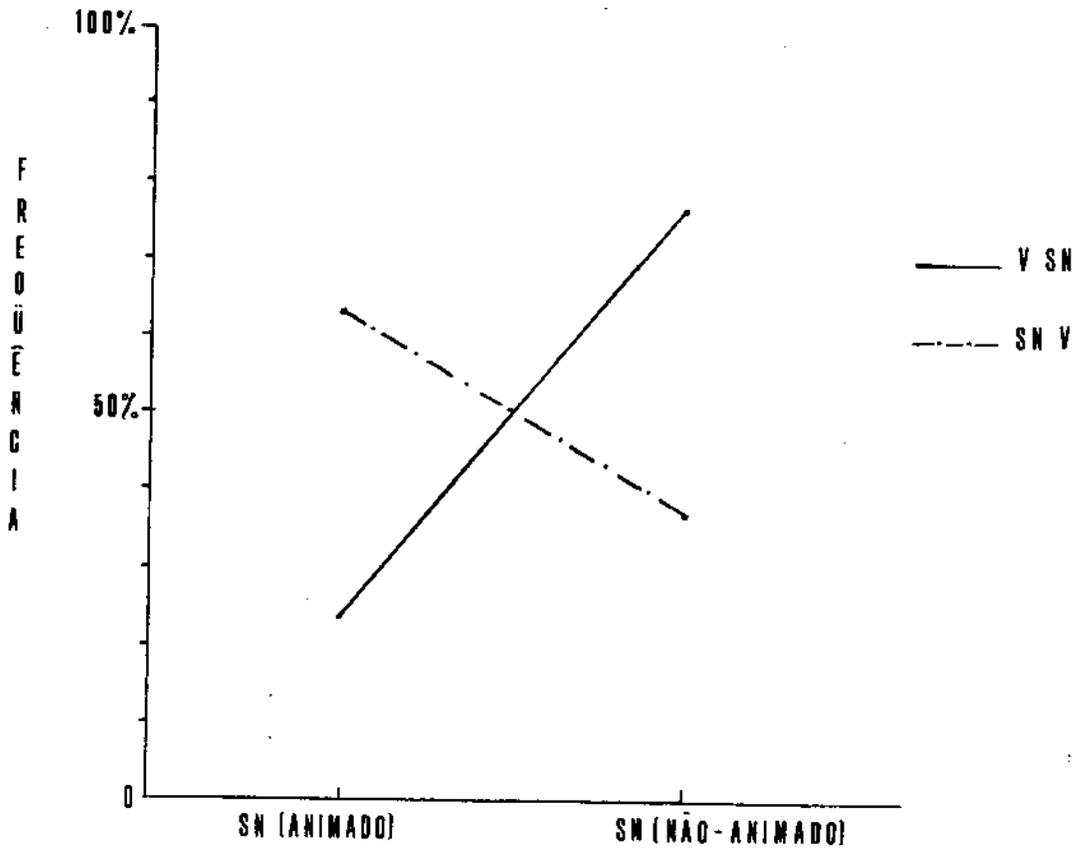
Como se vê, 36% dos casos de SNs [não-animado] ocorreram após o verbo, enquanto apenas 9% de SNs [animado] seguiram essa ordenação (ver também tabela 2.8 - Capítulo III). A diferença percentual é significativa. Mas não é possível dizer, a partir disso, que o traço [não-animado] é exclusivo de SNs pós-verbais, já que 64% das ocorrências de SNs dessa natureza se deram em SN V. Por outro lado, a figura sugere que a distinção é válida quando se abandona a análise horizontal (a comparação V SN/SN V) e observa-se o fenômeno verticalmente (dentro do conjunto de ocorrências de cada uma das variantes). É o que apresenta a tabela 4.1:

Tabela 4.1 - Frequência de V SN e SN V segundo Animacidade do SN.

ordem \ animacidade	V SN	SN V	totais
animado	24% 61/263	63% 623/999	54% 684/1262
não-animado	76% 202/263	37% 376/999	46% 578/1262

Avaliando a questão nessa perspectiva, pode-se perceber que o SN pós-verbal realmente se caracteriza pelo traço [não-animado] e que, inversamente, é o traço [animado] que define o SN pré-verbal. A relação ordem-animacidade gera, assim, um espelhamento de tendências (figura 4.2):

Figura 4.2 - Frequência de V SN e SN V segundo a Animacidade do SN.



Tem-se, então, que o traço [não-animado] está associado a V SN. Mas o que implica, realmente, essa associação? Uma determinação da ordem pela presença do traço?

A resposta a essa questão nasce de outras relações atualizadas na sentença, que podem ser resgatadas a partir do cruzamento de fator Animacidade com Transitividade (tabela 4.2) e com Tipo de predicador (tabela 4.3):

Tabela 4.2 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Animacidade do SN e Transitividade do verbo, no *corpus* sincrônico.

animacidade \ transitividade	não-animado	animado
intransitivo não-existencial	61% 99/170	24% 25/103
verbo de ligação	29% 86/299	13% 21/159
expressão fixa	33% 9/27	2% 1/50
transitivo indireto	10% 3/28	8% 5/63
transitivo direto	4% 2/54	3% 9/289
bi-transitivo	0% 0/2	0% 0/20

Tabela 4.3 - Resultados do cruzamento dos fatores Animacidade do SN e Tipo de predicador

animacidade \ tipo de predicador	não-animado	animado
mudança pontual	61% 60/97	14% 5/34
estado	31% 123/392	7% 22/300
processo	28% 17/60	7% 2/30
ação	0% 0/14	13,5% 31/228
ação-processo	17% 3/18	1% 1/92

Aqui não vai interessar, propriamente, o percentual de ocorrência de V SN em cada caso, mas o total de ocorrências de cada tipo de verbo ou predicador em combinação com o caráter animado ou não de seu argumento. É assim que, a partir da tabela 2, se deduz que 81% dos casos de SNs [não-animado] (469 em 580) ocorreram em construções com os verbos mais fortemente associados a V SN: intransitivos não-existenciais e verbos de ligação (ver tabela 2.11 - Descrição de resultados). Por outro lado, a presença de SNs [animado] se concentrou nos grupos de verbos que menos apresentam SNs pós-verbais: os transitivos.

Tendência semelhante pode ser observada na tabela 4.3, embora apenas quanto aos SNs [não-animado]: 94% dos casos (548 em 580) ocorreram com predicadores de mudança pontual, de estado e de processo, que possuem os percentuais mais altos de V SN (ver tabela 2.13 - Descrição de resultados).

Esses resultados já sugerem um caminho de resposta. Antes de explorá-lo, porém, vale observar uma última correlação, fruto do cruzamento de verbos intransitivos não-existenciais, redimensionados segundo a proposta do capítulo anterior (O V de V SN, figura 3.3), e a Animacidade do SN (tabela 4.4):

Tabela 4.4 - Freqüência de V SN a partir do cruzamento de intransitivos não-existenciais, redimensionados segundo a proposta da figura 3.3, e a Animacidade do SN.

animacidade transitividade	não-animado	animado
intransitivo não-existencial de estado	69% 27/39	0% 0/6
intransitivo não-existencial de mudança pontual	69% 63/91	25% 6/24
intransitivo não-existencial de processo	33% 11/34	18% 2/11
intransitivo não-existencial de ação	0% 0/3	27% 16/60

A tabela 4.4 mostra que, no interior do grupo dos intransitivos não-existenciais, coexistem comportamentos antagônicos no que se refere à ordem. O fato já foi discutido no capítulo anterior e esses dados somente vem confirmá-lo. No que diz respeito à relação com Animacidade, a ocorrência de SNs [não-animado] concentrou-se nos grupos de intransitivos de estado, de mudança pontual e de processo. Há uma distância significativa entre esses e os intransitivos de ação. Inversamente, são esses últimos os que apresentam o maior número de casos de SNs [animado].

É momento de retomar a questão : determinação ou co-ocorrência?

Segundo o que indicam as tabelas 4.2, 4.3 e 4.4, SNs [não-animado] aparecem associados predominantemente a verbos intransitivos não-existenciais de estado, de mudança pontual e de processo e a verbos de ligação. Todos esses tipos de verbo-predicadores selecionam um argumento [não-agente]. Givón (1984:107) trata a agentividade como uma noção escalar, constituída de um conjunto de propriedades. Diz ainda que cada uma dessas propriedades é, em si própria, escalar e inclui entre elas a propriedade de humanidade, assim representada:

humano > animado > inanimado > abstrato

Embora a correlação não possa ser estabelecida em termos absolutos, é sem dúvida pertinente associar a exigência de um elemento [não-agente] ao fato de ele ser provavelmente [não-animado].

Ora, o que determina a natureza agentiva ou não do argumento é o verbo. Assim como é esse mesmo verbo que irá definir as outras possíveis ou necessárias características de seus argumentos, entre elas a animacidade. O caráter [não-animado] da maioria dos SNs pós-verbais decorre de sua relação específica com verbos que selecionam argumentos [não-animado]. As possibilidades de variação de ordem são, como já ficou estabelecido na seção anterior, definidas em função do verbo. Portanto, as demais relações daí derivadas devem ser entendidas como produtos secundários. O que implica dizer que a associação entre V SN e SNs [não-animado] não se faz diretamente (mas sim

via verbo) e corresponde a uma relação de mera co-ocorrência.

4.2. Como está - o estatuto sintático

Desde o início desse estudo, adiou-se a discussão sobre o estatuto do SN pós-verbal. O próprio rótulo SN, dado a elementos normalmente tratados na literatura como sujeito, teve o objetivo de "escapar" temporariamente à controvérsia. Um adiamento estratégico: a retomada da questão nesse momento da análise vai se beneficiar das idéias já desenvolvidas.

Recoloca-se, então, o problema:

4.2.1. Sujeito ou objeto? - Perlmutter e Pontes

Nas discussões recentes sobre a função sintática de SNs pós-verbais no português (ou com implicações para o português), destacam-se os trabalhos de David M. Perlmutter (1976, 1978) (2) e de Eunice Pontes (1986) (3).

Perlmutter procura explicar a natureza diferenciada dos SNs pós-verbais por seu caráter acusativo. Seus dois estudos se distinguem, porém, por seus respectivos pontos de partida e de chegada. Em "Evidence for Subject Downgrading in Portuguese", de 1976, dentro de uma abordagem transformacionista, o autor define os SNs pospostos como sujeitos subjacentes que teriam sofrido "rebaixamento" a uma condição de não-

sujeitos (4). Haveria então um estado inicial sujeito e um estado final não-sujeito. No segundo trabalho - "Impersonal passive and the unaccusative hypothesis" -, ele propõe justamente o inverso: chamando de arco 1 relação de sujeito e de arco 2 à relação de objeto, diz que certas construções intransitivas teriam inicialmente apenas um arco 2 (um estrato inacusativo) que se transformaria em arco 1 no estrato final (5).

Em ambos os trabalhos, Perlmutter focaliza seu interesse em construções intransitivas: apresentativo-existenciais, no primeiro; intransitivas inacusativas e inergativas, no outro. O recorte é muito pertinente já que está provada a forte associação existente entre SNs pós-verbais e predicadores mono-argumentais. A percepção de que esses SNs possuem um caráter diverso daqueles que ocorrem em construções transitivas (e normalmente antepostos ao verbo) também é válida. Mesmo Bitencourt (1979), ao discutir e rejeitar a análise de Perlmutter (1976), não o faz pela natureza acusativa proposta para o SN (6), mas porque os argumentos apresentados poderiam facilmente ser interpretados como decorrência da proposta em vez de constituírem evidência de sua validade.

Fontes (1986) retoma esses dois estudos de Perlmutter e discute a diferença entre os produtos finais das duas hipóteses, a postulação de níveis e a inexistência de uma conceituação do que sejam sujeito e objeto. Segundo ela, os argumentos utilizados no artigo de 1976 "...a favor do rebaixamento do sujeito poderiam ser usados para concluir que aquele SN é objeto" (7). Quanto ao estudo de 1978, afirma que

"O problema se põe porque ele não admite que nenhuma oração, em nenhuma língua, possa ter orações com estratos finais inacusativos, ou seja, com objeto mas não com sujeito. Isso implica, segundo ele, que 'toda oração com um estrato inacusativo envolve um avanço para I'".
(p.5). (8)

Questionando a universalidade da afirmação, Pontes apóia-se em Lehman (1978) que defende a centralidade do verbo na linguagem humana e a combinação verbo-objeto como uma construção básica. Essa posição, fruto de um estudo tipológico abrangente, fundamenta-se na existência de sentenças, em muitas línguas, constituídas apenas de verbo e no fato de que quando, em tais línguas, as sentenças têm algum outro constituinte, ele não é o sujeito.

Ao contrário de Perlmutter, Pontes prefere analisar o SN pós-verbal somente do ponto de vista da "estrutura superficial da língua". Nesse nível, argumenta a favor da natureza acusativa de SNs normalmente considerados como sujeitos pospostos. Além de toda a discussão teórica envolvida na questão, que pressupõe, entre outras coisas, um conceito claro de sujeito, resultados de testes de percepção aplicados a um grupo de universitários são apresentados como evidência do caráter menos "subjetivo" desses SNs.

4.2.2. Nem sujeito, nem objeto - Os dados

A polêmica criada em torno de estatuto do SN pós-verbal nasce, a meu ver, de uma revisão taxonômica: no desejo de se identificar discretamente elementos e funções linguísticas, atribuíram-se rótulos a grupos cujos membros apresentavam, em um certo sentido, comportamento homogêneo. À luz de novas abordagens do fenômeno linguístico, a classificação é revista e conclui-se que sob o mesmo nome estavam agrupados elementos bastante diversos.

O problema aponta para duas possíveis soluções: ampliar o conceito que subjaz ao rótulo, de modo que ele compreenda satisfatoriamente todos os casos antes conflitantes; ou redistribuir os elementos, quer para grupos já existentes com cujas características eles se identifiquem, quer para novos grupos, com critérios definidores mais restritos.

Sempre haverá, no entanto, casos limítrofes, de difícil classificação. A questão não é simples, nem exclusiva do estudo da linguagem: as demais ciências humanas enfrentam continuamente o desafio de estabelecer conceitos e as ciências biológicas estão repletas de casos indefinidos.

Tais dificuldades podem residir na própria concepção de o que e como é um conceito. No caso da função-sujeito, os fatos comprovam, cada vez mais, que limitar a sua atribuição com base em um único critério, seja sintático, semântico ou discursivo, implica em deixar um conjunto bastante grande de fatos sem explicação.

Todos esses problemas foram arrolados e discutidos criteriosamente em Pontes (1986). Depois de analisar diferentes propostas, a autora conclui pela adoção do conceito de sujeito prototípico, desenvolvido por Keenan (1976) e Comrie (1981). Keenan propõe uma lista de propriedades para o sujeito básico e afirma que "...um SN em uma sentença básica (em qualquer língua) é um sujeito daquela sentença na extensão em que possui as propriedades da lista de propriedades" (9). Como consequência desse tipo de definição "...sujeitos de certas sentenças básicas podem ter um grau mais alto de 'sujeitividade' que os sujeitos de outras, no sentido de que presentificam um número maior de propriedades de sujeito" (10). A idéia é de um conceito relativizado de sujeito, que conduz, necessariamente, à construção de uma escala de sujeitividade, em que os extremos poderiam ser ocupados por sujeito e objeto.

É justamente essa visão escalar que desejo aprofundar com base nos resultados obtidos nessa pesquisa e na análise até aqui desenvolvida.

4.2.2.1. O SN dos existenciais

A quantificação do *corpus* revelou o verbo como o fator decisivo para a compreensão do fenômeno V SN e, por isso, ele foi tomado como ponto de partida da interpretação. Nessa perspectiva, o comportamento peculiar dos verbos existenciais (tabelas 3.1, 3.2, 3.3 e 3.4; figuras 3.2 e 3.3),

com percentuais e índices categóricos de V SN, destacou-se como a evidência mais marcada. Buscou-se, então, avaliar a relação verbo-argumento como forma de estabelecer distinções definitivas entre esse tipo de verbo e os demais, considerando para tal o tipo de predicação operada em cada caso. Ainda que apontando inúmeras diferenciações, a análise não foi conclusiva. Propõe-se observar agora a outra faceta dessa relação: o estatuto do SN. Vejam-se os seguintes dados:

- (1) Peguei e fui prum município vizinho, Monte Castelo. Ninguém. A cidade vazia. Só tinha dois barzinhos, duas lanchonetes.
(10-10:350)
- (2) De repente acho que o pessoal do Centro, que já foi bem mais místico, bem mais... sabe?, fechado, conservador mesmo. Hoje não é, mas... de repente você tem que respeitar quem tá passando essa fase, né? Talvez ele chegue. Agora quando há pressão dos dois lados, daí que é chato, né?
(11-11:161)
- (3) Você pode trabalhar de garçoneiro, caxa, alguma coisa assim, mas lá é um regime de quatro, cinco horas por dia. Sabe? Então, um trabalho desagradável, mas... pelo menos (com sua duração limitada).
(12-12:427)
- (4) Mas... na época dos "Beatles" existia um grupo que era melhor que os "Beatles". Chamado "Cream".
(4-4:195)

Os SNs presentes nessas construções intransitivas se caracterizam por não serem agentivos, nem tópicos. Não possuem, portanto, duas das características listadas por



Keenan para o sujeito típico (11) que Pontes (1986:276) considera fundamentais para o caso específico do português do Brasil. Todos eles introduzem um referente novo no discurso e, embora os verbos em (3) e (4) ocorram muitas vezes em concordância com o SN, a frequência de concordância verbo-nominal para o grupo como um todo é bastante baixa (21% - 69 em 326) (12).

Ainda uma outra propriedade, referida por Keenan como das mais importantes para se definir o sujeito, está ausente em (1) - (4) (e, por extensão, nas demais ocorrências de verbos existenciais): a existência independente. Ou seja, o fato de que *"a entidade à qual um sujeito básico se refere (se houver) existe independentemente da ação ou propriedade expressa pelo predicado"* (13). Ora, no caso das construções existenciais, o referente do SN é "dado a existir" no próprio momento da enunciação, como efeito e parte da predicação. Predica-se a existência de alguma coisa, e não algo de um ser pré-existente.

A caracterização indica que os SNs que ocorrem com verbos existenciais estão muito distantes do sujeito prototípico. Isso fica bastante claro quando se observam algumas ocorrências muito particulares do verbo ter:

- (5) -Tá pior do que aqui o calor,
heim?
-Mas é que lá não tem essa
brisazinha, né? Aqui (v)ocê tem o
ventinho do mar.

(3-3:953)

- (6) For isso que eu acho que, o ano passado, quem perdeu com a inflação baixa foi realmente o sistema financeiro. Vamos dizer assim que você teve uma... uma distribuição melhor... financeira. Econo/da... da economia.
(8-8:793)
- (7) Agora...ela mudou,né?,porque aquele apartamento era alugado e ela comprou um. No mesmo bairro, tudo, só que daí é embaxo,né?, então já. Você ainda tem um pouco da vista lá pela área de serviço, (...)
(13-13:624)
- (8) Sabe?, a doutrina espírita pra mim tem certos valores assim lindos. Mas...no movimento é como se esses valores fossem...aplicados de forma padrão, vamos dizer assim. Deixa eu ver. Por exemplo, você tem o fundamento teórico da coisa, daí você pega e diz que...eh...o fundamento teórico se pratica dessa forma.
(8-8:259)
- (9) O pantanal fica longe. Porque (o) você tem o pantanal no Mato Grosso do Sul e no Mato Grosso do Norte, né?, (...)
(3-3:560)
- (10) E aí os peixe(s),né?Aí você tem...por causa do pantanal, né? - você tem caldo de piranha, sabe?
(3-3:293)

A estrutura das sentenças assinaladas em (5) -(10) é, sem dúvida, SN V SN - o que se esperaria de uma ocorrência do verbo ter de posse. No entanto, você, em cada um das sentenças, está muito longe de representar um possuidor. Embora seja um pronome pessoal, sua referência não é específica. Mais que isso, sua presença sequer é indispensável. A reti-

rada do pronome, nesses casos, não parece provocar qualquer alteração significativa. Por outro lado, o SN que segue o verbo possui todas as características já apontadas para aqueles que ocorrem em construções existenciais.

Tudo leva a crer que os pronomes estão funcionando, na realidade, como expletivos do ter existencial. Como se sabe, tal estrutura é regra no inglês (there is, there are), no francês (il y a) e no italiano (c'è, ci sono); logo, propô-la para o português não constitui uma hipótese fora de propósito. Além disso, mesmo nos casos em que o SN aparece anteposto ao verbo, num efeito claramente contrastivo, pode-se supôr a ocorrência de um expletivo

- (11) Porque lá onde eu moro não tem essas coisas. Não tem, por exemplo/ Restaurante de frutos do mar não tem.

(3-3:217)

Restaurante de frutos do mar você não tem.

- (12) Tem muita carne, né?, porque tem muito boi. Tinha. Agora... como em todo lugar também tá faltando. Mas, Churrascaria tem bastante.

(3-3:307)

Churrascaria você tem bastante.

Ora, se é possível que ocorra um pronome "dummy" junto a um verbo existencial, então o SN que o segue não poderá ser considerado seu sujeito, mas será mais adequadamente definido como seu objeto (relevadas todas as nuances implícitas nesse conceito).

A proposta de uma estrutura V O para construções existenciais não é nova. Desde muito nossos gramáticos defendem a natureza não subjetiva do argumento de haber (por extensão, ter) (14). Seria, então, essa a característica necessária para completar a diferenciação entre esse grupo de verbos e os demais?

4.2.2.2. O SN de outros intransitivos

Observando-se a relação entre outros verbos intransitivos - não-existenciais - e seus argumentos, verifica-se que os SNs também apresentam um certo distanciamento do protótipo proposto por Keenan:

(13) Eu...eu acho que eu tenho que fazer uma revisão de...de gramática, porque tá faltando isso.

(22-22:387)

(14) (...), eu comprei um monte de equipamento, quando chegaram os equipamentos, né?, tiramo das caixas e tal (...)

(3-3:1369)

(15) Tá fazendo uma barragem, tem uma cidade embaxo da barragem, se a barragem cai, inunda toda a cidade lá, você que tá/é o culpado.

(15-15:435)

(16) Quando você sai - como tem no Guairão, né?, aqueles tapetão vermelho antes - cheio de sofás, canapés, entende?, você senta. Passa as moças assim com o café, com aqueles...aventaizinhos de babado, sabe?

(14-14:66)

Em (13) - (16) os SNs não são tópicos e, com exceção de as moças, não são [agente]. O dado em (16) ainda mostra que os argumentos de verbos intransitivos não ativam necessariamente a concordância verbal. No entanto, eles apresentam uma diferença fundamental em relação aos argumentos dos existenciais: seu referente existe independentemente da predicação. Isso os coloca um ponto mais próximos do sujeito prototípico.

Dos quatro casos exemplificados, (16) se diferencia dos demais por possuir um SN [agente]. Relativamente aos outros três, ele seria, portanto, considerado "mais sujeito".

É importante perceber a convergência desses fatos com os resultados de V SN para cada tipo de verbo-predicador (ver tabela 3.4, capítulo III). O percentual de 26% de SNs pós-verbais com intransitivos de ação (exemplificado em (16)) vem de encontro à natureza relativamente "mais subjetiva" de seus SNs. Justamente o contrário ocorre com os intransitivos de estado e de mudança pontual.

4.2.2.3. A Escala de sujeitividade

Pelos casos analisados até agora, percebe-se que começa a se esboçar uma escala de sujeitividade:

intransitivos existenciais	(intransitivos não-existenciais de estado, de mudança pontual e de processo	(intransitivos não-existenciais de ação
-------------------------------	---	--	---	--

A ordenação, estabelecida com base nas características mais gerais propostas por Keenan para o sujeito típico, reproduz, significativamente, a tendência apontada pelos resultados de V SN segundo a transitividade do verbo. Para retomar globalmente esse resultado, ainda é necessário considerar as ocorrências de verbo de ligação, expressão fixa, transitivo indireto, transitivo direto e bi-transitivo. Levando-se em conta as características definidas para cada um desses tipos de verbo, tudo indica que a correlação tende a se manter. Observem-se alguns dados:

(17) Então eu tenho que pagar mais duas, pra fechar esse semestre, mais duas de... dois e meio. Vai dar... dois e meio a dois e setecentos. Quase dois e oitocentos, mais ou menos, porque eu tenho uma dependência. No se/segundo semestre já sobe, né? Primeiro semestre... tá em dezoito mil cruzados o semestre.

(15-15:194)

(18) E o Célio tinha vindo da Federação, né? Ele falou que não vinha na reunião. Daí chegou: a, tá um saco a reunião lá.

(11-11:437)

- (19) Trabalha com ICM essa menina.
(4-4:587)
- (20) Eu disse: bem, conhecer - isso foi uma outra vez que eu falei - conhecer, a gente/diz um ancestral meu que a gente só conhece uma pessoa depois de comer com ela um saco de sal de sessenta quilos.
(5-5:676)
- (21) Aí você tem uma coisa de valor, tu do/tem que dextr tudo lá/a mora lá da secretaria guarda pra você, né?, mas.. já viu.
(13-13:42)

Cada exemplo representa um tipo de verbo. Em (17), com um verbo de ligação, o SN não é [agente]. O mesmo se dá em (18), onde ocorre uma expressão fixa. Essa categoria, no entanto, não é homogênea, podendo abrigar casos de argumento [agente] (15). Os transitivos, exemplificados em (19), (20) e (21), constituem os predicadores cujo SN, de um modo geral, apresenta graus altos de sujeitividade, ou relativamente mais altos. É entre eles que se encontram as ocorrências de sujeito típico. Representam o topo da escala que acaba espelhando, em linhas gerais, a escala de transitividade:

intrans. < existencial	< intrans. não-existencial	< intrans. não-existencial	< verbo de ligação	< expressão fixa	< trans. indireto, direto e bi-transitivos
	de estado, mudança pontual e processo	de ação			

Digo em linhas gerais, primeiro porque cada grupo guarda nuances que essa análise superficial não revela. Tomem-se, por exemplo, apenas duas ocorrências de transitivo direto:

(22) (...) na Inglaterra você não acredita. O pessoal come batata frita o tempo todo. Em "Fish and Chips", né?

(12-12:334)

(23) A mãe vai fazer cinquenta e um eu acho. (...), o pai tem a mesma idade de que a mãe, né?

(16-16:706)

Se se leva em conta, principalmente, o fator agentividade do referente, não há dúvida de que o pessoal é comparativamente "mais sujeito" que o pai. Isso fica definido a partir do verbo específico com o qual ocorreram.

Segundo, porque nem sempre o cotejamento de casos específicos parece acompanhar a ordenação dessa escala: o pai em (23) seria "mais sujeito" que as moças em (16)?

A questão reside no peso que cada uma das propriedades listadas por Keenan possui para a definição de ser sujeito de, algo que não fica definido em sua proposta e que talvez seja específico de cada língua particular.

Considerada globalmente, porém, a correspondência não é gratuita. Basta lembrar que o verbo é o núcleo da determinação da estrutura argumental da sentença e que essa estrutura supõe a definição dos papéis temáticos de cada agrupamento, assim como restrições de ordem sintática e semântica para esses mesmos argumentos. Assim sendo, o grau de sujeitividada

de do SN selecionado será decorrência do tipo de predicador e das características que ele exige de seu argumento externo.

4.2.3. Sujeito e objeto - a título de conclusão

Apesar das restrições, creio que a correspondência sugerida acima viria reforçar e, em certo sentido, ampliar as propostas de Perlmutter (1980) e Pontes (1986) para o SN posposto.

Em relação a Perlmutter, fica fortalecida a idéia de construções intransitivas inacusativas em oposição a inergativas. No primeiro caso, o SN que acompanha o verbo tem um grau baixo de sujeitividade. Muito próximo ao estatuto de objeto, ele é, na verdade, um objeto inacusativo, já que não pode sofrer cliticização. Quando, ao contrário, a construção é inergativa, o SN situa-se em um ponto mais alto da escala.

É interessante observar que a restrição à cliticização, apontada como argumento contrário à proposição do estatuto de objeto para o SN posposto, não constitui um obstáculo forte a essa proposta. Comentando o trabalho de Teonila Pinto (1981), Pontes (1986:56-7) afirma que esse critério não deveria ser "*erigido em condição sine qua non para caracterizar o objeto*" e que, assim como se adota um conjunto de propriedades definidoras para o sujeito (segundo Keenan), também se deveria tratar o objeto como um conceito "composto". Muito apropriadamente, ela refere casos como: "Me sinto feliz, Me tornei

um bom ator, Me parece que sou feliz", em que os falantes identificam o me como sujeito, citados pela própria Teonila Pinto, para provar que o caso nem sempre é importante na identificação da função.

Além disso, é preciso lembrar que, no português do Brasil, o uso de clíticos com função de objeto é fenômeno instável. O fato já é apontado por Mattoso Câmara Jr. (1972), ao tratar do sistema de pronomes pessoais do português:

"Na língua coloquial do Brasil, mesmo nas classes escolarizadas, esse subsistema de 3ª pessoa foi profundamente remodelado. Lhe (com o plural lhes) passou a forma adverbial para o ou vinte tratado em 3ª pessoa, em identidade de função com le (e em língua gem mais desleixada até substituído por le, em virtude da equivalência entre você e tu), enquanto o, a, os, as está obsolescente. Assim, a 3ª pessoa se reduz à forma ele, ela, eles, elas em qualquer função sintática" (16).

Portanto, propôr o estatuto de objeto inacusativo aos SNs de construções intransitivas inacusativas não constitui incoerência teórica, mas sim fidelidade aos fatos.

Quanto à ampliação da proposta de Perlmutter, esta viria pela percepção de que inacusativa/inergativa formam um par distintivo dentro de uma escala que abranje todos os outros possíveis tipos de construção e de que a resolução dessa escala depende basicamente da natureza da predicação operada em cada sentença.

Relativamente a Pontes, ganha respaldo a análise do SN a partir da estrutura superficial. Já que o SN atualizado depois do verbo carrega características que o distanciam do sujeito prototípico, propô-lo como sujeito representaria a manutenção de um conceito pouco explicativo de sujeito. Dizer que ele foi objeto em um estrato inicial talvez explicasse o fato de não corresponder semanticamente a sujeito. Parece pouco produtivo, porém, propôr um avanço para sujeito no estrato final, uma vez que, tendo que limitar-se ao aspecto sintático, nem mesmo essa função poderia ser resgatada inequivocamente no caso dos SNs pospostos.

O resultado escalar ainda permite que se visualize uma clara associação entre V SN e SNs de baixa sujeitividade e, inversamente, de SN V e SNs de alta sujeitividade. A distribuição aponta mais uma vez para a complementaridade, indicando que o fenômeno V SN / SN V não constitui, realmente, um caso de variação.

Notas do Capítulo IV

(1) ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática Metódica da Língua Portuguesa. 24 ed. São Paulo:Saraiva, 1973. p.438.

(2) PERLMUTTER, D. 1976. Evidence for Subject Downgrading in Portuguese. In J. Schmidt-Radefeldt. Readings in Portuguese Linguistics. Amsterdam:North-Holland Publishing Company, 1976. pp.93-138.

PERLMUTTER, D. 1978. Impersonal passive and the unaccusative hypothesis. Proceedings from the IV Anual Meeting of the BLS, pp.111-143.

(3) PONTES, Eunice. 1986. Sujeito: da sintaxe ao discurso. São Paulo:Ática; (Brasília):INL, Fundação Nacional da Memória. capítulos II, III, IV, V, VI e VII.

(4) PERLMUTTER, 1976, op.cit., p.96.

(5) PERLMUTTER, 1980, p.208.

(6) "...se definirmos sujeito como o primeiro SN da oração, a argumentação de Perlmutter perde a razão de ser, pois limita-se a defender o óbvio"
(Bittencourt, 1979, p.66)

(7) PONTES, 1986, op.cit., p.83.

(8) Idem, p.84.

(9) KEENAN, Edward L. 1976. Towards a universal definition of 'subject'. In Charles N. Li (ed.). Subject and Topic. New York:Academic Press, Inc., 1976. p.312.

(10) KEENAN, 1976, op.cit., p.312.

(11) Segundo a proposta de Keenan (1976:312-23) são características do sujeito básico:

- ter existência independente;
- ser indispensável na sentença;
- possuir referência autônoma;
- controlar co-referência, mudança de referência e concordância verbal;
- comandar co-referência através de fronteiras oracionais;
- comandar a supressão de SNs idênticos e de SNs em orações coordenadas;
- possuir referência absoluta, ou seja, existência da entidade referida ou da qual se predica algo;

- possuir referência pressuposta, mesmo quando a sentença é negada ou interrogada;
- ser tópico informacionalmente dado ("identificar-se com aquilo sobre o que o falante está falando");
- ter alta referencialidade (por exemplo, estar expresso por um pronome pessoal ou demonstrativo, ou por um nome próprio);
- constituir o alvo mais natural de transformações de 'avanço';
- ter um escopo maior que não-sujeitos;
- ocorrer na posição mais à esquerda em sentenças básicas;
- estar entre os SNs que podem ser relativizados, questionados e clivados cujos possuidores também podem sofrer esses processos;
- não ser expresso como pronome pessoal quando em posição relativizada;
- poder sofrer alçamento;
- poder ser expresso por pronomes morfologicamente independentes, que podem ser coordenados a SNs completos;
- poder movimentar quantificadores;
- não possuir marca de caso quando ocorrer em sentença intransitiva e as demais sentenças não forem marcadas;
- mudar de caso em construções causativas e em nominalizações de ação;
- expressar o agente, se houver um;
- expressar o destinatário da oração imperativa;
- possuir a mesma posição, marca de caso e concordância verbal que o SN causador no tipo mais básico de sentença causativa;
- ser o elemento imediatamente dominado pelo nó S (sg. Chomsky, 1965).

(12) A respeito da concordância verbal com os existenciais ser e existir, note-se que não é raro encontrar casos de ausência, como, por exemplo:

Não é desagradável, mas é até triste: (graças a isso você vê), sabe?, que realmente muda, sabe? Muda assim. Existe machismos, e existe preconceito, existe tudo, sabe?

(20-20:113)

E aí é uma briga muito loca, assim. Uma briga muito.../Porque, também, existe muitas coisas assim que você traz da tua educação, da tua formação, que é muito difícil você romper.

(20-20:282)

Aí quando voltei - voltei era umas duas horas da manhã pra casa -, era umas quatro horas quando ele faleceu.

(16-16:852)

Ele disse: você tá com calor? Eu disse não, tá bom assim. Daí...eh...Sabe? É uns papo meio inverso, é sinal de que é pra eu abrir a janela.

(5-5:1301)

Os moço hoje já são bem diferente, mas existe os tipo de moço sério, tudo.

(7-7:361)

(13) KEENAN, 1976, op.cit., pp.312-13.

(14) Grivet, em sua Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza, de 1881, afirma que

"Se, (...), a um verbo na terceira pessoa do singular não conseguem os tentames analyticos impôr elle ou ella como sujeito, nem tão pouco um infinitivo anteposto ou posposto, signal é que um tal verbo é impessoal, isto é, falto de sujeito". (p.349)

e oferece como exemplo um dito do Padre Antonio Vieira:

"Enquanto no mundo não houve ouro, então foi idade do ouro".

Por sua vez, Candido Lago (1932:89), esclarecendo dúvidas de consulentes sobre o uso "correcto" da língua, compara o português ao francês para justificar o caráter acusativo do argumento de haver:

"Quanto ao verbo haver, ao qual o consulente também se refere, para provar que elle (quando impessoal) não tem sujeito proprio, basta ver que em francez se diz il y a un homme, il y a des gens, etc., etc., donde se collige, á luz meridiana, que o pronome il é sujeito aparente, um simulacro

de sujeito; tanto assim, que os substantivos homme, gens estão, um no singular, outro no plural, donde claramente se collige que não poderiam ser sujeitos de um verbo sempre no singular. Erradamente, por muito tempo, pensavam alguns que era isso um idiotismo da língua; mas o que é facto é que são objecto directo do verbo il y a".

(15) São exemplos disso:

Tá te fazendo mal esse cigarro, né?
(12-12:44)

Jerry Adriani é um roquero de mão cheia... O bicho faz um "rock'n roll" do otro planeta.
(4-4:157)

Sabe?, os cara davam aula assim. Tal empresa... Vamos ver a Renault. PDG é tal. PDG é tal. PDG é o diretor. (...) Ele é tal linha política, ele faz tal coisa, como é que você ia montar o teu discu/o teu...o teu...o teu currículo.
(14-14:692)

A heterogeneidade do grupo expressão fixa já foi assinalada quando da descrição dos resultados do *corpus* sincrónico (item 2.5. A Transitividade do verbo, capítulo II).

(16) MATTOSO CÂMARA JR., J. 1972. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985. p.99.

Capítulo V

DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

Na medida em que o objetivo da análise diacrônica é a comparação de resultados, creio ser possível e proveitoso apresentar e descrever paralelamente os percentuais e índices obtidos em cada fator para os dois *corpora* históricos.

A mesma análise desenvolvida com os dados sincrônicos foi realizada para os séculos XVIII e XIX. No primeiro caso, consideraram-se 486 sentenças; quanto ao segundo, 469 dados foram computados. Esses numerais correspondem aos valores totais, já excluídos os casos de verbos existenciais, segundo procedimento adotado para o *corpus* sincrônico e aqui duplicado.

O fator Forma verbal, assim como no *corpus* sincrônico, não apresentou casos de formas potencialmente não-ambíguas, perdendo seu valor de análise e sendo, por isso, eliminado da descrição. Situação semelhante se deu com o fator Concordância verbal: a total falta de dados em ausência de concordância invalidou seu papel na compreensão do fenômeno. Assim, também esse fator foi desconsiderado na presente descrição.

Todos os demais fatores, por outro lado, mostraram resultados numericamente válidos e bastante interessantes. Sua descrição visa compor um quadro, semelhante ao do *corpus* sincrônico, para os séculos XVIII e XIX, delimitando as

propriedades que se associavam à produção de V SN em cada um desses momentos históricos.

Pelo cotejamento dessas conclusões, pretende-se delinear o caminho da ordenação V SN desde 1750 até hoje. Os primeiros traços desse caminho serão esboçados nesse capítulo pela descrição, na medida do possível comparada, dos resultados.

5.1. Resultados Gerais

Os percentuais gerais de frequência apontaram uma ocorrência de V SN de 42% para o *corpus* do século XVIII e de 31% para os dados do século XIX. A partir do cálculo probabilístico de relevância dos fatores, foram selecionados, para o século XVIII, em ordem de importância: o Status informacional do SN, a Realização do SN, a distinção aspectual operação/resultado, e o Tipo de predicador.

Já para o século XIX, consideraram-se relevantes: o Tipo de predicador, a Realização do SN e o Estatuto da oração.

5.2. Realização do SN.

O fator Realização do SN foi apontado pelo programa probabilístico como igualmente relevante para a explicação do fenômeno V SN no *corpus* do século XVIII e do século

XIX. As tabelas 5.1 e 5.2 mostram, porém, que existem algumas diferenças significativas entre os dois momentos históricos.

Tabela 5.1 -Frequência e probabilidade de V SN segundo a Realização do SN, no *corpus* do século XVIII

realização do SN \ resultados	freqüência	N	probabilidade
oração finita	100%	19/19	1.00
oração infinitiva	95%	21/22	0.96
(det) + N + adj	52%	15/29	0.55
(det) + N + SP	51%	24/47	0.44
N + relativa	50%	16/32	0.47
(det) + N	40%	50/126	0.41
SN + SN	38%	10/26	0.29
(det) + poss + N	32%	13/41	0.32
quant + N	29%	10/34	0.20
(det) + nome próprio	27%	15/55	0.24
pronome	18%	10/55	0.19

Tabela 5.2 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a Realização do SN, no corpus do século XIX

resultados / realização do SN	frequência	N	probabilidade
oração finita	100%	10/10	0.95
oração infinitiva	100%	6/6	0.93
N + relativa	55%	16/29	0.59
SN + SN	41%	13/32	0.48
(det) + N + adj	40%	21/52	0.48
(det) + N + SP	38%	21/56	0.42
quant. + N	24%	6/25	0.28
pronome	23%	6/26	0.33
(det) + poss + N	23%	11/48	0.27
(det) + nome próprio	18%	13/71	0.22
(det) + N	18%	21/114	0.21

Essas diferenças certamente não se referem aos sub-fatores oração finita e oração infinitiva. Nos dois casos, os resultados são convergentes, apresentando percentuais e índices categóricos de V SN. O cruzamento com os demais fatores não afetou o comportamento desses SNs peculiares: seus percentuais se mantiveram inalterados qualquer que fosse o fator em co-ocorrência. Observe-se, por exemplo, o cruzamento desses sub-fatores com Tipo de predicador (tabela 5.3):

Tabela 5.3 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de oração finita e oração infinitiva com Tipo de predicador, nos corpora diacrônicos.

realização do SN tipo de predicador	século XVIII		século XIX	
	oração finita (100%)	oração infinitiva (95%)	oração finita (100%)	oração infinitiva (100%)
mudança pontual	-	-	-	-
ação	-	100%	-	-
estado	100%	95%	100%	100%
ação - processo	-	100%	-	-
processo	-	-	-	-

O fato de muitas células não apresentarem dados não prejudica a constatação da força desse tipo de realização do SN. Vale assinalar que comportamento idêntico foi atestado para os dados do *corpus* sincrônico (ver item 2.1. A Realização do SN, no capítulo II).

Quando se passa a observar os resultados das realizações denominadas genericamente de "nominais" (1), começam a surgir diferenças no nível sincrônico e também no diacrônico. Destacam-se no *corpus* do século XVIII, pela uniformidade de percentuais, os casos de (det) + N + adi + (SP), (det) + N + SP e N + relativa. De um modo geral, a co-ocorrência desses tipos de realização com outros fatores gera uma elevação dos percentuais, no sentido de se aproximarem dos respectivos

resultados das realizações. Por vezes, essas mudanças operam também alterações na hierarquia interna dos co-ocorrentes (acentuando-a ou invertendo-a), como mostra a tabela 5.4:

Tabela 5.4 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de (det) + N + SP e N + relativa com Estatuto da oração, no *corpus* do século XVIII

realização do SN estatuto da oração	(det) + N + SP (51%)	N + relativa (50%)
oração subordinada (43%)	57%	47%
oração independente (41%)	41%	54%

Também no *corpus* do século XIX, o efeito de elevação de resultados é constante nesses cruzamentos. No entanto, como se vê pela Tabela 5.2, ocorre uma diminuição dos percentuais e índices gerais de (det) + N + adi + (SP) e (det) + N + SP, e um aumento para N + relativa, o que põe fim à homogeneidade do grupo.

Mudanças mais marcantes são observadas para (det) + N: tanto a frequência quanto a probabilidade de ocorrência ficam reduzidas à metade na passagem de um momento a outro. Além disso, os cruzamentos de fatores revelam que o efeito de aproximação ao seu resultado, observado em alguns casos no

corpus do século XVIII, generaliza-se para todas as co-ocorrências no *corpus* do século XIX. Exemplo dessa intensificação é o que se dá com Status informacional (tabela 5.5):

Tabela 5.5 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de (det) + N com Status informacional do SN, nos *corpora* diacrônicos.

realização do SN	(det) + N	
	século XVIII (40%)	século XIX (18%)
status informacional do SN		
novo	(54%)* 52%	(36%) 12%
inferível	(43%) 37%	(30%) 26%
dado em sentença não- imediatamente anterior	(26%) 38%	(25%) 14%
dado em sentença imediatamente anterior	(18%) 14%	(17%) -

* os percentuais entre parênteses correspondem aos valores originais das distinções de Status informacional do SN

No primeiro momento da análise, a co-ocorrência produz o nivelamento dos percentuais de inferível e dado em sentença não imediatamente anterior, por sua aproximação com o resultado de (det) + N (40%), mas não altera o posicionamento de novo e dado em sentença imediatamente anterior, que permanecem nos extremos da escala de "novidade". Já no momento seguinte, há uma diminuição geral dos resultados, que modifica a hierarquia interna de Status informacional, deslocando o sub-

fator novo para a posição menos favorável à V SN.

Seguindo a tendência geral de diminuição de percentuais e índices quando da passagem do século XVIII para o XIX, os resultados de quant + (det) + (poss) + N + (SP) sofrem uma pequena queda de percentual (de 29% para 24%); essa, porém, não é acompanhada pelos índices probabilísticos: de 0.20 passam a 0.28 no segundo momento. Seu comportamento em relação aos demais fatores praticamente não se altera: os resultados dos cruzamentos tendem a se aproximar do percentual geral desse tipo de realização nos dois momentos históricos.

Fenômeno bastante peculiar ocorre com a realização SN + SN. Ao contrário do que aconteceu para o *corpus* sincrônico, computou-se um número significativo de dados para esse tipo de realização nos dois *corpora* históricos. Os resultados indicam um aumento de frequência e de probabilidade de ocorrência de V SN no século XIX, relativamente ao século XVIII, num movimento oposto ao geral. O cruzamento com outros fatores demonstrou que, nesse intervalo, não acontecem mudanças de natureza qualitativa, mas sim quantitativa. Ou seja, o sub-fator, em ambos os momentos da análise, revelou comportamento equivalente ao co-ocorrer com os demais fatores: inverte-se a relação não-animado > animado, acentua-se a distinção oração subordinada > oração independente, diminui o percentual de V SN para predicadores de estado e para ausência de noção aspectual. Porém, no *corpus* do século XIX, tais alterações são muito mais pronunciadas. Veja-se, por exemplo, o resultado do cruzamento com predicadores de estado (tabela 5.6):

Tabela 5.6 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de SN + SN com predicadores de estado, nos dois corpora diacrônicos.

tipo de predicador realização do SN	predicadores de estado	
	século XVIII (40%)	século XIX (30%)
SN + SN	36%	14%

O aumento do peso relativo desse sub-fator está vinculado ao fortalecimento de sua associação com V SN. Esse último constitui seu resultado mais significativo, uma vez que representa um verdadeiro "navegar contra a correnteza".

Os percentuais e índices mais baixos de V SN se associam, nos dois corpora, a (det) + poss + N, (det) + nome próprio e pronome demonstrativo ou indefinido. Na passagem de um momento a outro, no entanto, observam-se mudanças importantes que alteram seu posicionamento na hierarquia do fator.

No corpus do século XVIII, tanto (det) + poss + N, quanto (det) + nome próprio, em co-ocorrência com outros fatores, tendem a manter seus resultados. Mesmo um fator forte como Status informacional do Sn (selecionado como o mais relevante nesse período) tem a distinção dado/novo eliminada pela presença de um nome próprio. Com a diminuição dos valores gerais no século XIX, a ação restritiva desses dois tipos de realização se acentua. Tome-se a relação com Status

informativo como exemplo (tabelas 5.7 e 5.8):

Tabela 5.7 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de (det) + possessivo + N com Status informativo do SN, nos dois *corpora* diacrônicos.

realização do SN status informativo do SN *	(det) + possessivo + N	
	século XVIII	século XIX
novo	(54%)** 42%	(36%) 5%
inferível	(43%) 23%	(30%) 41%

*-não houve número significativo de dados para as células de (det) + poss + N com dado em sentença não-imediatamente anterior e dado em sentença imediatamente anterior.

** - os percentuais entre parênteses correspondem aos valores originais de Status informativo do SN, nessa e na tabela 5.8.

Tabela 5.8 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de (det) + nome próprio com Status informacional do SN, nos dois *corpora* diacrônicos.

realização do SN / status informacional do SN ***	(det) + nome próprio	
	Século XVIII	Século XIX
novo	(54%) 23%	(36%) 18%
dado em sentença não - imediatamente anterior	(26%) 24%	(25%) 25%

*** - não houve número significativo de dados nas células inferível - nome próprio e dado em sentença imediatamente anterior - nome próprio

Na tabela 5.7, a simples diminuição dos percentuais de novo e de inferível em co-ocorrência com (det) + poss + N, observada para o século XVIII, transforma-se em uma forte inversão no *corpus* do século XIX. Por sua vez, a Tabela 5.8 mostra que o nivelamento ocorrido entre novo e dado em sentença não-imediatamente anterior no *corpus* do século XVIII (pela presença de (det) + nome próprio) se desfaz, no momento seguinte, também por meio de uma inversão no posicionamento dos sub-fatores. É preciso levar-se em conta que o fator Status informacional não tem, no século XIX, o mesmo peso que no século XVIII. Naturalmente, isso favorece a alteração de seus resultados em presença de outros fatores.

Os efeitos observados nos cruzamentos de fatores, que, de um modo geral, reproduzem os fatos constatados para Status informacional, refletem o distanciamento crescente de (det) + poss + N e (det) + nome próprio em relação a V SN.

Com pronome demonstrativo ou indefinido se dá um movimento oposto: percentuais e índices de ocorrência de V SN apresentam elevação nesse intervalo. Isso implica no "abrandamento" da relação desse tipo de SN com os demais fatores. Ainda há uma tendência à aproximar os resultados de seu percentual, mas não se produzem mudanças nas hierarquias internas dos co-ocorrentes. Uma exceção, porém, lembra que esse tipo de realização, embora um pouco mais "condescendente" em termos de ordem no século XIX, ainda favorece restrições a V SN (tabela 5.9):

Tabela 5.9 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de pronome demonstrativo ou indefinido com Estatuto da oração, nos dois *corpora* diacrônicos.

corpus	século XVIII		século XIX	
	oração subord. (43%)	oração indep. (41%)	oração subord. (36%)	oração indep. (28%)
estatuto da oração / realização do SN				
pronome demonstrativo ou indefinido	13%	23%	20%	25%

A tabela 5.9 mostra que a diminuição dos percentuais gera, em ambos os períodos, a inversão da relação dos sub-fatores de Estatuto com V SN. Embora o efeito seja menos marcado no *corpus* do século XIX, sem dúvida ele revela a força dos SNs pronominais.

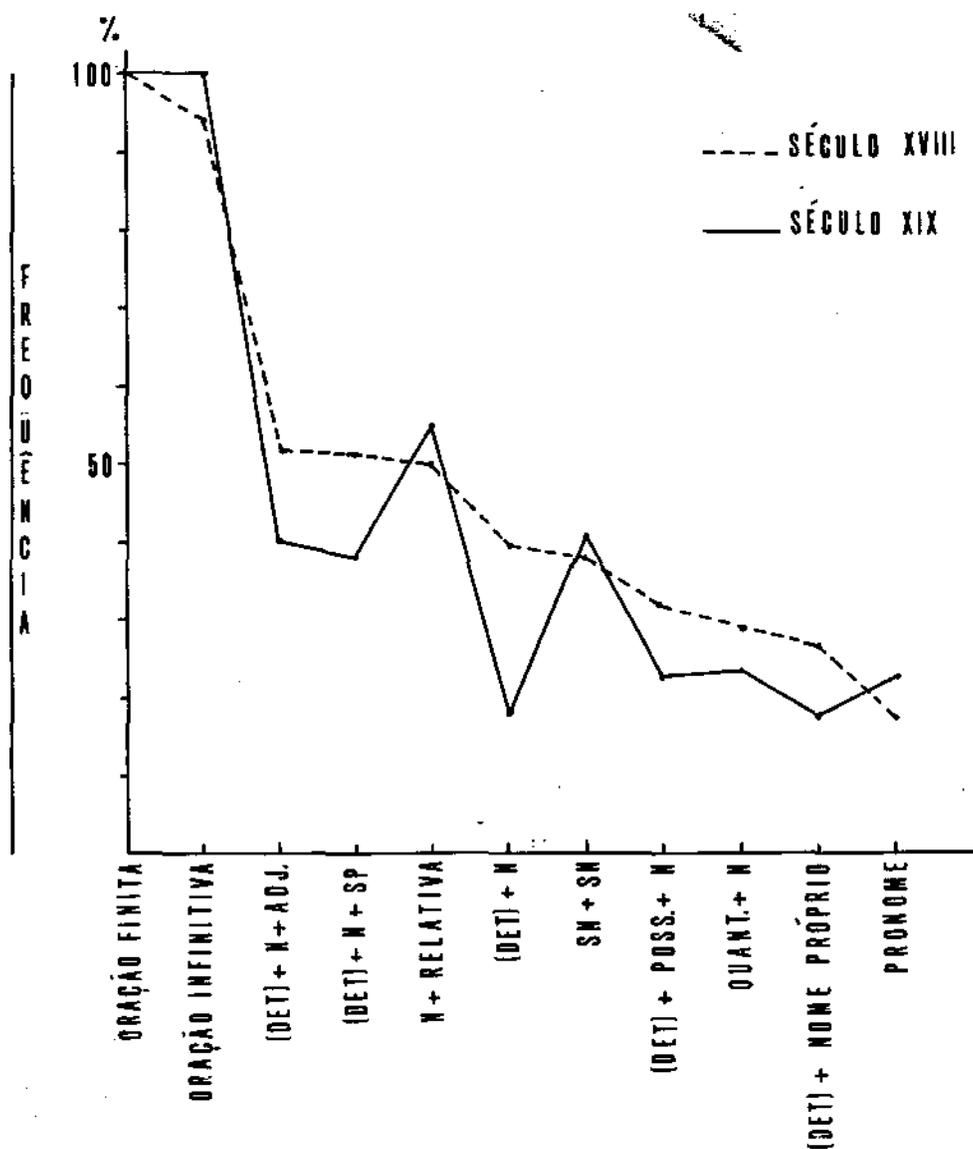
O encaminhamento diferente desses três sub-fatores modifica a hierarquia de Realização do SN (como indicam as tabelas 5.1 e 5.2):

Século XVIII: (det) + poss + N > (det) + nome próprio > pronome

Século XIX : pronome > (det) + poss + N > (det) + nome próprio

Essas e as demais semelhanças e diferenças observadas para o fator nesses dois momentos históricos podem ser melhor percebidas na figura 5.1:

Figura 5.1 - Frequência de V SN segundo a Realização do SN, nos dois *corpora* diacrônicos.



5.3. Referência do SN

Os resultados obtidos para esse fator devem ser considerados em dois níveis complementares com implicações opostas: o diacrônico e o sincrônico. A partir da comparação das tabelas 5.10 e 5.11, recupera-se o primeiro, marcado pela mudança.

Tabela 5.10 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a Referência do SN, no *corpus* do século XVIII.

resultados referência do SN	frequência	N	probabilidade
genérico	63%	17/27	0.66
genérico com especificidade	43%	20/47	0.47
específico com genericidade	61%	30/49	0.48
específico	38%	136/362	0.38

Tabela 5.11 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a Referência do SN, no *corpus* do século XIX.

resultados referência do SN	frequência	N	probabilidade
genérico	27%	7/26	0.50
genérico com especificidade	37%	10/27	0.57
específico com genericidade	32%	10/31	0.45
específico	30%	117/385	0.49

No *corpus* do século XVIII, percebe-se um crescimento gradual dos índices probabilísticos em direção a genérico. Já no período seguinte, embora o índice mais alto es teja ligado ao traço [genérico] (em genérico com especificida

de), não existe graduação: comparem-se os resultados de específico (30%; .49) aos de genérico (27%; .50).

Considerando que para o *corpus* sincrônico os índices mais significativos se associam a específico, o recorte diacrônico compõe um movimento singular do genérico para o específico, passando por uma fase de "equivalência de forças".

A mudança ocorrida entre os séculos XVIII e XIX se reflete na relação do fator com os demais. Se no primeiro período a co-ocorrência com genérico implica, de modo geral, numa elevação dos resultados, o contrário se dá no segundo momento da análise.

O segundo nível - sincrônico - não está tão evidente na apresentação das tabelas. Ele fica sugerido pelo cálculo probabilístico de relevância dos fatores, que elimina Referência do SN do quadro dos fatores explicativamente fortes em ambos os *corpora* históricos. Quando se toma cada um dos momentos e, do mesmo modo como no *corpus* sincrônico, observa-se a distribuição de ocorrências de SN V e de V SN entre os vários fatores, conclui-se que o fator realmente não é decisivo para a compreensão do fenômeno (tabelas 5.12 e 5.13):

Tabela 5.12 - Frequência de SN V e de V SN segundo a Referência do SN, no *corpus* do século XVIII

referência do SN	ordem		SN V		V SN	
genérico	3,5%	10/282			8%	17/203
genérico com especificidade	9,5%	27/282	13%	37/282		18%
específico com genericidade	7%	19/282			15%	20/203
específico	80%	226/282	87%	245/282	67%	136/203
						82%
						166/203

Tabela 5.13 - Frequência de V SN e SN V segundo a Referência do SN, no *corpus* do século XIX

referência do SN	ordem		SN V		V SN	
genérico	6%	19/325			5%	7/144
genérico com especificidade	5,5%	17/325	11%	36/325		12%
específico com genericidade	6,5%	21/325			7%	10/144
específico	82%	268/325	89%	289/325	81%	117/144
						88%
						127/144

Além de mostrarem que o fator se comporta similarmente com as duas possíveis ordenações em cada um dos *corpora*, as tabelas 5.12 e 5.13 revelam resultados surpreendentemente semelhantes para os dois períodos analisados. É preciso assinalar ainda a simetria desses dados com os obtidos para o *corpus* sincrônico (ver tabela 2.7, em Descrição dos Resultados Sincrônicos).

5.4. Animacidade do SN

As tabelas 5.14 e 5.15 apresentam os resultados para os dois *corpora* históricos:

Tabela 5.14 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a Animacidade do SN, no *corpus* do século XVIII

resultados	frequência	N	probabilidade
animacidade do SN			
não-animado	44%	131/299	0.49
animado	39%	72/187	0.51

Tabela 5.15 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a Animacidade do SN, no *corpus* do século XIX.

resultados	frequência	N	probabilidade
animacidade do SN			
não-animado	37%	94/254	0.56
animado	23%	50/215	0.44

A predominância de [não-animado] sobre [animado], que no *corpus* do século XVIII se coloca por uma diferença percentual pouco expressiva, acentua-se significativamente no *corpus* do século XIX. é interessante perceber que, apesar de ocorrer uma diminuição geral das frequências nesse segundo momento, não apenas cresce a diferença percentual entre os dois sub-fatores, mas também a probabilística. Esse último dado é fundamental, já que, para o *corpus* do século XVIII, os índices probabilísticos são marcados pelo equilíbrio.

O aumento da significância do fator fica confirmado por meio dos cruzamentos com os demais. No momento 1, a hierarquia não-animado > animado é constantemente alterada pela co-ocorrência de outros fatores. É o que se dá com Realização do SN, Transitividade do verbo, Tipo de predador, Estatuto da oração, Status informacional do SN e também com as distinções aspectuais operação/resultado, singular/repetido, e pontual/durativo. Veja-se, por exemplo, a relação com Status informacional (tabela 5.16):

Tabela 5.16 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Animacidade do SN com Status informacional do SN, no *corpus* do século XVIII.

animacidade do SN \ status informacional do SN	não - animado (44%)	animado (39%)
novo (54%)	59%	45%
inferível(43%)	42%	45%
dado em sentença não - imediatamente anterior (26%)	23%	29%
dado em sentença imediatamente anterior (18%)	21%	10%

Como indica a tabela 5.16, invertem-se as posições de [não-animado] e [animado] em presença de inferível e de dado em sentença não-imediatamente anterior.

Por outro lado, no momento 2 (século XIX), a hierarquia se fortalece. Apenas em co-ocorrência com alguns sub-fatores ((det) + N e SN + SN, em Realização do SN; verbos transitivo direto e expressão fixa, em Transitividade do verbo; predicadores de mudança pontual, em Tipo de predicador; resultado, na distinção aspectual operação/resultado) a ordem não-animado > animado se modifica. Comparem-se os resultados da tabela 5.16 com os da tabela 5.17, abaixo, para a mesma relação Animacidade - Status informacional:

Tabela 5.17 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Animacidade do SN com Status informacional do SN, no *corpus* do século XIX.

animacidade do SN \ status informacional do SN	não - animado (37%)	animado (23%)
novo (36%)	43%	26%
inferível (30%)	35%	20%
dado em sentença não - imediatamente anterior (25%)	26%	24%
dado em sentença imediatamente anterior (17%)	-	-

Embora a distinção quase desapareça no cruzamento com dado em sentença não-imediatamente anterior, o comportamento geral é de manter a hierarquia.

O fortalecimento do fator não ocorre independentemente. Como já foi apontado no capítulo anterior (O SN de V SN), a determinação das características do SN é função do verbo-predicador atualizado na sentença. Na medida em que esse ganha peso na explicação do fenômeno, os fatores a ele vinculados também se tornam, indiretamente, mais importantes, no sentido de que o verbo em sua grade temática projeta a especificidade de seus argumentos. Os resultados que serão discutidos posteriormente atestam o aumento da relevância do fator Tipo de predicador quando se passa do momento 1 para o 2. Portanto, o

fato de Animacidade do SN revelar maior força no *corpus* do século XIX vem como decorrência desse movimento de centralização do predicador.

5.5. O Status informacional do SN

Basta a observação dos resultados nas tabelas 5.18 e 5.19 para se concluir que o fator Status informacional não é tão relevante para o *corpus* do século XIX quanto o é para o século XVIII.

Tabela 5.18 - Frequência e probabilidade de V SN segundo o Status informacional do SN, no *corpus* do século XVIII.

status informacional \ resultados	freqüência	N	probabilidade
novo	54%	114/212	0.62
inferível	43%	53/122	0.53
dado em sentença não-imediatamente anterior	26%	29/113	0.47
dado em sentença imediatamente anterior	18%	7/39	0.38

Tabela 5.19 - Frequência e probabilidade de V SN segundo o Status informacional do SN, no *corpus* do século XIX.

status informacional do SN \ resultados	frequência	N	probabilidade
novo	36%	73/205	0.53
inferível	30%	41/137	0.50
dado em sentença não-imediatamente anterior	25%	27/109	0.55
dado em sentença imediatamente anterior	17%	3/18	0.41

Em termos de frequência, a hierarquia

novo > inferível > dado em sentença não-imediatamente anterior > dado em sentença imediatamente anterior

se mantém nos dois *corpora*, com percentuais menores para o século XIX. Quanto à probabilidade de ocorrência, já não se dá o mesmo: a graduação bastante marcada no momento 1 se transforma, basicamente, numa distinção binária que opõe novo, inferível e dado em sentença não-imediatamente anterior a dado em sentença imediatamente anterior. Note-se ainda que a proximidade ao índice "neutro" 0.5 confirma a pouca relevância do fator.

Esse decréscimo de importância já foi apontado pelo cálculo probabilístico de relevância que, selecionando o fator para o momento 1, o abandonou no momento 2. O fato ainda é confirmado pelo cruzamento com outros fatores: no *cor-*

pus do século XVIII, com poucas exceções, a hierarquia de Status informacional permanece inalterada qualquer que seja o fator com o qual co-ocorra. Além disso, sua presença aproxima os resultados dos seus, e, muitas vezes, opera inversões na organização interna de outros fatores (como com Animacidade do SN, Tipo de predicador e Estatuto da oração, por exemplo). A tabela 5.20 mostra os resultados do cruzamento com Estatuto da oração:

Tabela 5.20 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Status informacional do SN com Estatuto da oração, no corpus do século XVIII.

status inform.	novo (54%)	inferível (43%)	dado em sent. não-imediat. anterior (26%)	dado em sent. imediatamente anterior (18%)
estatuto da oração				
oração subord. (43%)	50%	51%	28%	7%
oração independente (41%)	59%	36%	24%	25%

Os percentuais ficam próximos, de um modo geral, aos de Status informacional, mas com implicações diferentes: em presença de novo e dado em sentença imediatamente anterior, ocorre uma inversão na hierarquia oração subordinada > oração independente. No caso de inferível e dado em sentença não-imediatamente anterior, a hierarquia se mantém.

Ao contrário, no corpus do século XIX nem sempre a co-ocorrência com outros fatores gera resultados aproximados aos de Status informacional. Também já não se dão inversões na hierarquia interna dos fatores co-ocorrentes, mas sim na do próprio Status em presença de Realização e Animacidade do SN, Estatuto da oração e da distinção aspectual pontual/durativo. O cruzamento com Estatuto da oração nesse momento (Tabela 5.21) apresenta diferenças significativas em relação ao que se observou na Tabela 5.20.

Tabela 5.21 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Status informacional do SN com Estatuto da oração, no *corpus* do século XIX.

Status informacional \ Estatuto da oração	novos (36%)	inferível (30%)	não-imed. ant. (25%)	imed. ant. (17%)
oração subordinada (36%)	41%	32%	34%	-
oração independente (28%)	32%	29%	18%	21%

Note-se que os resultados não se distanciam muito dos percentuais de Estatuto da oração e que a relação entre seus dois sub-fatores não é modificada pela co-ocorrência com Status informacional. A "inferioridade" de oração independente chega a ser acentuada pela presença de dado em sentença não-imediatamente anterior. Por outro lado, a organização in-

terna de Status sofre algumas modificações: as posições de inferível e dado em sentença não-imediatamente anterior se invertem ao co-ocorrerem com oração subordinada e o mesmo se dá com as duas distinções de dado em presença de oração independente.

Do mesmo modo que o fortalecimento de Animacidade do SN, a perda de relevância de Status informacional no século XIX também está vinculada ao processo de centralização no predicador. À medida que fatores de natureza mais formal assumem a explicação do fenômeno, propriedades discursivas têm diminuída sua força e importância. O movimento revela uma surpreendente tendência ao equilíbrio entre as partes componentes do sistema lingüístico.

5.6 A Transitividade do verbo

O fator Transitividade do verbo não foi selecionado entre os mais relevantes para os dois corpora históricos. A comparação das tabelas 5.22 e 5.23 e os resultados do cruzamento desse fator com os demais, em cada um dos momentos de análise, confirmam essa característica, mas também apontam algumas diferenças.

Tabela 5.22 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a Transitividade do verbo, no *corpus* do século XVIII.

resultados transitividade do verbo	frequência	N	probabilidade
intransitivo existencial	100%	14/14	1.00
intransitivo não-existencial	59%	40/68	0.61
verbo de ligação	47%	67/144	0.56
expressão fixa	47%	16/34	0.51
transitivo direto	34%	40/118	0.50
transitivo indireto	34%	27/79	0.42
bi-transitivo	30%	13/43	0.40

Tabela 5.23 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a Transitividade do verbo, no *corpus* do século XIX .

resultados	frequência	N	probabilidade
transitividade do verbo			
intransitivo existencial	97%	30/31	0.99
intransitivo não-existencial	47%	36/76	0.61
transitivo indireto	36%	33/91	0.58
verbo de ligação	30%	40/133	0.52
expressão fixa	28%	9/32	0.46
transitivo direto	21%	20/96	0.46
bi-transitivo	15%	6/41	0.37

Dois fatos se destacam numa primeira observação das tabelas acima: a diminuição de percentuais e índices no *corpus* do século XIX que acompanha o movimento comum a todos os fatores, e a diferenciação dos sub-fatores nesse segundo momento de análise. No *corpus* do século XVIII, os resultados dividem o fator em cinco sub-grupos bem marcados:

1. intransitivos existenciais;
2. intransitivos não-existenciais;
3. verbos de ligação e expressões fixas;
4. transitivos direto e indireto;
5. bi-transitivos.

Já no século XIX, os grupos se desfazem e cada sub-fator passa a ter uma relação particular com o fenômeno. Nesse sentido, os verbos transitivo direto apresentam um comportamento peculiar: situados quase em um dos extremos da escala de transitividade (momento 1), acabam por ocupar, no momento 2, uma posição intermediária. Outro dado interessante fica por conta da expressão fixa, que, em ambos os *corpora*, tem percentuais próximos aos de verbo de ligação e índices probabilísticos semelhantes aos de transitivo direto. Isso vem de encontro ao que já se observou para o *corpus* sincrônico e à proposta de uma natureza "híbrida" para essa categoria.

Em relação aos outros fatores analisados, os cruzamentos demonstram que ocorrem poucas mudanças no intervalo de um século. Não se constata um padrão de comportamento uniforme de Transitividade frente aos demais. Os resultados ora se aproximam dos seus, ora do co-ocorrente. As hierarquias internas dos dois fatores sofrem modificações. Apenas com Realização do SN, com a distinção aspectual operação/resultado e com Estatuto da oração, percebem-se algumas diferenças significativas: no primeiro caso, cresce o número de células com resultados próximos as de Transitividade; também no segundo o fator se fortalece, moldando os percentuais e sofrendo menos alterações em sua hierarquia interna. Já na relação com Estatuto da oração, é esse último que determina os resultados finais: a força de Transitividade diminui e a ordenação relativa de seus sub-fatores já se altera bastante. É importante lembrar que o fator Estatuto da oração é considerado pelo programa probabilístico

como um dos mais relevantes para a explicação do fenômeno no *corpus* do século XIX; assim, o tipo de resultado obtido no cruzamento com Transitividade do verbo não se limitará a esse fator específico, mas caracterizará todas as relações de Estatu-
to.

5.7. O Tipo de predicador

Selecionado como relevante para a compreensão de V SN nos dos *corpora* históricos, o Tipo de predicador possui um peso relativo diferente para cada um deles. No momento 1, constitui um dos fatores fortes; na verdade, o menos forte dos fortes. Ao contrário, no momento 2, é ele que apresenta o maior poder explanatório. Na passagem de um *corpus* a outro, também ocorrem mudanças no modo como seus sub-fatores se organizam. Observem-se as tabelas 5.24 e 5.25:

Tabela 5.24 - Frequência e probabilidade de V SN segundo o Tipo de predicador, no *corpus* do século XVIII.

resultados tipo de predicador	frequência	N	probabilidade
mudança pontual	61%	35/57	0.70
ação	47%	35/75	0.61
estado	40%	106/265	0.57
ação-processo	34%	22/65	0.50
processo	21%	5/24	0.18

Tabela 5.25 - Frequência e probabilidade de V SN segundo o Tipo de predicador, no *corpus* do século XIX

resultados tipo de predicador	frequência	N	probabilidade
mudança pontual	47%	36/77	0.70
ação	31%	20/70	0.60
estado	30%	67/222	0.55
processo	30%	11/37	0.38
ação-processo	13%	8/63	0.27

Em termos de probabilidade, as alterações são pouco sensíveis: predicadores de ação-processo e de processo têm suas posições invertidas e os resultados se diferenciam mais entre si, compondo uma escala gradual. Quanto à frequência, além da diminuição geral dos percentuais e da inversão entre predicadores de ação-processo e de processo dentro da hie-

rarquia interna do fator, nivelam-se os resultados de ação, estado e processo.

A re-organização do fator tem significado se for entendida como um passo no caminho da mudança. No *corpus* do século XIX, já é possível esboçar um princípio para a ordenação dos sub-fatores: a tendência aos predicadores mono-argumentais se associarem mais fortemente a V SN que predicadores com mais de um argumento. Considerando a relação inerente que esse fator guarda com Transitividade do verbo (uma vez que representam aspectos complementares do mesmo constituinte) e que a mono-argumentalidade sempre apresentou, nesse último fator, os resultados mais favoráveis à V SN, a associação desse princípio a Tipo de predicador não constitui contradição. Na verdade, se o fator foi selecionado como extremamente forte nesse momento da análise, isso se deve a essa e a outras distinções significativas que ele revela. O posicionamento de predicadores de processo, por exemplo, sugere que o fato de implicarem na existência de um agente torna menos provável sua ocorrência em V SN. Já se discutiu anteriormente o risco de ambigüidade dessas construções (ver o capítulo III). Quando se fala em "caminho da mudança", quer-se salientar o processo de centralização progressiva do fenômeno da ordem em torno do verbo-predicador. A descrição dos resultados do *corpus* sincrônico compôs o estágio (até agora) mais avançado desse processo. Mas é por meio da comparação dos três momentos de análise que se pode recuperar o movimento. Essa questão será mais profundamente

discutida no capítulo VI.

No que diz respeito à diferença de grau de importância para cada um dos *corpura*, cruzamentos com os demais fatores constituem a evidência mais forte. A "influência" de Tipo de predicador na conformação dos resultados cresce significativamente no intervalo de um *corpus* a outro. Isso pode ser observado, sobremaneira, com relação à Realização, Animacidade e Status informacional do SN, Estatuto da oração e às distinções aspectuais operação/resultado, singular/repetido e pontual/du-
rativo. As tabelas 5.26 e 5.27 ilustram esse movimento, apresentando a relação do fator com Status informacional do SN nos dois momentos históricos.

Tabela 5.26 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Tipo de predicador com Status informacional do SN, no *corpus* do século XVIII.

tipo de predicador	mudança pontual (61%)	ação (47%)	estado (40%)	ação processo (34%)	processo (21%)
status informacional do SN					
novos (54%)	83%	54%	52%	42%	23%
inferível (43%)	-	50%	42%	50%	-
dado em sentença não-imediatamente anterior (26%)	38%	40%	23%	13%	-
dado em sentença imediatamente anterior (18%)	-	-	-	-	-

Pelo que apresenta a tabela 5.25, embora exista uma interferência mútua na conformação dos resultados nesse *corpus*, é inegável a predominância de Status sobre Tipo de predicador. Se a co-ocorrência com *novo* implica apenas na elevação dos percentuais, a presença de *inferível* equipara os resultados de predicador de ação a predicador de ação-processo e a ocorrência de dado em sentença não-imediatamente anterior inverte a posição de predicador de mudança pontual relativamente a predicador de ação.

Já no *corpus* do século XIX, o quadro de relações se altera significativamente (tabela 5.27):

Tabela 5.27 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Tipo de predicador com Status informacional do SN, no *corpus* do século XIX

tipo de predicador	mudança pontual (47%)	ação (31%)	estado processo (30%)	ação processo (30%)	ação processo (13%)
status informacional do SN					
novo (36%)	52%	38%	35%	33%	17%
inferível (30%)	43%	31%	28%	29%	14%
dado em sentença não-imediatamente anterior (25%)	45%	29%	23%	-	8%
dado em sentença imediatamente anterior (17%)	-	-	-	-	-

Como se vê, os percentuais correspondem, basicamente, àqueles de Tipo de predicador, mantendo-se intocada a relação entre seus sub-fatores. Por sua vez, a hierarquia interna de Status informacional sofre alteração em co-ocorrência com predicadores de mudança pontual: inferível fica em posição relativamente inferior a dado em sentença não-imediatamente anterior.

5.8. Estatuto da oração

Com resultados pouco expressivos no *corpus* do século XVIII o fator Estatuto da oração acaba por ser incluído entre os mais relevantes para o fenômeno no século XIX. Essa mudança já está esboçada em seus percentuais e índices gerais, apresentados nas tabelas 5.28 e 5.29 :

Tabela 5.28 - Frequência e probabilidade de V SN segundo o Estatuto da oração, no *corpus* do século XVIII.

resultados	frequência	N	probabilidade
estatuto da oração			
oração subordinada	43%	109/256	0.55
oração independente	41%	94/230	0.45

Tabela 5.29 - Frequência e probabilidade de V SN segundo o Estatuto da oração, no *corpus* do século XIX.

estatuto da oração \ resultados	freqüência	N	probabilidade
oração subordinada	36%	62/173	0.59
oração independente	28%	82/296	0.41

Embora em ambos os momentos haja uma associação relativamente mais forte de oração subordinada com V SN, a distinção entre orações subordinadas e independentes é bem mais acentuada no *corpus* do século XIX. Mesmo com percentuais mais baixos que os do século XVIII, a diferença que separa os sub-fatores no momento 2 é maior. Também os índices probabilísticos apontam para o aumento da relevância do fator.

O alcance desse fortalecimento, porém, só fica evidente quando se observa a relação do fator com os demais. No *corpus* do século XVIII, os cruzamentos caracterizam o Estatuto da oração como um fator sempre sujeito a sofrer modificações em seus resultados quando em co-ocorrência com algum outro. Os percentuais obtidos, de modo geral, correspondem aos do fator co-ocorrente e, mais importante, a hierarquia oração subordinada > oração independente é sempre eliminada ou invertida. Mesmo o cruzamento com um fator pouco significativo como Referência do SN determina alterações em Estatuto da oração, sem que se dê o inverso.

O cotejamento dos fatores no *corpus* do século XIX, por outro lado, mostra que, apesar de os resultados gerados pela co-ocorrência de Estatuto com outros fatores normalmente refletirem os percentuais do fator co-ocorrente, a predominância de oração subordinada poucas vezes é ameaçada. Além disso, a organização interna dos sub-fatores de Referência do SN e Tipo de predicador, antes intocada, sofre alterações em presença de Estatuto e as modificações observadas para Transitividade do verbo se intensificam no momento 2.

Para ilustrar o fortalecimento de Estatuto da oração, observem-se os resultados do cruzamento com Transitividade do verbo (tabelas 5.30 e 5.31).

Tabela 5.30 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Estatuto da oração com Transitividade do verbo, no *corpus* do século XVIII:

estatuto da oração \ transitividade do verbo	oração subordinada (43%)	oração independente (41%)
intransitivo não-existencial (59%)	66%	54%
verbo de ligação (47%)	56%	40%
expressão fixa (47%)	37%	60%
trans. indireto (34%)	33%	35%
trans. direto (34%)	35%	33%
bi-transitivo	31%	29%

Tabela 5.31 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Estatuto da oração com Transitividade do verbo, no corpus do século XIX

estatuto da oração \ transitividade do verbo	oração subordinada (36%)	oração independente (28%)
intransitivo não-existencial (47%)	33%	54%
trans. indireto (36%)	48%	26%
verbo de ligação (30%)	38%	27%
expressão fixa (28%)	42%	20%
trans. direto (21%)	29%	16%
bi-transitivo (15%)	19%	10%

Na tabela 5.29, ocorre uma inversão da hierarquia oração subordinada > oração independente pela presença de expressão fixa e transitivo indireto. Quanto à Transitividade do verbo, invertem-se as posições de transitivo indireto e transitivo direto em co-ocorrência com oração subordinada e o mesmo se dá entre verbo de ligação e expressão fixa junto a oração independente.

Já na tabela 5.30, apenas em co-ocorrência com intransitivos não-existenciais a relação de oração subordinada com V SN se modifica. É necessário considerar que os verbos intransitivos têm uma associação bastante forte e estável

com V SN, que poucas vezes se altera por influência de outros fatores. No que diz respeito à hierarquia interna de Transitividade, observa-se o nivelamento de transitivo indireto com verbo de ligação (em presença de oração independente). A co-ocorrência com oração subordinada implica em modificações maiores: a organização dos sub-fatores, originalmente

intrans.	>	trans.	>	verbo	>	expressão	>	trans.	>	bi-
não-exis-		indir.		de		fixa		direto		trans.,
tencial				ligação						

passa a:

trans.	>	expressão	>	verbo	>	intrans.	>	trans.	>	bi-
indir.		fixa		de		não-exis-		direto		trans.
				ligação		tencial				

5.9. O Valor aspectual do enunciado : operação/resultado

O par operação/resultado é o único dentre as distinções aspectuais selecionado como relevante para a explicação do fenômeno V SN. Ainda assim, no que se refere aos *corpora* históricos, isso ocorreu somente para o século XVIII. Os percentuais e índices gerais do fator revelam outros contrastes entre os dois momentos de análise (tabelas 5.31 e 5.32):

Tabela 5.32 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual operação/ resultado, no *corpus* do século XVIII.

operação/ resultado	resultado	frequência	N	probabilidade
	resultado	64%	30/47	0.60
	operação	41%	56/138	0.52
	ausência de noção aspectual	39%	117/301	0.37

Tabela 5.33 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual operação/ resultado, no *corpus* do século XIX

operação/ resultado	resultado	frequência	N	probabilidade
	resultado	46%	34/74	0.51
	ausência de noção aspectual	29%	73/252	0.41
	operação	26%	37/143	0.58

Além da diminuição geral dos percentuais de frequência no *corpus* do século XIX, a própria hierarquia interna do fator se re-organiza. A tabela 5.31 mostra que no momento 1, o sub-fator resultado (o mais forte) é seguido em ordem decrescente por operação e, finalmente, ausência de noção

aspectual. Tal ordenação é observada tanto em termos de frequência, quanto de probabilidade de ocorrência.

Esse quadro se modifica duplamente no *corpus* do século XIX: primeiro, há uma ocorrência relativamente maior de V SN em enunciados sem expressão de noção aspectual do que com valor aspectual de operação; em segundo lugar, os índices de probabilidade re-ordenam a hierarquia para

operação > resultado > ausência de noção aspectual.

Essas mudanças revelam uma dissociação entre os resultados de frequência e de probabilidade de ocorrência no segundo momento de análise.

Situação semelhante configurou-se no *corpus* sincrônico para o fator Tipo de predicador. Quando da descrição daquele *corpus*, o fato foi explicado pela interferência de um segundo fator - Transitividade do verbo -, com o qual o primeiro compartilhava traços, e que, realmente, constituía o fator explanatoriamente mais forte. O mesmo tipo de "interferência" pode ser a causa dos contrastes observados para operação/resultado. Nos dois momentos históricos, o sub-fator resultado apresenta os percentuais mais altos de V SN. O cruzamento com Tipo de predicador indica que tal associação não se dá diretamente (tabelas 5.33 e 5.34) :

Tabela 5.34 - Frequência de V SN a partir do cruzamento da distinção operação/resultado com Tipo de predicador, no *corpus* do século XVIII.

operação/ resultado tipo de predicador	resultado (64%)	operação (41%)	ausência de noção aspectual (39%)
mudança pontual (61%)	65%	-	56%
ação (47%)	-	50%	-
estado (40%)	-	-	40%
ação-processo (34%)	-	38%	9%
processo (21%)	-	16%	-

Tabela 5.35 - Frequência de V SN a partir do cruzamento da distinção operação/resultado com Tipo de predicador, no *corpus* do século XIX

operação/ resultado tipo de predicador	resultado (46%)	operação (26%)	ausência de noção aspectual (24%)
mudança pontual (47%)	55%	-	24%
operação (31%)	-	32%	-
estado (30%)	-	-	31%
ação-processo (13%)	-	13%	-
processo (30%)	-	37%	-

O que primeiro chama a atenção nas tabelas é a distribuição quase complementar das células: resultado só co-ocorre com mudança pontual; operação, apenas com ação, ação-processo e processo; e ausência de noção aspectual, com estado e mudança pontual. Disso se conclui que cada um dos fatores divide com o outro traços comuns.

Tome-se agora a relação resultado - mudança pontual. Levando-se em conta os números absolutos de ocorrência, verifica-se que, no *corpus* do século XVIII, 76% dos casos de resultado ocorreram com predicadores de mudança pontual (40 em 47) e que, dos 30 casos de V SN em enunciados com valor resultado, 26 se deram com esse tipo de predicador (numa percentagem de 91%). O quadro para o *corpus* do século XIX não é muito diferente: em 74 casos de resultado, 56 co-ocorreram com predicadores de mudança pontual (85%), e em 87% dos casos de V SN em enunciados com valor resultado, os predicadores atualizados eram de mudança pontual (31 em 34). Já se salientou anteriormente a relação estável e forte que o sub-fator mudança pontual mantém com V SN. A partir desses fatos, seria correto computar diretamente a resultado uma associação favorável com V SN? A seleção de Tipo de predicador como fator mais relevante no *corpus* do século XIX parece indicar que não. Uma vez que esse fator cresce em relevância, todos os traços a ele associados irão apresentar resultados relevantes. Assim, se probabilisticamente o par aspectual operação/resultado não se mostrar significativo (a diferença entre operação - 0.58 e resultado - 0.51 diz pouco), em termos de frequência ele continuará apre-

sentando distinções importantes, pela associação que mantém com o fator explicativamente mais forte no segundo momento de análise. É justamente o que se observa pelos resultados.

Os cruzamentos com outros fatores vem confirmar essa correspondência: praticamente não se alteram as relações de operação/resultado com Realização e Animacidade do SN, Transitividade do verbo, e com as distinções singular/repetido e pontual/durativo. Apenas com Status informacional do SN e Estatuto da oração, observam-se mudanças: de fortalecimento em relação ao primeiro e enfraquecimento relativamente ao segundo. Isso se explica pela variação de relevância desses dois fatores em cada um dos *corpora*. Lembre-se que Status informacional, o fator mais importante para a explicação do fenômeno nos dados do século XVIII, nem sequer é incluído entre os mais relevantes para o *corpus* do século XIX, e que Estatuto da oração passa por um movimento oposto.

5.10: O Valor aspectual do enunciado : singular/repetido

Os resultados apresentados nas tabelas 5.35 e 5.36, abaixo, demonstram que o par singular/repetido não constitui um fator muito significativo.

Tabela 5.36 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual singular/repetido, no *corpus* do século XVIII.

resultados singular/ repetido	frequência	N	probabilidade
repetido	47%	35/75	0.52
singular	46%	51/110	0.50
ausência de noção aspectual	39%	117/301	0.48

Tabela 5.37 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual singular/repetido, no *corpus* do século XIX

resultados singular/ repetido	frequência	N	probabilidade
repetido	28%	16/57	0.45
singular	34%	55/160	0.55
ausência de noção aspectual	29%	73/252	0.50

As diferenças entre os índices probabilísticos de cada sub-fator são pequenas, embora relativamente maiores no *corpus* do século XIX. A comparação dos dois *corpora* revela, ainda, uma reorganização da hierarquia interna do fator: o valor aspectual repetido, que apresenta o resultado mais

favorável à V SN para o século XVIII, tem o percentual e o índice mais baixos no momento seguinte. Assim, a ordenação dos sub-fatores passa de

repetido > singular > ausência de noção aspectual

para

singular > ausência de noção aspectual > repetido

A relação do fator com os demais também sofre algumas modificações, que, em sua maioria, porém, são decorrência das mudanças de grau de relevância dos outros fatores. É desse modo que a distinção singular/repetido se fortalece em relação a Status informacional do SN no *corpus* do século XIX, pois sua hierarquia já não se altera com todos os sub-fatores co-ocorrentes. O mesmo se dá relativamente à distinção pontual/durativo. Já com Realização e Animacidade do SN e Tipo de predicador, ocorre o inverso. Quando da descrição desses fatores, enfatizaram-se as diferenças que cada um apresenta entre os dois momentos analisados e sua importância para a explicação do fenômeno em estudo. Conclui-se que a distinção singular/repetido desempenha um papel menor nesse "jogo". Seu posicionamento no tabuleiro depende sempre das peças mais fortes e deve ser pensado em relação a elas.

5.11. Valor aspectual do enunciado : pontual/durativo

Em relação à última distinção aspectual considerada para análise, verificou-se uma dissociação entre resultados de frequência e de probabilidade (tabelas 5.37 e 5.38).

Tabela 5.38 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual pontual/durativo, no *corpus* do século XVIII.

resultados	frequência	N	probabilidade
pontual/ durativo			
pontual	52%	59/114	0.52
ausência de noção aspectual	41%	71/175	0.43
durativo	37%	73/197	0.56

Tabela 5.39 - Frequência e probabilidade de V SN segundo a distinção aspectual pontual/durativo, no *corpus* do século XIX

resultados	frequência	N	probabilidade
pontual/ durativo			
pontual	36%	49/135	0.48
ausência de noção aspectual	30%	43/142	0.48
durativo	27%	52/192	0.53

Nos dois *corpora*, os percentuais compõem uma hierarquia que vai de pontual a durativo, ficando ausência de noção aspectual na posição intermediária; ao contrário, com os índices probabilísticos, o sub-fator mais forte é durativo. Além disso, as diferenças numéricas que distinguem pontual de durativo em termos de probabilidade são bastante pequenas, sugerindo a pouca relevância da distinção. A esse respeito é preciso notar, ainda, que, no *corpus* do século XIX, desaparece a divisão ternária do fator, pontual e ausência de noção aspectual passando a atuar (numericamente) como um mesmo sub-fator.

Como se explica essa divergência de fatores, verifica-se que a distinção pontual/durativo mantém com Tipo de predicador uma associação semelhante àquela que o par operação/resultado possui com esse segundo fator (ver item 5.9, nesse capítulo). Observem-se os seguintes resultados (tabelas 5.39 e 5.40) :

Tabela 5.40 - Frequência de V SN a partir do cruzamento da distinção aspectual pontual/durativo com Tipo de predicador, no *corpus* do século XVIII.

pontual/ durativo	pontual (52%)	ausência de noção aspectual (41%)	durativo (37%)
mudança pontual (61%)	62%	56%	-
ação (47%)	53%	-	38%
estado (40%)	-	43%	37%
ação-processo (34%)	32%	9%	44%
processo (21%)	-	-	19%

Tabela 5.41 - Frequência de V SN a partir do cruzamento da distinção aspectual pontual/durativo com Tipo de predicador, no *corpus* do século XIX

pontual/ durativo	pontual (36%)	ausência de noção aspectual (30%)	durativo (27%)
mudança pontual (47%)	53%	24%	-
ação (31%)	30%	-	-
estado (30%)	-	34%	27%
ação-processo (13%)	5%	-	18%
Processo (30%)	-	-	33%

Como os sub-fatores de um e outro fator compartilham traços definidores comuns, o cruzamento revela certas correspondências distribuídas quase complementarmente. É o caso de pontual associado a mudança pontual e ação, em oposição a durativo, ligado basicamente a estado, ação-processo e processo. Mais uma vez vale observar o sub-fator que, para essa distinção aspectual, apresenta os percentuais mais significativos - pontual. No *corpus* do século XVIII, cerca de 81% dos casos de pontual ocorreram ou com predicadores de mudança pontual ou de ação. Dos 59 casos de V SN em enunciados com valor pontual, 52 (88%) se deram com esses tipos de predicadores. Quanto aos resultados do *corpus* do século XIX, embora a percentagem de co-ocorrência entre pontual e esses predicadores diminua (58,5%), a associação entre as ocorrências de V SN em enunciados de valor pontual com tais predicadores se fortalece: 47 casos em 49, numa frequência de 96%.

São essas correspondências que vem explicar a dissociação entre frequência e probabilidade nos resultados de pontual/durativo. Os predicadores de mudança pontual e de ação apresentam sempre uma relação significativa com V SN. A discussão sobre Tipo de predicador (item 5.7, nesse capítulo) já indicou seu caráter mono-argumental como uma das justificativas dessa associação. Por outro lado, o cálculo probabilístico de relevância do fator e os cruzamentos demonstraram que a natureza do predicador constitui um dado explanatoriamente forte para o fenômeno V SN. Do mesmo modo que se constatou para a distinção operação/resultado, só se pode concluir que o par

pontual/durativo, irrelevante em termos probabilísticos, está refletindo em seus percentuais a força de traços que compartilha com Tipo de predicador.

5.12. Conclusão

Os resultados descritos nesse capítulo são convergentes ao indicarem um movimento de mudança para o fenômeno V SN. Isso fica evidenciado pela diferença nos percentuais gerais de frequência - 42% para o século XVIII e 31% para o XIX - mostrando uma tendência à diminuição do uso de V SN nesse intervalo. Esse comportamento é reproduzido, de modo geral, por todos os fatores associados a essa ordenação.

Mais que pela diferença quantitativa, porém, a mudança se revela na seleção de fatores relevantes para cada um dos momentos. Para o *corpus* do século XVIII, foram considerados explanatoriamente fortes o Status informacional do SN, a sua Realização, a distinção aspectual operação/resultado e o Tipo de predicador. Já para o século XIX, são o Tipo de predicador, a Realização do SN e o Estatuto da oração a compôr o conjunto de fatores mais relevantes. Delineia-se o primeiro passo da mudança : o fenômeno, definido principalmente em função de fatores discursivos no século XVIII (o status informacional), passa a ser influenciado mais fortemente por princípios de natureza formal (o tipo de predicador), no *corpus* do século XIX.

Capítulo VI

DIACRONIA : O caminho da mudança

"...as construções direita e invertida são ambas naturais, por que ambas, quando lhes é possível, se conformam à ordem com que nosso espírito concebe as coisas"

(Soares Barbosa, 1803:296)

"Parece claro que a língua portuguesa hoje é predominantemente SV. A ordem VS se mantém em casos especiais, sobretudo em orações marcadas em relação à oração declarativa, afirmativa, neutra".

(Eunice Pontes, 1987:163)

Não são apenas dois séculos que separam as afirmações de Soares Barbosa e de Eunice Pontes. O conteúdo de cada uma revela fatos e atitudes diferentes em relação ao fenômeno da ordem. Na primeira, a ordem invertida é considerada natural e tem, como a "direita", uma função específica: expressar um certo modo de o espírito conceber as coisas. Ao contrário, a segunda caracteriza VS como uma ordem marcada, circunscrita a "casos especiais".

Dois "conclusões" podem ser abstraídas desses dois textos. Primeiramente, embora Soares Barbosa não se refira explicitamente à frequência de ocorrência de uma ou outra ordenação, o fato de tratar a ambas com igualdade sugere

Notas do Capítulo V

(1) Os casos de (det) + possessivo + N., embora estruturalmente também devam ser considerados "nominais", foram destacados desse grupo por apresentarem comportamento bastante diferenciado.

que as duas possibilidades eram igualmente comuns naquele momento. A esse respeito, por sua vez, Pontes é clara: VS é uma ordenação pouco freqüente no português atual do Brasil. Isso leva a pensar que VS, antes uma ordenação comum e freqüente, teve seu espaço de atuação limitado, a ponto de ficar restrita a alguns contextos bem marcados, e tornou-se pouco produtiva.

O segundo aspecto diz respeito aos princípios regentes da ordem. No início do século XIX, segundo Soares Barbosa, a opção entre VS e SV se definia subjetivamente. A ordem funcionava como um recurso estilístico, disponível para que o falante expressasse "seu modo de ver as coisas". Dois séculos depois, pelo que indica a afirmação de Pontes, fatores de natureza estritamente gramatical estão determinando o fenômeno. Às mudanças quantitativas, se acrescentaria, então, uma alteração qualitativa.

Os contrastes percebidos entre as duas citações representam, em linhas gerais, o quadro de mudança que a análise de meus dados compôs e que apresento agora em detalhe.

6.1. Os Resultados gerais - a mudança

A análise independente de cada *corpus* mostrou que eles têm sua estruturação própria, explicando o fenômeno da ordem segundo uma relação particular de fatores. No caso do século XVIII, é principalmente o Status informacional do SN a definir a ocorrência de V SN ou de SN V. No século XIX, o

peso explicativo maior está com Tipo de predicador e, por fim, no *corpus* sincrônico, a Transitividade do verbo é o fator central na determinação da ordem.

Em todos os três momentos, apesar da diferença de peso entre os fatores, fica evidente o quanto é inadequado falar-se em variação: existem princípios claros regendo a ocorrência de uma ou outra ordem e, se não se pode pensar em complementaridade absoluta, é inegável que os contextos se caracterizam pela associação predominante com uma das ordenações em detrimento da outra.

Por outro lado, o cotejamento dos *corpora* revela que, embora não funcionem como variantes de uma mesma variável, V SN e SN V estão inseridas em um processo de mudança sensível que se associa e se define em função de outras mudanças em andamento no português do Brasil. Os resultados gerais dos três momentos históricos são ao mesmo tempo reveladores e surpreendentes (Tabela 6.1):

Tabela 6.1 - Frequência de V SN segundo o *corpus* analisado

<i>corpus</i>	%	N
século XVIII (1750)	42%	203/486
século XIX (1850)	31%	144/469
século XX (1987)	21%	263/1262

Há uma frequência gradualmente menor de SNs pospostos à medida que se passa de um momento a outro, em direção ao *corpus* sincrônico. Essa tendência geral se manifesta na presença de todos os fatores considerados para a análise, como já ficou evidenciado pela descrição de resultados (capítulos II e IV).

Naturalmente, esses resultados têm "dois gumes" e é necessário que ambos sejam considerados quando se fala em mudança. Se os percentuais indicam a diminuição da ocorrência de V SN, também revelam, por oposição, o aumento da frequência de SN V. Observa-se, assim, um progressivo "enrijecimento" da ordem em SN V, que começa a dominar, aos poucos, os contextos antes divididos com V SN.

A questão central desse capítulo será, então, definir como e por que V SN está se tornando cada vez menos produtiva no português do Brasil. Enfim, caracterizar o caminho da mudança.

6.2. Como está se dando a mudança - a transição

Ao descrever os resultados, procurei salientar o grupo de fatores que havia sido selecionado como explanatoriamente relevante para o fenômeno da ordem em cada um dos *corpora*. Algumas diferenças entre os séculos XVIII e XIX já foram apontadas no capítulo anterior. Compare-se agora a situação dos três momentos analisados:

século XVIII	século XIX	século XX
1. status informacional do SN	1. tipo de predicador	1. transitividade do verbo
2. realização do SN	2. realização do SN	2. realização do SN
3. distinção aspectual operação/ resultado	3. estatuto da oração	3. animacidade do SN
4. tipo de predicador		4. distinção aspectual operação/ resultado
		5. concordância verbal

A expectativa de que "...the forces which operated to produce the historical record are the same as those which can be seen operating today" (1) se vê frustrada. Com exceção do fator Realização do SN, os demais, ou não são selecionados simultaneamente para os três corpora, ou têm seu peso relativo alterado (tornam-se menos ou mais relevantes). Toda essa diversidade aponta para um processo específico de mudança que se reflete nos fatores explicativos do fenômeno: a reanálise.

Langacker, em seu artigo de 1977 "Syntactic Reanalysis", define o processo como

"...a mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação superficial".

Diz, ainda, que:

"A reanálise pode levar a mudanças no nível superficial, (...), mas essas mudanças superficiais podem ser vistas como o resultado natural e esperado de modificações funcionalmente anteriores em regras e representações subjacentes". (2)

No caso específico do fenômeno em estudo, a linha central desse processo se caracteriza pela passagem de uma orientação funcional para uma formal. No momento 1 (século XVIII) é uma função discursiva do SN - seu status informacional - que possui o maior peso na determinação de seu posicionamento relativamente ao verbo. Quanto maior for o grau de "novidade" do referente do SN, maior será a probabilidade de que ele ocorra posposto ao verbo, e vice-versa. No intervalo de dois séculos, um fator de natureza formal - o tipo de verbo-predicador - gradualmente se fortalece e acaba por assumir, pelo que apontam os resultados do *corpus* sincrônico, o papel central na definição da ordem.

Essa passagem não implica em dizer que no momento presente o Status informacional do SN não contribui para a compreensão do fenômeno. As relações observadas no *corpus* sincrônico (ver capítulo II, item 2.4.) indicam que a gradação de "novidade" se mantém praticamente inalterada em co-ocorrência com outros fatores. O que ocorre é uma re-hierarquização das forças em jogo. O Status informacional, que atuava num primeiro nível, passa a influenciar a ordem num segundo momento, posterior à ação do verbo-predicador. O cotejamento desses dois

fatores em cada um dos *corpora* explicita a mudança e mostra que o verbo já estava presente desde o primeiro momento da análise como um fator forte (tabelas 6.2, 6.3 e 6.4).

Tabela 6.2 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Status informacional do SN e Transitividade do verbo, no *corpus* do século XVIII

status informacional / realização do SN	novo (54%)	inferível (43%)	dado em sentença não-imed. anterior (26%)	dado em sentença imed. anterior (18%)
intransitivo não-existencial (59%)	70%	62%	-	-
verbo de ligação (47%)	66%	44%	20%	-
expressão fixa (47%)	65%	-	-	-
transitivo indireto (34%)	40%	31%	35%	-
transitivo direto (34%)	35%	37%	32%	29%
bi-transitivo (30%)	38%	-	0%	-

Tabela 6.3. Frequência de V SN a partir do cruzamento de Status informacional do SN e Transitividade do verbo, no *corpus* do século XIX.

status informacional / realização do SN	novo (36%)	inferível (30%)	dado em sentença não-imed. anterior (25%)	dado em sentença imed. anterior (17%)
intransitivo não-existencial (47%)	57%	36%	-	-
verbo de ligação (30%)	38%	29%	19%	-
expressão fixa (28%)	50%	0%	-	-
transitivo indireto (36%)	33%	48%	30%	-
transitivo direto (21%)	20%	21%	24%	-
di-transitivo (15%)	17%	-	7%	-

Tabela 6.4 - Frequência de V SN a partir do cruzamento Status informacional do SN e Transitividade do verbo, no corpus sincrônico.

status informacional / realização do SN	novo (26%)	inferível (25%)	dado em sentença não-imed. anterior (17%)	dado em sentença imed. anterior (9%)
intransitivo não-existencial (46%)	50%	58%	37%	20%
verbo de ligação (23%)	30%	24%	24%	12%
expressão fixa (13%)	25%	16%	9%	9%
transitivo indireto (8%)	13%	8%	8%	0%
transitivo direto (3%)	4%	4%	2%	0%
bi-transitivo (0%)	-	-	-	-

No momento 1 (Tabela 6.2), o cruzamento com Transitividade gera apenas duas alterações na hierarquia interna de Status informacional: invertem-se as posições de inferível e dado em sentença não-imediatamente anterior em contato com transitivo indireto; e o mesmo ocorre entre novo e inferível em presença de transitivo direto. Por outro lado, a co-ocorrência com novo inverte as posições de transitivo direto e bi-transitivo. Junto a inferível e a dado em sentença não-imediatamente anterior, estabelece-se uma diferença percentual en-

tre transitivo indireto e transitivo direto. Finalmente, verbo de ligação apresenta um resultado bastante baixo com dado em sentença não-imediatamente anterior, o que o posiciona abaixo de transitivo direto. Conclui-se que a função discursiva do SN constitui o fator mais relevante dos dois, embora acomode-se a algumas exigências formais, notadamente por parte dos verbos transitivos.

No *corpus* do século XIX (tabela 6.3), as interferências nos resultados se intensificam. Os verbos transitivos operam inversões na organização interna de Status informacional, ora alterando a ordem de novo em relação a inferível (com transitivo indireto), ora nivelando seus percentuais, de modo que ficam posicionados abaixo de dado em sentença não-imediatamente anterior (com transitivo direto). Por sua vez, a co-ocorrência com novo e inferível produz modificações na hierarquia de Transitividade: no primeiro caso, as relações

transitivo indireto > verbo de ligação > expressão fixa

invertem-se para

expressão fixa > verbo de ligação > transitivo indireto;

no segundo, transitivo indireto passa a ser o sub-fator mais fortemente associado a V SN. Com verbo de ligação ocorre a mesma mudança verificada no *corpus* do século XVIII.

Finalmente, no *corpus* sincrônico (tabela 6.4) completa-se a inversão nas relações entre os dois fatores. Status informacional já não interfere na associação da escala

de transitividade com V SN. Quanto à influência da natureza do verbo, além de determinar a inversão das posições de novo e inferível (com intransitivo não-existencial), opera o desaparecimento de algumas distinções na gradação de "novidade": entre inferível e dado em sentença não-imediatamente anterior (com verbo de ligação e com transitivo indireto), entre as duas distinções de dado (com expressão fixa), e entre novo e inferível (com transitivo direto).

É notável o contraste entre esse último momento e o primeiro. Há um movimento de cento e oitenta graus no quadro de forças ligadas ao fenômeno. No entanto, como já foi apontado, a relevância da natureza do verbo já era percebida no *corpus* do século XVIII. O fato de os verbos transitivos determinarem mudanças nos resultados de Status informacional naquele *corpus* é extremamente significativo. Isso porque os resultados gerais mostram que o encaminhamento da diminuição de frequência de V SN atingiu antes e com mais intensidade os contextos "mais transitivos", agindo mais brandamente à medida que os contextos se intransitivizavam. É o que se observa na Tabela 6.5:

Tabela 6.5 - Frequência de V SN segundo a Transitividade do verbo, nos três *corpora* analisados

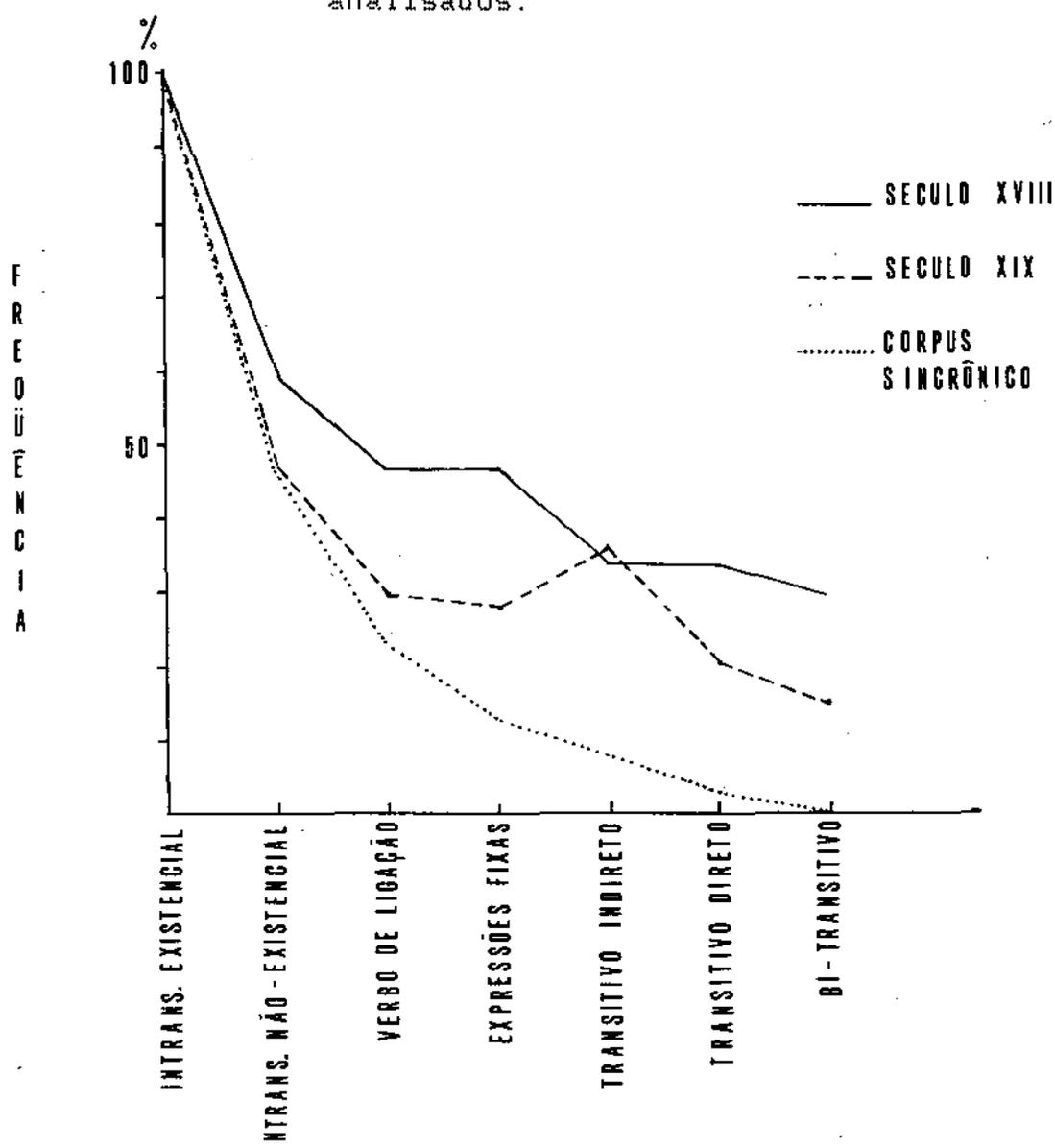
<i>corpus</i>	XVIII		XIX		XX	
	%	N	%	N	%	N
transiti- vidade						
intransitivo existencial	100%	14/14	97%	30/31	99%	322/326
intransitivo não-existen- cial	59%	40/68	47%	36/76	46%	127/272
verbo de ligação	47%	67/144	30%	40/133	23%	107/456
expressão fixa	47%	16/34	28%	9/32	13%	10/76
transitivo indireto	34%	27/79	36%	33/91	8%	8/91
transitivo direto	34%	40/118	21%	20/96	3%	11/343
bi-transi- tivo	30%	13/43	15%	6/41	0%	0/22

Os percentuais obtidos para o século XVIII mostram que já existiam diferenciações entre os vários tipos de verbo, mas que eram muito menos acentuadas que no *corpus* síncronico. Comparativamente, os resultados de verbos transitivos (sejam indiretos, diretos ou bi-transitivos) são altos no *corpus* do século XVIII. Além disso é possível pensar no comportamento dos transitivos como o de um grupo relativamente homogêneo. Sua relação com Status informacional do SN, descrita acima, comprova essa idéia. As distinções começam a ficar mais marcadas no *corpus* do século XIX (principalmente no interior do grupo dos transitivos e em sua relação com os demais), para, fi-

nalmente, comporem uma escala bem definida em sua associação com V SN, no *corpus* sincrônico.

Quando se compara o processo individual de cada sub-fator, conclui-se que as diferenças não estão apenas no modo como o fator se organiza internamente em cada momento da análise. A figura 6.1 ilustra o caminho percorrido pelos sub-fatores e revela essas discrepâncias.

Figura 6.1 - Frequência de V SN segundo a Transi-
tividade do verbo, nos três *corpora*
analisados.



Percebe-se claramente pelo gráfico que entre o momento 1 (século XVIII) e o 2 (século XIX) as diminuições de frequência de V SN ocorrem de modo mais ou menos uniforme para os sub-fatores (exceção feita a intransitivo existencial, cuja natureza diferenciada já foi motivo de discussão anterior - item 2.5 e Capítulo III -, e a transitivo indireto). A passagem de 2 para 3, no entanto, evidencia diferenças no comportamento de cada tipo de verbo frente à mudança: com verbos intransitivos simplesmente não há variação de frequência; essa aparece com verbo de ligação e cresce à medida que os contextos passam a ser relativamente "mais transitivos".

Os demais fatores selecionados para cada *corpus* se associam ao encaminhamento funcional > formal assumido pela mudança como os ramos de uma árvore se ligam ao seu tronco: constituem extensões, particularizações desse, mas em última análise, nele já estavam contidos. A presença da distinção aspectual operação/resultado no *corpus* do século XVIII se explica, a meu ver, por uma certa "duplicidade" própria do fator: caracterizando o enunciado, a distinção revela uma natureza funcional (discursiva), o que a aproxima, pela semelhança de escopo, de Status informacional do SN; por outro lado, é indiscutível que, em boa parte, a definição do aspecto expresso em um enunciado se dá a partir do verbo-predicador nele atualizado. Esse dado salienta a relação que o fator mantém com Tipo de predicador, que irá constituir a contribuição do par aspectual à explicação do fenômeno nos dois outros momentos analisados.

A relevância do fator Estatuto da oração para o *corpus* do século XIX reflete o caráter intermediário desse momento. É a partir daí que o processo de formalização do fenômeno se intensifica e a mudança se contextualiza. Levando-se em conta a natureza mais "conservadora" das orações subordinadas, era esperada uma frequência maior de V SN nesse contexto. É especialmente nesse ponto da análise, em que os princípios regentes da mudança apenas começam a se definir. A comparação dos resultados do fator para os três *corpora* ressalta sua importância para o *corpus* do século XIX (tabela 6.6):

Tabela 6.6 - Frequência e probabilidade de V SN segundo o Estatuto da oração, nos três *corpora* analisados.

<i>corpus</i>	XVIII		XIX		XX	
	%	prob.	%	prob.	%	prob.
estatuto da oração						
oração subordinada	43%	0.55	36%	0.59	24%	0.53
oração independente	41%	0.45	28%	0.41	20%	0.47

Como se vê, é apenas no momento 2 que se pode falar em uma distinção real entre orações subordinadas e orações independentes.

Quanto à seleção de Animacidade do SN para o *corpus* sincrônico, creio que a discussão desenvolvida nos capítulos IV e V (itens 4.2 e 5.4, respectivamente) já demonstrou que sua importância se deve a sua vinculação ao fator de-

terminante do fenômeno nesse momento da análise: a natureza do verbo-predicador. A animacidade do SN é um dos traços especificados pela grade temática do verbo. Portanto, sua relevância não é própria, mas derivada dessa relação.

A presença de Concordância verbal entre os fatores mais relevantes para o fenômeno no *corpus* sincrônico também se explica por associação ao verbo, embora não mantenha com ele a mesma relação de implicação que o fator Animacidade. A questão da concordância constitui, por si só, um fenômeno de variação no português do Brasil. A falta de dados de ausência de concordância nos *corpora* históricos já estava prevista, não só porque esse é um caso relativamente recente de variação na língua, mas também, e principalmente, pela própria natureza do material analisado, inerentemente "enviesado" pela escrita. Por outro lado, essa natureza variável problematiza a relação com o fenômeno da ordem, pois se pode questionar se realmente há interferência por parte da Concordância ou se, ao contrário, essa variável está sendo influenciada pelos princípios regentes da ordem. Pelo menos no que diz respeito ao *corpus* considerado nesse estudo, a natureza do verbo apresenta correspondências significativas com a Concordância verbal (tabela 6.7):

Tabela 6.7 - Resultados de frequência de V SN a partir do cruzamento de Concordância verbal e Transitividade do verbo, no corpus sincrônico.

concordância \ transitividade	ausência (94%)	presença (20%)
intransitivo não-existencial (46%)	100%	44%
verbo de ligação (23%)	-	23%
expressão fixa (13%)	-	14%
transitivo indireto (8%)	-	7%
transitivo direto (3%)	-	4%
bi-transitivo (0%)	-	0%

O fato de ausência co-ocorrer significativamente apenas com intransitivo não-existencial, levando-se em conta a forte associação que esse tipo de verbo mantém com V SN, sugere que é essa característica do predicator (e não a ausência de concordância verbal) a responsável pela definição da ordem. Isso fica bastante claro quando se observa que tipos de predicator caracterizam esses casos de ausência: em 12 ocorrências com verbos intransitivos, 11 (92%) se deram em construções inacusativas, em que o SN [não-agente] funciona como objeto inacusativo. Essa relação entre o verbo e seu argu-

mento pode explicar porque a concordância não foi ativada. Des-
ses 11 casos, 9 ocorreram com intransitivos de mudança pontual
e de estado, os mais fortemente associados a V SN. A relação
entre Transitividade e presença de concordância vem reforçar
tal constatação, já que nesse caso ocorre a reprodução fiel dos
percentuais de Transitividade.

O único fator selecionado para os três cor-
pora - Realização do SN - possui em todos o mesmo grau de rele-
vância e, portanto, não contribui para a distinção dos momentos
analisados. Embora se observem algumas variações entre os re-
sultados de seus sub-fatores nesse intervalo de 200 anos, as
mais significativas ocorrem com as realizações que denominei
genericamente "nominais". SNs oracionais, de um lado, e nomes
próprios e construções com pronome possessivo, de outro, res-
pectivamente os contextos mais e menos "favoráveis" a V SN,
mantêm sua situação. A discussão em 4.1 já se deteve nos pri-
meiros. Quanto aos segundos, o resultado não surpreende. Bit-
tencourt (1979) e Lira (1982) já apontam a incompatibilidade de
V SN com nomes próprios e (determinante) + possessivo + N (3).
É interessante observar que, em termos de referência, esses ti-
pos de realização agem como verdadeiros pronomes pessoais: fora
de contexto são vazios, constituem rótulos que afixamos em um
ou outro referente e que só nesse momento adquirem especifici-
dade. Considerados em contexto, porém, são altamente definidos,
e, em geral, seu referente já foi mencionado anteriormente ou
pode ser inferível do discurso. Tais características estão ti-
picamente associadas a SN V, o que explica os resultados baixos

de V SN com essas realizações.

Considerando-se, então, que a diminuição da produtividade geral de V SN e o conseqüente aumento da ocorrência de SN V são efeito de uma reanálise dos fatores explicativos do fenômeno, que se caracteriza pela passagem gradual de uma orientação funcional para uma de natureza formal, resta descobrir as motivações que subjazem a uma tal mudança. Que princípios, que forças teriam agido nessa "formalização" do fenômeno?

6.3 Por que está se dando a mudança - o encaixamento

Ainda em "Syntactic Reanalysis", Langacker afirma que

"Especificamente, uma reanálise ocorre em resposta a um conjunto particular de fatores presente numa determinada classe de expressões; ela resolve certas pressões estruturais ou explora o potencial estrutural daquelas expressões". (4)

A análise dos fatores associados ao fenômeno da ordem revelou que a tensão entre as duas possibilidades de ordenação já existia, potencialmente, no momento 1. O grau de probabilidade de ocorrência de V SN com um dado verbo sempre esteve associado ao grau de possível ambigüidade dessa construção, numa relação inversamente proporcional: quanto maior é a chance de o SN ser interpretado com uma função que não a de argumento externo (principal) de V, menor é a probabilidade de

que ele ocorra em V SN, e vice-versa. Por uma decorrência natural desse princípio, verbos-predicadores com mais de um argumento sempre foram os mais avessos a V SN. Nesse tipo de construção, existe uma possibilidade grande de que um SN posposto ao qual se deveria atribuir função-sujeito, seja percebido como objeto. É claro que essa possibilidade varia de acordo com as relações específicas de cada predicador e seus argumentos. As poucas ocorrências de V SN com verbos transitivos no *corpus* sincrônico normalmente se deram com verbos do dizer, em que há uma distinção muito marcada entre o tipo de SN que pode desempenhar a função-sujeito e aquele que pode funcionar como objeto (5). De um modo geral, porém, o posicionamento dos constituintes é tomado como uma das características indicativas de sua função, nesse tipo de construção: talvez como a principal delas.

Apesar disso, os verbos transitivos apresentam percentuais relativamente altos de V SN nos *corpora* do século XVIII e XIX em oposição aos resultados "desfavoráveis" observados no *corpus* sincrônico. O contraste faz crer que os riscos de ambigüidade em construções transitivas com SN posposto cresceu muito nesse intervalo de tempo, restringindo a ocorrência de V SN a poucos contextos. Portanto, algum tipo de pressão estrutural deve ter agido nesse sentido.

As descobertas de Tarallo (1983) - *Relativization strategies in Brazilian Portuguese* - são particularmente significativas para a compreensão desse fenômeno. Em

um dos momentos de seu estudo, o autor analisa as estratégias de pronominalização no português do Brasil e comprova que a retenção pronominal em objetos diretos sofreu um decréscimo acentuado de frequência, ao longo dos cinco períodos históricos por ele considerados:

Tabela 6.8 - Frequência da retenção de objeto direto anafórico em cinco momentos históricos.

<i>corpus</i>	%
I.1ª metade do século XVIII	89,2%
II.2ª metade do século XVIII	76,2%
III.1ª metade do século XIX	83,7%
IV.2ª metade do século XIX	60,2%
V. <i>corpus</i> sincrônico (1982)	18,0%

(extraído de Tarallo, 1983, pp.166 e 193)

Note-se que essa diminuição, esboçada entre os momentos II e III, intensifica-se entre o III e o IV e resulta em um percentual bastante baixo no *corpus* sincrônico. Os dados revelam, por dedução, um aumento crescente do apagamento do objeto direto anafórico e a predominância dessa regra no *corpus* sincrônico.

A baixa frequência do uso de clíticos acusativos no português do Brasil já é apontada por Omena (1978), que não registrou qualquer ocorrência desse tipo em seu *corpus* (6). Para seus dados, o objeto vazio constitui a regra mais produtiva, correspondendo a 76% dos casos analisados. Também é o que revela o estudo de Duarte (1986): em 1974 dados, 62,6%

eram o que ela denominou categoria vazia, enquanto apenas 4,9% das ocorrências foram preenchidas por clíticos. O pronome lexical ocupa uma posição intermediária nos resultados desses dois estudos, mas sempre com percentuais baixos: 24% no primeiro; 15,4% no último.

Como se vê, há convergência e complementação nas conclusões dos três autores: o decréscimo do uso de pronomes e o paralelo aumento da ocorrência de objeto vazio ao longo de dois séculos, relatados por Tarallo (1983), confirmam e são confirmados pelo quadro sincrônico de baixíssima frequência de clíticos e alta ocorrência de objeto vazio que Omena (1978) e Duarte (1986) apresentam.

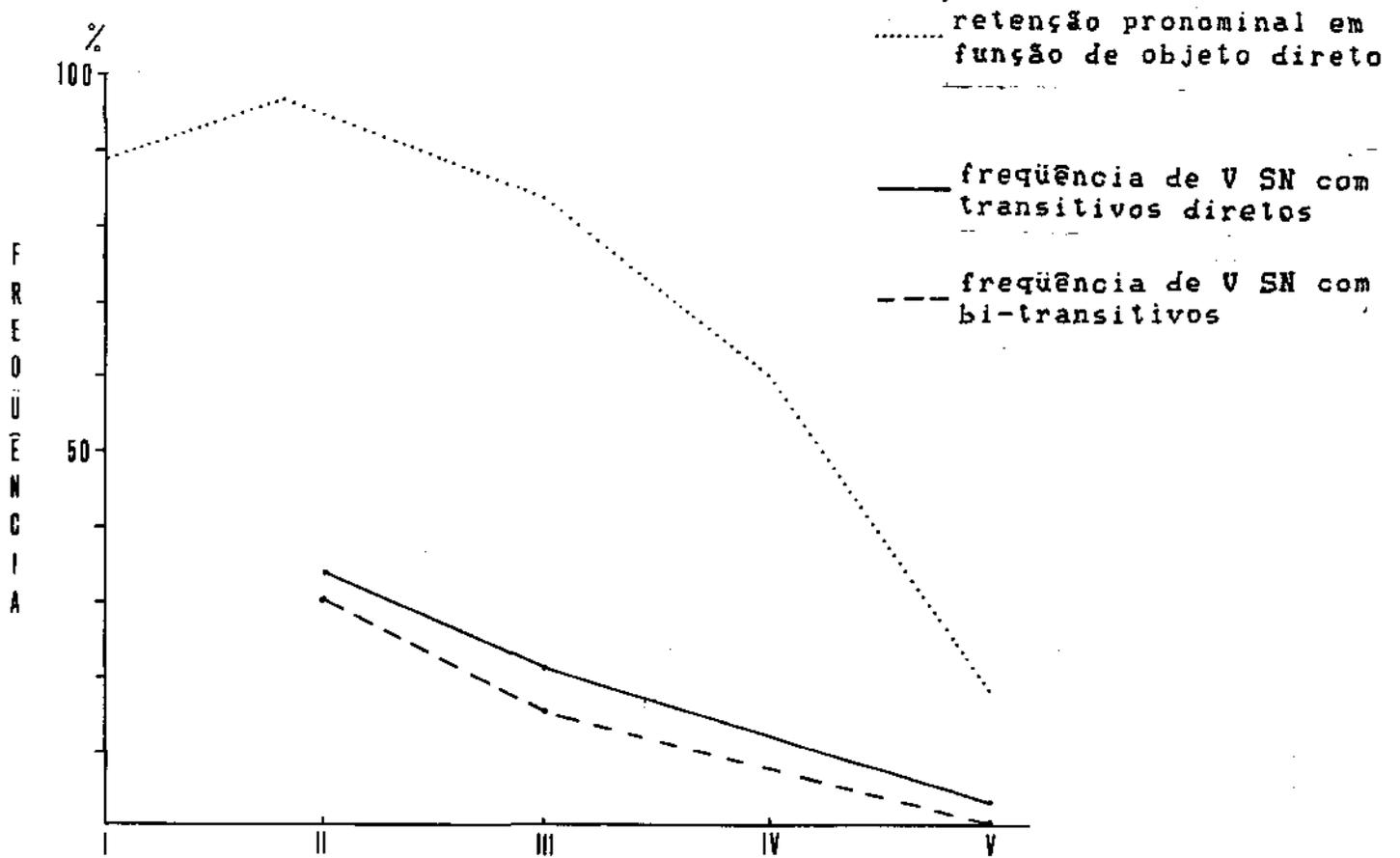
É fácil perceber a relevância desses resultados para a questão proposta. Comparem-se os resultados de Tarallo aos que se obteve para V SN de acordo com o fator Transitividade do verbo, nos três momentos da análise, como exposto na tabela 6.5. Para comodidade de leitura, reproduzo essa tabela aqui como 6.9. (ver também a figura 6.1)

Tabela 6.9 - Resultados de frequência de V SN segundo a Transitividade do verbo, nos três *corpora* analisados.

<i>corpus</i>	XVIII		XIX		XX	
	%	N	%	N	%	N
transitividade						
intransitivo existencial	100%	14/14	97%	30/31	99%	322/326
intransitivo não-existencial	59%	40/68	47%	36/76	46%	127/272
verbo de ligação	47%	67/144	30%	40/133	23%	107/456
expressão fixa	47%	16/34	28%	9/32	13%	10/76
transitivo indireto	34%	27/79	36%	33/91	8%	8/91
transitivo direto	34%	40/118	21%	20/96	3%	11/343
bi-transitivo	30%	13/43	15%	6/41	0%	0/22

Com exceção de intransitivo existencial todos os sub-fatores apresentam decréscimo na frequência de V SN. Mas, como já foi apontado anteriormente, essa diminuição não ocorre de maneira uniforme. Ela é particularmente acentuada entre os verbos transitivos, o que vem de encontro às conclusões de Omena, Tarallo e Duarte. A figura 6.2 compara o trajeto da retenção pronominal em função de objeto direto (segundo Tarallo) com a frequência de V SN para verbos transitivos. Os três momentos considerados nesse estudo correspondem aos momentos II, III e V da análise de Tarallo.

Figura 6.2 - Frequência de retenção pronominal em função de objeto direto comparada à frequência de V SN com verbos transitivos diretos e bi-transitivos, ao longo de cinco momentos históricos.



A semelhança de comportamento dos dois fenômenos é evidente. As pequenas alterações verificadas entre os momentos II e III transformam-se num movimento descendente acentuado entre III e V, para ambas as variáveis.

Os resultados de Omena (1978) e Duarte (1986) mostram que os baixos percentuais de retenção pronominal em função de objeto dizem respeito especialmente à ocorrência de clíticos. Sabe-se que uma das principais características do

clítico é a marca do caso que ele deve necessariamente receber. Franchi e Ilari (1986:84), em estudo sobre os clíticos nominativos em Bielês, reportam-se a Borer (1981), segundo a qual

"...clíticos são meras manifestações fonéticas de 'slots' temáticos do verbo; eles são coindexados com os argumentos, de que recebem os traços de pessoa, número e gênero e um caráter quase nominal".

e acrescentam que essa manifestação só pode se dar se o 'slot' temático "...recebe diretamente um caso". É possível pensar, então, que uma língua com um sistema clítico rico e produtivo na fala permite uma liberdade maior na ordenação dos constituintes na sentença: quando os constituintes são atualizados na forma de clíticos, a probabilidade de que a construção resulte ambígua diminui muito, uma vez que sua função sintática fica evidente. Isso seria particularmente válido para o português, já que o caso acusativo implica em uma realização morfológica específica.

A correlação dos fenômenos de retenção pronominal e de V SN com verbos transitivos indica que quando o clítico acusativo ainda constituía uma estratégia bastante produtiva na língua (século XVIII), o SN posposto corria um risco menor de ser interpretado como objeto de uma construção transitiva justamente porque esse último era normalmente atualizado na forma de clítico. À medida que esse recurso foi se tornando cada vez menos freqüente, foi necessário que algum outro garantisse a recuperação das funções dos constituintes. Foi preciso

que a ordem relativa desses se "enrijecesse" para servir de parâmetro de interpretação. Isso também explica a diferença de comportamento (ainda que pequena) verificada entre transitivo indireto e transitivo direto. Como no primeiro sobrevive uma indicação de caso na preposição que liga o objeto ao verbo, a ambigüidade potencial de V SN se reduz.

Também o paralelo aumento da freqüência de objeto vazio na passagem de um momento a outro e a sua atual predominância sobre as demais estratégias de pronominalização contribui para o "enrijecimento" da ordem em SN V. Nas estruturas em que a função-objeto está "ocupada" por uma categoria vazia, relevadas as restrições particulares do verbo, é possível que o SN posposto gere uma construção ambígua, sendo percebido como objeto de um verbo com sujeito nulo.

Por outro lado, em construções intransitivas, a possível ambigüidade de V SN é muito menor, dependendo da natureza do predicador. As tabelas 6.10 e 6.11 apresentam os resultados do cruzamento de Transitividade do verbo e Tipo de predicador para os *corpora* dos séculos XVIII e XIX. A distribuição espelha, com pequenas diferenças, o quadro obtido para o *corpus* sincrônico (tabela 2.14) que reproduzo aqui como 6.12.

Tabela 6.10 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Transitividade do verbo e Tipo de predicador, no *corpus* do século XVIII

tipo de predicador	mudança pontual (59%)	estado (40%)	processo (21%)	ação (47%)	ação processo (34%)
transitividade do verbo					
intransitivo existencial (100%)	-	93%	-	-	-
intransitivo não-existencial (59%)	73%	67%	19%	58%	-
verbo de ligação (47%)	-	45%	-	-	-
expressão fixa (47%)	-	33%	-	-	-
transitivo indireto (34%)	41%	29%	-	44%	-
transitivo direto (34%)	-	31%	-	43%	41%
bi-transitivo (30%)	-	-	-	50%	22%

Tabela 6.11 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Transitividade do verbo e Tipo de predicador, no *corpus* do século XIX

tipo de predicador	mudança pontual (47%)	estado (30%)	processo (30%)	ação (31%)	ação processo (13%)
transitividade do verbo					
intransitivo existencial (97%)	-	97%	-	-	-
intransitivo não-existencial (47%)	57%	25%	20%	50%	-
verbo de ligação (30%)	-	29,5%	-	-	-
expressão fixa (28%)	45%	-	-	-	-
transitivo indireto (36%)	33%	47%	-	26%	-
transitivo direto (21%)	-	12%	-	30%	8%
bi-transitivo (15%)	-	-	-	33%	8%

Tabela 6.12 - Frequência de V SN a partir do cruzamento de Transitividade do verbo e Tipo de predicador, no *corpus* sincrônico.

tipo de predicador	mudança pontual (49%)	estado (21%)	processo (20%)	ação (13%)	ação processo (4%)
transitividade do verbo					
intransitivo existencial (99%)	-	99%	-	-	-
intransitivo não-existencial (46%)	58,6%	60,4%	29%	26%	-
verbo de ligação (23%)	-	23%	-	-	-
expressão fixa (13%)	-	20%	-	-	-
transitivo indireto (8%)	-	3,5%	-	12%	-
transitivo direto (3%)	0%	1%	0%	8%	2%
bi-transitivo (0%)	-	-	-	-	-

A co-ocorrência absoluta de intransitivo existencial e predicador de estado, dos transitivos com ação-processo e de verbo de ligação com estado representam alguns dos pontos de contato entre os três momentos analisados.

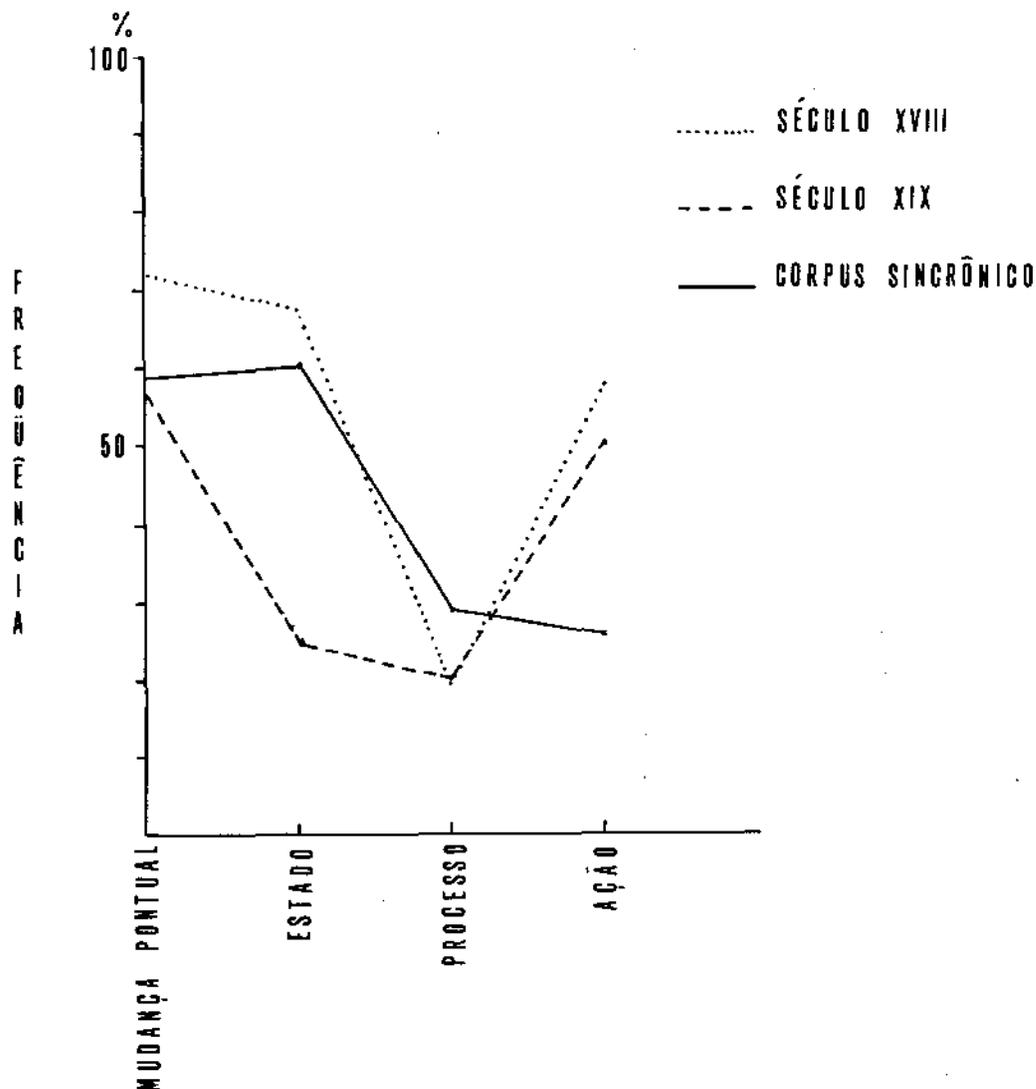
Especificamente em relação a intransitivo não-existencial (7), destacam-se os casos de mudança pontual como aqueles mais fortemente associados a V SN e os de processo como os menos propícios a essa ordenação. Isso vem de encontro ao que se observa para o *corpus* sincrônico.

Contrastando com essa convergência, verifica-se que os intransitivos de ação apresentam uma frequência relativamente alta de V SN nos *corpora* dos séculos XVIII e XIX, ao contrário do que se obteve para o *corpus* sincrônico.

Causa estranheza ainda o resultado de intransitivos de estado no *corpus* do século XIX. A expectativa de um percentual mais alto de V SN, gerada com base em seu comportamento no *corpus* sincrônico, é frustrada. É possível que algum outro fator, não avaliado, esteja interferindo nesse resultado.

A representação desses dados na figura 6.3 mostra que semelhanças e diferenças levam a conclusões igualmente interessantes sobre o caminho da mudança.

Figura 6.3 - Frequência de V SN segundo o tipo de verbo intransitivo não-existencial, nos três *corpora* analisados.



Há constância no comportamento de intransitivos de mudança pontual e de intransitivos de processo, o que indica que o princípio subjacente aos resultados se manteve inalterado ao longo desses dois séculos. O risco de ambigüidade, proposto como explicação para os baixos percentuais de V SN com intransitivos de processo, atua do mesmo modo nos três *corpora*. A ausência desse obstáculo permite que os intransitivos de mudança pontual se associem mais fortemente a V SN.

A mesma ausência potencial de ambigüidade qualifica os intransitivos de ação e explica, a meu ver, os resultados obtidos para os séculos XVIII e XIX. A variação observada entre esse último momento e o *corpus* sincrônico deve estar vinculada ao movimento geral para SN V. Como esses predicadores podem ser considerados os menos intransitivos do grupo, já que seu SN é necessariamente agentivo, teriam sido os primeiros a sofrer as pressões estruturais na direção de SN V.

6.4. O fenômeno e a teoria da variação e mudança

Ao citar Soares Barbosa e Eunice Pontes no início desse capítulo, não pretendia apenas salientar as diferenças que os dois textos evidenciavam, estabelecendo assim a situação de V SN em dois momentos bem distintos. Desejava ilustrar a lacuna existente entre os dois momentos e propôr uma possibilidade de preenchê-la.

Optando pelo modelo de análise lingüística desenvolvido por William Labov, assumi o pressuposto de que a mudança deve ser entendida como processo. Mudanças completas simplesmente representam o estágio final de um caminho mais ou menos longo constituído de várias outras etapas. O objetivo fundamental dessa abordagem é recuperar a ordem dinâmica do fenômeno lingüístico e isso implica em entender que princípios regem a mudança (condicionadores), como ela se dá (transição) e

por que ela ocorre (encaixamento).

As conclusões da presente análise vem de encontro aos pressupostos e à proposta metodológica desse modelo. Pela comparação dos três momentos da língua, foi possível caracterizar o caminho percorrido pelo fenômeno. Verificou-se que em cada um dos *corpora* a "variação" apresenta uma estrutura própria e que a passagem de um a outro revela as mudanças nessa organização como causas das modificações percebidas na alternância V SN/ SN V.

A noção de que todo fenômeno está encaixado em uma matriz lingüística e que as mudanças em um ponto dessa estrutura naturalmente terão conseqüências sobre os demais não é ratificada apenas pelo elencamento dos princípios que regem o fenômeno V SN. Também a associação desse processo específico com um outro - a situação do sistema pronominal acusativo no português do Brasil - veio mais uma vez comprovar a idéia de encaixamento lingüístico.

Concluindo, portanto, os fatos discutidos nesse capítulo representam exemplos concretos dos pressupostos centrais da "teoria da variação e mudança lingüísticas", ao mostrar que o aparente "caos" esconde um sistema delicada e engenhosamente articulado. Um sistema que, embora inerentemente mutável, consegue manter sua função comunicativa, na medida em que a mudança se dá lentamente, como um processo gradual de adaptação do sistema.

Nessa viagem de ida e volta entre presente e passado, a lacuna se preenche, ligando os pontos de partida e de chegada. Talvez ainda mais importante que isso, a "viagem" reinsere o fenômeno da ordem no quadro mais amplo da história da língua: um fluir incessante que fará do presente, passado; e do futuro, presente.

Notas do Capítulo VI

(1) Labov, 1975, On the use of the present to explain the past. p.829.

(2) LANGACKER, R. 1977. Syntactic Reanalysis. In Charles N. Li (ed.). Mechanisms of Syntactic Change. Austin: University of Texas Press, 1977. p.58.

(3) BITTENCOURT, 1979, pp.79-81 e LI-RA, 1982, p.178.

(4) LANGACKER, 1977, op.cit. p.96.

(5) Exemplo disso são os seguintes dados:

Que não seja por falta de cliente. A gente arranja. Mas como diz a Ivani: a gente perde tanto cliente no começo de... (...)

(19-19:135)

Mas você vê, diz o Barney (lá na dele) que tem certos músculos que se contraem, (...)

(5-5:1182)

Não dá. Realmente. é como diz uma amiga: depois que você come pão-de-ló, comer como é que ela fala - comer, comer bolo de fubá, não tem condições.

(16-16:293)

Que nem dizia o Marcos: por que no Lins de Vasconcelos.../Não pegaram o Marcos, que é professor de História. O Marcos tá dando aula no Santa Maria, gente.

(19-19:713)

Note-se que esse tipo de construção tem uma certa rigidez, sendo comum quando o discurso de outro é citado. Em sua *Sintaxe Histórica Portuguesa* (1917:310), Epiphânio Dias afirma que V S é normal "...em orações intercaladas que se referem ao discurso de alguém". Apesar de os exemplos citados não constituírem orações intercaladas, não há dúvida de que introduzem a fala de um terceiro. Pode-se dizer que representam resíduos de momentos em que a língua possuía maior flexibilidade de ordenação.

(6) O *corpus* analisado por Omena compôs-se de 24 horas de gravação de fala de quatro alunos do MOBREAL, residentes no Rio de Janeiro.

(7) Os resultados obtidos para o cruzamento de intransitivo não-existencial com predicador de estado, no *corpus* do século XVIII e de predicador de ação com intransitivo não-existencial com bi-transitivo, no *corpus* do século XIX, baseiam-se em uma quantidade muito pequena de dados (10 ocorrências). Tendo estabelecido como significativos apenas as células preenchidas com mais de dez dados (ver nota 3, cap.2), justifico a inclusão desses percentuais com fins especulativos. A comparação dos resultados entre os três momentos, apesar das ressalvas à validade de tais percentuais, pareceu-me sugestiva. Fica para uma investigação posterior a comprovação ou não das tendências verificadas, por meio da análise de um volume maior de ocorrências.

CONCLUSÃO

Dois objetivos básicos nortearam essa pesquisa: caracterizar o fenômeno V SN no sistema do português do Brasil e determinar um possível caminho de mudança pelo qual o fenômeno teria passado ao longo de dois séculos. Os resultados obtidos, aqui descritos e discutidos, não esgotaram, naturalmente, a questão; mas acrescentaram informações significativas ao conhecimento desse "objeto".

A hipótese de que a ordem de constituintes se associa a princípios de natureza variada que mantêm relações específicas entre si, foi corroborada. O desnudamento dessas relações revelou uma certa hierarquia entre os princípios em cada um dos momentos considerados.

A análise do *corpus* sincrônico mostrou que o verbo-predicador constitui o elemento central na definição da ordem dentro da sentença, no momento presente. Ao projetar em sua grade temática a especificidade de seus argumentos, ele indiretamente estabelece as possibilidades de ordenação do SN em relação a si próprio.

Essas possibilidades variam numa relação proporcionalmente inversa ao grau de ambigüidade que cada configuração guarda: quanto maior for o risco de o SN ser interpretado com um função sintática que não a de argumento principal de V, menor será sua chance de ocorrer posposto ao verbo. Em termos de caracterização sintática do verbo, isso ficou

evidente pelo modo como o V SN se associa com a escala de transitividade, sendo comum com verbos intransitivos e ocorrendo com frequência gradualmente menor à medida que os contextos se tornam mais transitivos.

Quanto ao SN, as características selecionadas como relevantes não estabelecem com a ordem uma associação direta, mas sim derivada da relação que mantém com o verbo-predicador, na condição de argumento especificado por ele. Nesse sentido, verifica-se também que a escala de "sujeitividade", sugerida pela proposta de Keenan (1976), acaba refletindo a de transitividade: verbos relativamente menos transitivos selecionam argumentos externos com graus relativamente mais baixos de "sujeitividade", e vice-versa.

A análise dos dois *corpora* históricos vem de encontro às descobertas realizadas para o *corpus* sincrônico, no sentido de que também revela as relações existentes entre os princípios associados à ordem. No entanto, mostra que em cada momento, um conjunto diferente de princípios se liga à ordenação de constituintes. É que mesmo aqueles que estão associados ao fenômeno em mais de um momento, mantêm entre si relações diversas em cada *corpus* e, similarmente, relações diversas com a ordem.

Essa comparação dos três *corpora* permitiu que se delineasse o caminho percorrido por V SN (e, por extensão, pela ordem de constituintes) em dois séculos. Algumas importantes conclusões foram abstraídas dos resultados. Primeiramente, verificou-se que o processo por que passa o fenômeno da

ordem se caracteriza por um decréscimo gradual da frequência de V SN e por um paralelo enrijecimento da língua em SN V.

Tal mudança quantitativa está associada a uma qualitativa: de uma orientação mais funcional, em que a ordem era definida basicamente pelo status informacional do SN (século XVIII), o fenômeno passa a uma orientação mais formal, centrada no verbo (momento presente). A gradação de "novidade" do referente do SN no discurso ainda apresenta uma associação significativa com a ordem no *corpus* sincrônico, mas sempre submissa às determinações do verbo. Sua atuação se dá num segundo momento, após as restrições definidas pelo predicador.

Finalmente, observa-se que essa formalização encontra uma de suas motivações no quase desaparecimento das formas do clítico acusativo no português do Brasil. Esse recurso anafórico, muito produtivo no século XVIII, sofreu um decréscimo surpreendente de frequência de uso nos dois séculos seguintes. Se antes V SN podia contar com esse recurso desambiguador de funções sintáticas, agora apenas depende da especificidade de seus constituintes para evitar uma construção ambígua. O que nem sempre é suficiente. Por isso a preferência por SN V, em que a própria posição do SN indica seu estatuto sintático.

Em todos os três momentos analisados, os respectivos princípios associados à ordem se ligaram a V SN e a SN V por traços opostos, como sugerem os estudos já desenvolvidos sobre o tema, comentados na Introdução dessa dissertação. Fica, assim, confirmada a complementaridade dessas duas ordena-

ções e, conseqüentemente, a inadequação de uma proposta de variação *stricto sensu* para o fenômeno.

O processo por que passou a ordem de constituintes no intervalo de dois séculos e sua atual situação sugerem algumas possibilidades de encaminhamento futuro que, naturalmente, apenas investigações posteriores poderão comprovar ou desmentir.

Se a tendência crescente ao enrijecimento em SN V persistir, é de se esperar que ela abarque progressivamente mais e mais contextos que antes se caracterizavam por uma associação forte com V SN. A mudança pode se dar de duas formas básicas:

- 1) pela simples anteposição do SN ou
- 2) pela manutenção de V SN com o aparecimento de um sujeito expletivo, que recuperaria uma ordem superficial SN V.

Em "Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects", Kato e Tarallo (no prelo) comparam construções como:

- 12) b. *Ø tá pronto o vestido azul.*
c. *Ele tá pronto o vestido azul.*
- 13) a. *O cliente telefonou.*
b. *Ele telefonou, o cliente.*

- 14) a. O cliente falou comigo.
 b. Ele falou comigo, o cliente.

(.....)

- 17) a. O cliente, \emptyset já chegou.
 b. O cliente, ele já chegou."

Nesses quatro casos, o fato de o SN estar fora de sua posição "básica" (anteposto ao verbo, em 12 (b) e (c), 13 (b) e 14 (b); e posposto ao verbo (1), em 17 (a) e (b)) motivaria o aparecimento de um pronome resumptivo em função-sujeito, reestabelecendo assim a ordem SN V. É importante observar que não se alteram as relações semânticas dos SNs com o verbo, uma vez que estão coindexados ao pronome. Nesse sentido, o pronome se aproxima muito do que se considera um expletivo. Seria interessante e necessário avaliar a produtividade dessa estratégia na língua falada.

Outro caso de aparecimento de sujeito expletivo já foi relatado no capítulo III : a presença do você genérico em função-sujeito, junto ao verbo ter existencial. É tentativo fazer previsões sobre o encaminhamento desse processo, mas não há dúvida de que a observação do fenômeno pode resultar em descobertas significativas.

Uma outra hipótese sobre o futuro de V SN seria de que haja uma estabilização da ordem em relação aos verbos intransitivos. Considerando que as variações para esses verbos foram relativamente pequenas no intervalo de tempo analisado e que deve haver outro fator determinando a opção (principalmente nos casos de estado e mudança pontual), talvez o movimento para SN V seja barrado nesses contextos. A distinção

construção predicativa/construção apresentativa, defendida por Nascimento (1984) para o português do Brasil, poderia continuar atuando e determinando a manutenção de V SN.

Além dessas novas possibilidades de enfoque do fenômeno, creio que uma investigação diacrônica sobre a ocorrência de tópicos no português do Brasil poderia contribuir em muito para uma melhor compreensão do processo de "enrijecimento" da ordem.

Por fim, minha análise deixa pelo menos mais duas questões em aberto: a avaliação do processo por parte da comunidade linguística e a comparação entre a situação do fenômeno da ordem nos sistemas do português do Brasil e de Portugal.

Como se vê, muito ainda há para investigar e descobrir sobre a ordem de constituintes e, por meio desse fenômeno específico, sobre a língua portuguesa. Ciente das limitações dessa análise, sinto-me, no entanto, recompensada por acreditar que ela acrescentou um passo na compreensão do funcionamento do sistema do português.

Notas da Conclusão

(1) Kato e Tarallo (no prelo) classificam chegar como um dos verbos que ocorrem em construções inacusativas. Nesses casos, o SN é argumento interno do verbo e, portanto, sua posição original é a imediatamente posterior a ele. Sua anteposição, como o nome indica, sugere um movimento para a esquerda. Sendo o SN um objeto inacusativo do verbo, não poderá ocupar a posição do argumento externo, que ficará vazia. Ele vai se alocar na posição não-argumental de tópico, abrindo espaço ao surgimento de um pronome resumptivo (expletivo) com a função de sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Napoleão M. de. 1973, Gramática Metódica da Língua Portuguesa. 24 ed. São Paulo: Edição Saraiva.
- ANDRADE, Rosane e Dercir F. de Oliveira. Os verbos copulativos. In: Ataliba T. Castilho, A ordem do sujeito nominal no português culto falado em São Paulo, (versão preliminar). Campinas.
- AZEVEDO, José A.M. de (cop. e anotador). 1945, Documentos do Arquivo da Casa dos Contos (Minas Gerais). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- AZEVEDO, Vicente de. 1976. Cartas de Álvares de Azevedo. São Paulo: Academia Paulista de Letras.
- BARBOZA, Jeronymo Soares. 1803. Grammatica philosophica da lingua portugueza, ou Principios de grammatica geral applicada à nossa linguagem. 2 ed. Lisboa: Acad. Real de Sciencias, 1830.
- BENTIVOGLIO, Paola & Francesco D'Introno. 1978, Orden de palabras y posición del sujeto en el español de Caracas. (mimeo).
- BENTIVOGLIO, Paola. 1984 (en prensa), La posición del sujeto en el español de Caracas: un análisis de los factores lingüísticos y extralingüísticos, in R.M. Hammond & M.C. Resnick (eds.), Studies in Caribbean Spanish Dialectology. Washington, D C: Georgetown University Press.
- BILBERT, J.G. & P.T. Gallembeck. 1987, Os verbos existenciais. In: Ataliba J. Castilho (org.) A ordem no sujeito nominal no português culto falado em São Paulo (versão preliminar). Campinas.
- BORER, H. 1981, Parametric Variation in Clitic Constructions. Ph. D. thesis, MIT.
- CARNEIRO, David A. 1904. Casos e coisas da História Nacional. Rio de Janeiro: Alba, 1934.
- CASTILHO, Ataliba T. 1968, Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. Marília: Fac. de Filos., Ciências e Letras.
- CASTILHO, Ataliba T. 1984, Ainda o aspecto verbal. EPA Estudos Portugueses e Africanos. IEL/Unicamp, n.º 4, pp. 9-36.

- CASTILHO, Ataliba T. (org.).1987. A ordem do sujeito nominal no português culto falado em São Paulo (versão preliminar). Campinas.
- CHAFE, Wallace.1970, Estados, processos e ações. in CHAFE,W. Significado e Estrutura Lingüística. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. pp. 95-105.
- COMRIE, Bernard.1976. Aspect. An Introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge: Cambridge University Press.
- DIAS, Augusto Epiphânio da Silva.1917. Sintaxe Histórica Portuguesa. 3 ed. Porto: Livraria Clássica Editora, 1954.
- DIK, Simon.1980. Studies in functional grammar. New York: Academic Press.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia.1986. Variação e Sintaxe: Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. Dissertação de mestrado. São Paulo: FUC/SP.
- DUTRA, Rosália.1986. The hybrid S category in Brazilian Portuguese: some implications for word order. (to appear in Studies in Language,11:1 or 2 (1987)).
- FIGUEIREDO, Cândido de.1915. Gramática Sintética da Língua Portuguêsa. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1920.
- FILLMORE, Charles J.1968. The case for case. In:E. Back & R.T. Harms. Universals in linguistic theory. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- FRANCHI, Carlos & Rodolfo Ilari.1986. Clíticos nominativos e inversão de sujeito em bielês. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada (D.E.L.T.A.). vol.II, nº 1. fev. 86. pp. 77-103.
- GIVÓN, Talmy.1977. The Drift from VSO to SVO in Biblical Hebrew: the pragmatics of tense-aspect, In: C.N. Li (ed.).1977. Mechanisms of Syntactic Change. Austin:University of Texas Press.
- GIVÓN, Talmy. 1984. Syntax. A Functional Typological Introduction. Amsterdam / Philadelphia:John Benjamins Publishing Company.

- GRIMES, Joseph. 1975. *The thread of discourse*. The Hague: Mouton.
- GRIVET, A. 1881. *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos.
- HOPFER, P. J. & S. A. Thompson. 1980. Transitivity in grammar and discourse. *Language*. 56 (2). 1980.
- KATO, Mary A. & Fernando L. Tarallo. (no prelo) Restrictive V S syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects. *Proceedings of the 34th Georgetown University Roundtable in Linguistics*. Washington, D. C.: Georgetown University Press.
- KEENAN, Edward L. 1976. Towards a universal definition of 'subject'. In: Charles Li (ed.). 1976. *Subject and Topic*. New York: Academic Press. pp. 305-33.
- LABOV, William. 1972. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LABOV, W. 1975. On the use of the present to explain the past. *Estratto de : Linguistics at the crossroads*. Liviana Editrice - Jupiter Press.
- LABOV, W. 1982. Building on Empirical Foundations. In: W. F. Lehmann & Y. Malkiel (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- LAGO, Cândido. 1932. *O que é correcto; a verdade na análise; respostas a consulentes / e / Brazil; com Z.* Rio de Janeiro: América.
- LAMEGO, Alberto. 1925. *A Terra Goitacá. À Luz de documentos inéditos. Tomo III*. Bruxelles/Paris: L'Édition D'Art Gaudio.
- LANGACKER, Ronald W. 1976. Syntactic Reanalysis. In: Charles N. Li (ed.). 1977. *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: University of Texas Press. pp. 57-139.
- LAVANDERA, Beatriz. 1978. Where does the socio-linguistic variable stop? *Language in Society*. 7. pp. 171-182.
- LAURADIO, M. do. 1972. *Cartas da Bahia 1768 - 1769*. Série de Publicações 68. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, Arquivo Nacional.

- LEMIEUX, Monique. 1986. Variation et changement en syntaxe. In: M. Lemieux & H. Cedergreen. 1986. Les tendances dynamiques du français parlé a Montréal. Québec. Tomo 2. pp.141-201.
- LIRA, Solange A. 1982. Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese. Ph.D. University of Pennsylvania:University Microfilms International.
- LYONS, John. 1968. Introdução à Lingüística Teórica; trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo:Nacional;EDUSP, 1979.
- MARCONDES, Moyses.1926. Pae e Patrono. 1859 - 1928. Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá. Rio de Janeiro:Anuário do Brasil.
- MATEUS, Maria H. M. et alii. 1983. Gramática da Língua Portuguesa. Coimbra:Livraria Almedina.
- MATHESIUŠ, V. 1911. O potenciálnosti jevu jazykových. Vestnik Král české společnosti nauk, tr. filos. - hist.,Sec. II, English translation in Vachek (1964).
apud Weinreich, U; W. Labov & M. Herzog. 1968. Empirical Foundations for a Theory of Language Change.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. 1972. História e Estrutura da Língua Portuguesa.4 ed. Rio de Janeiro:Padrão, 1985.
- NASCIMENTO, Milton do. 1984. Sur la Postposition du Sujet dans le Portugais du Brésil. Doctorat de troisième cycle. Université de Paris VIII.
- OMENA, N. P. de. 1978. Pronome Pessoal de Terceira Pessoa : Suas formas variantes em função acusativa. Dissertação de Mestrado. FUC, Rio de Janeiro.
- PERLMUTTER, D. 1976. Evidence for Subject Downgrading in Portuguese. In: J. Schmidt-Radefeldt. Readings in Portuguese Linguistics. Amsterdam:North-Holland Publishing Company.
- PERLMUTTER, D. 1978. Impersonal passive and the unaccusative hypothesis. Proceedings from the IV Annual Meeting of the BLS. pp.111-143.

- PERLMUTTER, D. 1980. Relational Grammar. In: E. A. Moravcsik & J. R. Wirth (orgs.). *Current approaches to syntax*. New York: Academic Press. (Syntax and Semantics, 13).
- PONTES, Eunice. 1982. A ordem VS em português. In: PONTES, E. 1987. *O Tópico no português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes. pp. 105-47.
- PONTES, E. 1982. A ordem VS em português: uma tentativa de explanação. In: PONTES, E. 1987. *O Tópico no português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes. pp. 149-63.
- PONTES, E. 1986. *Sujeito : da Sintaxe ao Discurso*. São Paulo: Ática; (Brasília): INL, Fundação Nacional Pró-Memória.
- PRINCE, Ellen. 1980. A Functional Syntax Approach to Text Analysis: left-dislocation and topicalization. Presented at the Symposium on Approaches to Text Analysis, University of Chicago, October 10-11, 1980.
- RODRIGUES, J.H. (org.). 1953. *Cartas ao amigo ausente*. José Maria da Silva Paranhos. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores.
- SANKOFF, David & P. Rousseau. 1973. A Method for assessing variable rule and implicational scale analysis of linguistic variation. Centre de Recherches Mathématiques. Université de Montréal.
- SANKOFF, D. 1978. Probability and Linguistic Variation. *Synthese* 37.
- SANKOFF, D. (sem data). Sociolinguistic method and linguistic theory. Centre de Recherches Mathématiques. Université de Montréal. (mimeo).
- SANKOFF, Gillian. 1974. A Quantitative paradigm for the study of communicative competence. In: R. Bauman & J. Sherzer (eds.) *Explorations in the ethnography of speaking*. Great Britain: Cambridge University Press.
- SILVA-CORVALÁN, C.S. 1977. Subject expression and placement in Mexican - American Spanish, in J. Amastae & L. Elías-Olivares (eds.) 1982. *Spanish in the United States - sociolinguistic aspects*. New York: Cambridge University Press. pp. 93-120.

- TARALLO, Fernando L. 1983. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Ph. D. University of Pennsylvania, Philadelphia, Penn. University Microfilms International.
- TARALLO, F. 1985. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo:Ática. (Série Princípios,9).
- TESNIÈRE, L. 1959. *Eléments de syntaxe structurale*. 2 ed. Paris:Klincksieck, 1969.
- THOMAS, Earl W. 1969. *The Syntax of Spoken Portuguese*. Nashville:Vanderbilt University Press.
- VENDLER, Zeno. 1957. *Verbs and Times*. In: VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. 3 ed. Ithaca: Cornell University Press, 1974. pp.97-121.
- VOTRE, Sebastião J. & Anthony Naro. 1984. *Inversão do sujeito na fala carioca*. Boletim da ABRALIN 6. Maio 1984. pp.189-96.
- VOTRE, S. & A. Naro. 1986. *Emergência da Sintaxe como um efeito discursivo*. In: *Relatório Final - Projeto Subsídios Sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação*. Volume III. UFRJ. pp.454-82.
- WEINREICH, Uriel; W. Labov & M. I. Herzog. 1968. *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*. In: W. F. Lehmann & Y. Malkiel (eds). *Directions for Historical Linguistics. A Symposium*. Austin; London: University of Texas Press.